



MEDITAÇÕES MATUTINAS 2020

EDITADO POR 



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS - 2020

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Meditações Matutinas» do Papa Francisco, inserem-se homilias pronunciadas pelo Santo Padre em diversas missas matutinas celebradas em 2020 na Casa Santa Marta.

No presente *epub* recolhem-se essas homilias, com início em 9 de Março até 17 de Maio de 2020, perfazendo 64 meditações.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

CELEBRAÇÃO MATUTINA TRANSMITIDA AO VIVO DA CAPELA DA CASA SANTA
MARTA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

“A graça da vergonha”

[Segunda-feira, 9 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Nestes dias, oferecerei a missa pelos doentes dessa epidemia de coronavírus, pelos médicos, enfermeiros, voluntários que ajudam muito, familiares, pelos idosos que estão em casas de repouso e pelos presos. Esta semana recitemos juntos esta intensa oração ao Senhor: “Salvai-me, Senhor, e concedei-me misericórdia. Os meus pés estão no caminho certo. Na assembleia bendirei ao Senhor”.

Homilia

A Primeira Leitura do Profeta Daniel é uma confissão dos pecados. O povo reconhece-se pecador. «Senhor, fostes fiel a nós, mas nós pecámos, fomos maus e ímpios. Fomos rebeldes, distanciamo-nos dos vossos mandamentos e leis. Não obedecemos aos vossos servos, os Profetas, que em vosso nome falaram aos nossos reis, aos nossos príncipes, aos nossos antepassados e a todo o povo do país». Há uma confissão dos pecados, um reconhecimento de que pecamos.

Quando nos preparamos para receber o Sacramento da Reconciliação, devemos fazer um “exame de consciência” e ver o que eu fiz diante de Deus: pequei. Reconhecer o pecado. Reconhecer o pecado não pode ser apenas fazer uma lista dos pecados intelectuais, dizer: “pequei”. Depois, digo-o ao padre e ele perdoa-me. Não é necessário, não é justo fazer isto. Seria como redigir uma lista das coisas que devo fazer ou que devo ter ou que fiz mal, mas que permanece na cabeça. Uma verdadeira confissão dos pecados deve permanecer no coração. Confessar-se não é apenas dizer ao

sacerdote esta lista: “Fiz isto e aquilo”, e depois ir embora. Estou perdoado. Não, não é justo. É preciso dar um passo, um passo a mais, que é a confissão das nossas misérias, mas com o coração, ou seja, de modo que aquela lista de coisas ruins que fiz desça ao coração.

Assim faz o profeta Daniel. «A Vós, Senhor, convém a justiça; a nós, a vergonha». Quando reconheço que pequei, que não rezei direito e sinto isto no coração, vem-me este sentimento de vergonha: “Envergonho-me por ter feito isto. Peço-lhe perdão com vergonha”. A vergonha pelos nossos pecados é uma graça, devemos pedi-la: “Senhor, que eu tenha vergonha”. Uma pessoa que perdeu a vergonha, perde a autoridade moral, perde o respeito pelos outros. Um desavergonhado. O mesmo acontece com Deus: devemos ter vergonha. A Vós convém a justiça; a nós, a vergonha. A vergonha no rosto, como hoje. “Senhor, continua Daniel, devemos ter vergonha no rosto: diante dos nossos reis e príncipes, dos nossos antepassados, pois pecámos contra Vós”. Ao Senhor nosso Deus, antes tinha dito convém a justiça, agora diz: cabe a misericórdia. Quando nós temos não apenas a recordação, a memória dos pecados que fizemos, mas também o sentimento de vergonha, isto toca o coração de Deus, que responde com misericórdia. O caminho para ir ao encontro da misericórdia de Deus é envergonhar-se das coisas ruins, das coisas más que fizemos. Assim, quando vou confessar-me digo não somente a lista de pecados, mas os sentimentos de confusão, de vergonha por ter feito isto a um Deus tão bom, tão misericordioso e justo.

Peçamos hoje a graça da vergonha: de ter vergonha pelos nossos pecados. Que o Senhor conceda a todos nós essa graça!

“Pecadores, mas em diálogo com Deus”

[Terça-feira, 10 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Continuemos a rezar juntos pelos doentes, pelos profissionais da saúde e por quantos sofrem devido a esta epidemia. Rezemos ao Senhor também pelos nossos sacerdotes, para que tenham a coragem de sair e ir ao encontro dos doentes, levando a força da Palavra de Deus e a Eucaristia, e de acompanhar os profissionais da saúde, os voluntários, neste trabalho que desempenham.

Homilia

Ontem a Palavra de Deus ensinava-nos a reconhecer os nossos pecados e a confessá-los, e não somente com a mente, mas também com o coração, com um espírito de vergonha; vergonha como postura mais nobre diante de Deus pelos nossos pecados. E, hoje, o Senhor chama todos, pecadores, a dialogar com Ele, porque o pecado nos fecha em nós mesmos, nos leva a ocultar-nos ou esconde a nossa verdade dentro. Foi isto que aconteceu com Adão, com Eva: depois do pecado, esconderam-se porque tinham vergonha; estavam nus. E o pecador, quando sente vergonha, tem a tentação de se esconder. E o Senhor chama: “Vamos, vinde, vamos discutir”, diz o Senhor, “Vamos falar do teu pecado, da tua situação. Não tenham medo. Não...”. E continua: “Mesmo que os vossos pecados fossem como escarlata, vão tornar-se brancos como a neve. Se fossem vermelhos como a púrpura, vão tornar-se como a lã”. “Vinde, porque posso mudar tudo”, diz o Senhor, “não tendes medo de falar, sede corajosos, até com as vossas misérias”.

Isto faz-me pensar num santo muito penitente, que rezava muito. E procurava dar sempre ao Senhor tudo aquilo que o Senhor lhe pedia. Mas o Senhor não estava feliz. E um dia, estava um pouco irritado com o Senhor, pois aquele santo tinha um certo temperamento. E disse ao Senhor: “Mas

Senhor, não te entendo. Eu te dou tudo, tudo, e Tu estás sempre tão insatisfeito, como se faltasse alguma coisa. O que falta?”. [E o Senhor responde]: “Dá-me os teus pecados: é isto que falta!”.

Ter a coragem de ir falar com o Senhor com as nossas misérias: “Vamos, vinde! Vamos discutir! Não tenhais medo. Mesmo que os vossos pecados fossem como escarlata, vão tornar-se brancos como a neve. Se fossem vermelhos como a púrpura, vão tornar-se como a lã”.

Este é o convite do Senhor. Mas há sempre um engano: em vez de ir falar com o Senhor, fingimos que não somos pecadores. É aquilo que o Senhor repreende aos doutores da lei. Estas pessoas fazem obras “para ser admiradas pelas pessoas: ampliam os seus filactérios e alongam as franjas; estão felizes com os lugares de honra nos banquetes, com os primeiros assentos nas sinagogas, com as saudações nas praças, e gostam de ser chamados Rabi pelas pessoas”. A aparência, a vaidade. Encobertar a verdade do nosso coração com a vaidade. A vaidade nunca cura! A vaidade nunca cura. Além disso, é venenosa, continua a trazer a doença do coração, a dureza do coração que te diz: “Não, não te dirijas ao Senhor, não...”.

A vaidade é apenas o modo de se fechar ao apelo do Senhor. Ao contrário, o convite do Senhor é o de um pai, de um irmão: “Vinde! Vamos conversar, falar. Afinal, sou capaz de mudar a tua vida de vermelho para branco”.

Que esta Palavra do Senhor nos encoraje; que a nossa oração seja uma prece real. Sobre a nossa realidade, os nossos pecados, as nossas misérias. Falemos com o Senhor. Ele sabe, Ele sabe o que somos. Sabemos isto, mas a vaidade nos convida sempre a encobertar. Que o Senhor nos ajude!

“A vaidade nos afasta da Cruz de Cristo”

[Quarta-feira, 11 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Continuemos a rezar pelos doentes desta epidemia. E, hoje, de maneira especial, gostaria de rezar pelos encarcerados, pelos nossos irmãos e irmãs, presos em cárceres. Eles sofrem, e devemos estar próximos deles com a oração para que o Senhor os ajude e console neste momento difícil.

Homilia

A primeira leitura, uma passagem do Profeta Jeremias, é realmente uma profecia sobre a Paixão do Senhor. O que dizem os inimigos? “Vinde para o atacarmos com a língua, e não vamos prestar atenção a todas as suas palavras”. Vamos colocar obstáculos. Não diz: “Vamos vencê-lo, vamos acabar com ele”, não. Dificultar a sua vida, atormentá-lo. É o sofrimento do profeta, mas ali há uma profecia sobre Jesus. O próprio Jesus, no Evangelho, nos fala disto: “Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos mestres da Lei. Eles irão condená-lo à morte e entregá-lo aos pagãos para zombar dele, para o flagelar e crucificar”. Não é somente uma sentença de morte: mais. Há a humilhação, a obstinação. E quando há obstinação na perseguição de um cristão, de uma pessoa, ali está o diabo. O diabo tem dois estilos: a sedução, com as promessas do mundo, como quis fazer com Jesus no deserto, seduzi-lo, e com a sedução fazê-lo mudar o plano da redenção; e, se isto não funcionar, a obstinação. Não há meio-termo, o diabo. A sua soberba é tão grande que procura destruir, e destruir desfrutando da destruição com a obstinação. Pensemos nas perseguições de tantos santos, de tantos cristãos que não só os matam, mas também os fazem sofrer e buscam, de todas as formas, humilhá-los, até ao fim. Não confundir uma simples perseguição social, política, religiosa, com a obstinação do diabo. O diabo obstina-se,

para destruir. Pensemos no Apocalipse: quer devorar aquele filho da mulher, que está para nascer.

Os dois ladrões que estavam crucificados com Jesus foram condenados, crucificados, e deixaram-nos morrer em paz. Ninguém os insultava: não interessava. O insulto era somente a Jesus, contra Jesus. Jesus diz aos apóstolos que será condenado à morte, mas será ridicularizado, flagelado, crucificado... zombam dele.

E o caminho para sair da obstinação do diabo, dessa destruição, é o espírito mundano, aquele que a mãe pede para os filhos, os filhos de Zebedeu. Jesus fala de humilhação, que é o próprio destino, e pedem-lhe aparência, poder. A vaidade, o espírito mundano é mesmo, o caminho que o diabo oferece para se distanciar da Cruz de Cristo. A própria realização, o carreirismo, o sucesso mundano: são todos caminhos não cristãos, são todos caminhos para encobertar a Cruz de Jesus.

Que o Senhor nos conceda a graça de saber discernir quando há o espírito que nos quer destruir com a obstinação, e quando o próprio espírito nos quer consolar com as aparências do mundo, com a vaidade. Mas não esqueçamos: quando há obstinação, há ódio, vingança do diabo derrotado. É assim até hoje, na Igreja. Pensemos em tantos cristãos, como são cruelmente perseguidos. Nestes dias, os jornais falaram de Asia Bibi: nove anos na prisão, sofrendo. É a obstinação do diabo.

Que o Senhor nos conceda a graça de discernir o caminho do Senhor, que é a Cruz, do caminho do mundo, que é a vaidade, aparecer, disfarçar”.

“Para não cair na indiferença”

[Quinta-feira, 12 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Continuemos a rezar juntos, neste momento de pandemia, pelos doentes, pelos familiares, pelos pais com crianças em casa... mas, sobretudo, gostaria de vos pedir que rezeis pelas autoridades: elas devem decidir e muitas vezes decidir medidas que não agradam o povo. Mas é pelo nosso bem. E muitas vezes, a autoridade sente-se sozinha. Rezemos pelos nossos governantes, que devem tomar a decisão sobre estas medidas: que se sintam acompanhados pela oração do povo.

Homilia

Esta narração de Jesus é muito clara; pode parecer uma narração para crianças: é muito simples. Jesus quer indicar-nos com isto não só uma história, mas a possibilidade de que toda a humanidade viva assim, que todos nós vivamos assim.

Dois homens, um satisfeito, que sabia vestir-se bem, talvez buscasse os grandes estilistas da época para se vestir; usava roupas de púrpura e linho finíssimo. E depois vivia bem, pois todos os dias oferecia esplêndidos banquetes. Ele era feliz assim. Não tinha preocupações, tomava precauções, talvez alguma pílula contra o colesterol para os banquetes, mas a vida ia bem assim. Estava tranquilo.

À sua porta havia um pobre: chamava-se Lázaro. Ele sabia que o pobre estava ali, sabia. Mas parecia-lhe natural: “Eu vivo bem e ele... mas assim é a vida, que se vire”. No máximo, talvez – o Evangelho não diz – às vezes dava alguma coisa, algumas migalhas. E assim a vida dessas duas pessoas passou. Ambos passaram pela Lei que cabe a todos nós: morrer. Morreu o

rico e morreu Lázaro. O Evangelho diz que Lázaro foi levado para o Céu, ao lado de Abraão... Do rico diz somente: foi enterrado. Ponto. E acaba.

Há duas coisas que impressionam: que o rico soubesse que havia aquele pobre e que conhecesse o seu nome, Lázaro. Mas não importava, parecia-lhe natural. O rico talvez fizesse também os seus negócios que, no final, iam contra os pobres. Conhecia claramente, estava informado sobre aquela realidade. E a segunda coisa que me impressiona muito é a expressão “grande abismo” que Abraão diz ao rico. “Entre nós há um grande abismo, não podemos comunicar; não podemos passar de uma parte para a outra”. O mesmo abismo que havia na vida entre o rico e Lázaro: o abismo não começou lá, o abismo começou aqui.

Pensei no drama deste homem: o drama de ser muito informado, mas manter o coração fechado. As informações deste homem rico não chegavam ao coração, não sabia comover-se, não podia comover-se diante do drama dos outros. Nem mesmo sabia chamar um dos jovens que serviam o banquete e dizer “leva-lhe isto, aquilo...”. O drama da informação que não chega ao coração. Isto acontece também conosco. Todos nós sabemos, porque vemos no telejornal, vemos nos jornais, quantas crianças passam fome hoje no mundo; quantas crianças não têm os remédios necessários; quantas crianças não podem ir à escola. Continentes com este drama: nós sabemos isto. Pobrezinhos... e continuamos. Esta informação não chega ao nosso coração e muitos de nós, muitos grupos de homens e mulheres vivem este distanciamento entre aquilo que pensam, o que sabem e aquilo que ouvem: o coração está separado da mente. São indiferentes. Assim como o rico era indiferente à dor de Lázaro. Há o abismo da indiferença.

Quando fui pela primeira vez a Lampedusa, veio-me esta expressão: a globalização da indiferença. Talvez nós hoje aqui em Roma estejamos preocupados porque “parece que as lojas estão fechadas, tenho que comprar isto, e parece que não posso passear todos os dias, e parece que...”: preocupados com as *minhas* coisas. E esquecemos as crianças famintas, esquecemos aquela pobre gente que nos confins dos países buscam a liberdade, aqueles migrantes forçados que fogem da fome e da guerra e encontram somente um muro, um muro feito de ferro, um muro de arame farpado, mas um muro que não os deixa passar. Sabemos que isto existe,

mas não chega ao coração... Vivemos na indiferença: a indiferença é o drama de estar bem informado, mas não sentir a realidade dos outros. Este é o abismo: o abismo da indiferença.

Depois há outra coisa que impressiona. Aqui sabemos o nome do pobre. A gente sabe. Lázaro. Também o rico sabia, porque quando estava no inferno pede a Abraão que envie Lázaro. Ali reconheceu-o: “Manda-me Lázaro”. Mas não sabemos o nome do rico. O Evangelho não diz como se chamava este senhor. Não tinha nome. Tinha perdido o nome: havia somente os adjetivos da sua vida. Rico, poderoso... muitos adjetivos. É isto que o egoísmo provoca em nós: faz perder a nossa identidade real, o nosso nome, e somente nos leva a avaliar os adjetivos. A mundanidade ajuda-nos nisso. Caímos na cultura dos adjetivos, onde o seu valor é aquilo que possui, aquilo que pode... Mas não “qual é o seu nome?": perdeu o nome. A indiferença leva a isto. Perder o nome. Somos somente ricos, somos isto, somos aquilo. Somos adjetivos.

Peçamos hoje ao Senhor a graça de não cair na indiferença, a graça de que todas as informações das dores humanas que temos cheguem ao coração e nos levem a fazer algo pelos outros.

“Não esqueçamos a gratuidade da revelação”

[Sexta-feira, 13 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Nestes dias unimos-nos aos doentes, às famílias, que sofrem esta pandemia. E gostaria de rezar hoje também pelos pastores que devem acompanhar o povo de Deus nesta crise: que o Senhor lhes dê a força e também a capacidade de escolher os meios melhores para ajudar. Nem sempre as medidas drásticas são boas, por isso rezemos: para que o Espírito Santo dê aos pastores a capacidade e o discernimento pastoral a fim de que providenciem medidas que não deixem sozinho o santo povo fiel de Deus. Que o povo de Deus se sinta acompanhado pelos pastores e pelo conforto da Palavra de Deus, dos sacramentos e da oração.

Homilia

Ambas as leituras são uma profecia da Paixão do Senhor. José vendido como escravo por 20 moedas de prata, entregue aos pagãos. E a parábola de Jesus, que fala clara e simbolicamente do assassinato do Filho. Esta história de “um homem que possuía um terreno, plantou nele uma vinha – o cuidado com o qual a fizera – cercou-a com uma sebe, abriu nela um lugar para a prensa e construiu uma torre – tinha feito isto muito bem. Depois, arrendou-a a vinhateiros e partiu para longe”. Este é o povo de Deus. O Senhor escolheu aquele povo, há a eleição daquele povo. É o povo da eleição. Também há uma promessa: “Ide avante. Vós sois o meu povo”, uma promessa feita a Abraão. E também há uma aliança feita com o povo no Sinai. O povo deve guardar sempre a eleição na memória, que é um povo eleito, a promessa para olhar em frente com esperança e a aliança para viver a fidelidade cada dia.

Mas nesta parábola, acontece que quando chegou o tempo para colher o fruto, esse povo esqueceu-se de que ele não era o proprietário: “Os

lavradores pegaram nos servos, bateram num deles, mataram outro, lapidaram o outro. Depois o senhor mandou outros servos, mais numerosos, mas trataram-nos do mesmo modo”. Certamente, Jesus mostra – falando aos doutores da lei – como os doutores da lei trataram os profetas. “Por último, mandou-lhes o próprio filho”, pensando que o respeitariam. “Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro. Vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança!’”. Roubaram a herança, que era outra. Uma história de infidelidade, de infidelidade à eleição, de infidelidade à promessa, de infidelidade à aliança, que é um dom. A eleição, a promessa e a aliança são um dom de Deus. Infidelidade ao dom de Deus. Não entender que era um dom e tomá-lo como propriedade. Esse povo apropriou-se do dom, tirou esse dom para o transformar em “minha” propriedade. E o dom, que é riqueza, abertura, bênção, foi encerrado, aprisionado numa doutrina de muitas leis. Foi ideologizado. E assim o dom perdeu a sua natureza de dom, acabou numa ideologia. Sobretudo numa ideologia moralista, repleta de preceitos, inclusive ridícula porque passa para a casuística em tudo. Apropriaram-se do dom.

Este é o grande pecado. É o pecado de esquecer que Deus se fez Ele mesmo dom para nós, que Deus nos ofereceu isto como dom e, esquecendo isto, tornar-nos proprietários. E a promessa já não é promessa, a eleição já não é eleição: “A aliança deve ser interpretada segundo o meu parecer, ideologizado”.

Aí, nessa atitude, talvez eu veja no Evangelho o início do clericalismo, que é uma perversão, que renega sempre a eleição gratuita de Deus, a aliança gratuita de Deus, a promessa de Deus. Esquece a gratuidade da revelação, esquece que Deus se manifestou como dom, se fez dom para nós e nós devemos dá-lo, mostrá-lo aos outros como dom, não como nossa posse. O clericalismo não é uma coisa somente destes dias, a rigidez não é uma coisa destes dias, já havia no tempo de Jesus. E depois Jesus seguirá adiante na explicação das parábolas – esse é o capítulo 21 – seguirá adiante até chegar ao capítulo 23 com a condenação, onde se vê a ira de Deus contra aqueles que tomam o dom para si como propriedade e reduzem a sua riqueza aos caprichos ideológicos da própria mente.

Peçamos ao Senhor a graça de receber o dom como dom e transmiti-lo como dom, não como propriedade, não de modo sectário, rígido, “clericalista”.

“Viver em casa sem se sentir em casa”

[Sábado, 14 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Continuemos a rezar pelos doentes desta pandemia. Hoje gostaria de pedir uma oração especial pelas famílias, famílias que de um dia para o outro se encontram com os seus filhos em casa, porque as escolas estão fechadas por razões de segurança e devem gerir uma situação difícil, e gerir bem, com paz e também com alegria. De modo especial, penso naquelas famílias que têm algum membro com deficiência. Os centros de acolhimento diurnos para pessoas com deficiência estão fechados e a pessoa permanece em família. Rezemos pelas famílias, para que não percam a paz neste momento e sejam capazes de levar avante toda a família com coragem e alegria.

Homilia

Muitas vezes ouvimos esta passagem do Evangelho. Esta parábola, Jesus di-la num contexto especial: “Todos os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o escutar”. Os fariseus e escribas murmuravam, dizendo: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”. E Jesus respondeu-lhes com esta parábola.

O que eles dizem? As pessoas, os pecadores aproximam-se em silêncio, não sabem como dizer, mas a sua presença diz muitas coisas, eles queriam escutar. O que dizem os doutores da lei? Eles criticam. “Murmuravam”, diz o Evangelho, tentando cancelar a autoridade que Jesus tinha em relação ao povo. Esta é a grande acusação: “Ele come com pecadores, é um impuro”. Então, a parábola é um pouco a explicação deste drama, deste problema. O que é que estas pessoas sentem? As pessoas sentem a necessidade da salvação. As pessoas não sabem distinguir bem, intelectualmente: “Devo encontrar o meu Senhor, para que Ele me encha”, precisam de um guia, de

um pastor. E as pessoas aproximam-se de Jesus porque veem n'Ele um pastor, devem ser ajudadas a caminhar na vida. Sentem esta necessidade. Os outros, os doutores, sentem suficiência: “Fomos à universidade, fiz um doutorado, não... dois doutorados. Bem sei, sei muito bem, o que diz a lei; melhor, conheço todas, todas as explicações, todos os casos, todas as atitudes da casuística”. E eles sentem-se suficientes e desprezam as pessoas, desprezam os pecadores: o desprezo pelos pecadores.

Na parábola, o que é que se diz? O filho diz ao pai: “Dá-me o dinheiro e eu vou-me embora”. O pai dá-lhe, mas não diz nada porque é pai, talvez tenha tido a recordação de alguma tolice feita quando era jovem, mas não diz nada. Um pai sabe sofrer em silêncio. Um pai olha para o tempo. Deixa passar os maus momentos. Muitas vezes a atitude de um pai é “fazer-se de parvo” diante das falhas dos seus filhos. O outro filho repreende o pai: “O senhor foi injusto”, diz.

O que sentem as pessoas da parábola? O jovem sente o desejo de dominar o mundo, de ir além, de sair de casa, e talvez viva na casa como numa prisão, e também tem a suficiência de dizer ao pai: “Dá-me o que é meu”. Sente coragem, força. O que é que o pai sente? O pai sente dor, ternura e muito amor. Então, quando o filho pronuncia a outra palavra: “Vou levantar-me – quando cai em si – vou levantar-me e irei ter com o meu pai”, encontra o pai à sua espera, vê-o de longe. Um pai que sabe esperar o tempo dos seus filhos. O que é que o filho mais velho sente? Diz o Evangelho: “Ficou indignado”, ele sente esse desprezo. E tantas vezes, para essas pessoas, ficar indignado é a única maneira de se sentir digno.

Eis as coisas ditas nesta passagem do Evangelho, as coisas que se sentem.

Mas qual é o problema? O problema - vamos começar pelo filho mais velho - o problema é que ele estava em casa, mas nunca percebeu o que significava viver em casa: cumpria as suas tarefas, fazia o seu trabalho, mas não entendia o que era uma relação de amor com o seu pai. “O filho mais velho ficou indignado e não quis entrar”. “Mas esta já não é a minha casa?”... pensou. Como os doutores da lei. “Não há ordem. Veio este pecador e fizeram-lhe uma festa. E eu?”. O pai profere palavras claras: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu”. E disto o filho

não se dava conta, vivia em casa como num hotel, sem sentir aquela paternidade... Tantos “hóspedes” na casa da Igreja que se julgam patrões. É interessante, o pai não diz uma palavra ao filho que volta do pecado, só o beija, abraça e lhe dedica um banquete; deve explicar-lhe, para entrar no seu coração: ele tinha o coração blindado pelos seus conceitos de paternidade, de filiação, de modo de viver.

Lembro-me que certa vez um sacerdote idoso e sábio, um grande confessor, um missionário, um homem que amava tanto a Igreja, falando de um sacerdote jovem, que era muito seguro de si mesmo, muito crente... que se julgava valoroso e que tinha direitos na Igreja. O idoso disse-lhe: “Rezo por isto, para que o Senhor lhe coloque uma casca de banana no caminho e o faça escorregar, isso far-lhe-á bem”. Como se dissesse, embora pareça blasfêmia: “Far-lhe-á bem pecar, porque depois deverá pedir perdão e assim encontrará o Pai”.

Esta parábola do Senhor diz-nos muitas coisas, uma resposta para aqueles que o criticavam porque ele andava com os pecadores. Mas também hoje muitos, pessoas da Igreja, criticam aqueles que se aproximam de pessoas necessitadas, de pessoas humildes, de pessoas que trabalham, até aqueles que trabalham para nós. Que o Senhor nos dê a graça de entender qual é o problema. O problema é viver em casa sem se sentir em casa, porque não há relação de paternidade, de fraternidade, apenas a relação de companheiros de trabalho.

“Dirigir-se ao Senhor com a minha verdade”

[Terceiro Domingo de Quaresma, 15 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Neste domingo de Quaresma, rezemos todos juntos pelos doentes, pelas pessoas que sofrem. E hoje gostaria de recitar com todos vós uma oração especial pelas pessoas que, com o seu trabalho, garantem o funcionamento da sociedade: os trabalhadores das farmácias, dos supermercados, do transporte, os polícias. Rezemos por todos aqueles que trabalham para que a vida social, a vida na cidade, possa seguir em frente neste momento.

Homilia

O Evangelho faz-nos conhecer um diálogo, um diálogo histórico - não é uma parábola, isto aconteceu - de um encontro de Jesus com uma mulher, com uma pecadora.

É a primeira vez que, no Evangelho, Jesus declara a sua identidade. E declara-a a uma pecadora que teve a coragem de lhe dizer a verdade... E depois, com o mesmo argumento, foi anunciar Jesus: “Vinde, talvez seja o Messias, porque Ele me contou tudo o que eu fiz”. Não apresenta argumentos teológicos - como talvez tenha feito no diálogo com Jesus: “Neste monte, o outro monte” – mas apresenta a sua verdade. E a sua verdade é aquilo que a santifica, a justifica, é o que o Senhor usa, a sua verdade, para anunciar o Evangelho: não se pode ser discípulo de Jesus sem a própria verdade, sem o que somos. Não se pode ser discípulo de Jesus somente com argumentações: “Sobre este monte, sobre aquele outro”. Essa mulher teve a coragem de dialogar com Jesus, porque esses dois povos não dialogavam entre si. Teve a coragem de se interessar pela proposta de Jesus, a água, porque sabia que Ele tinha sede. Teve a coragem de confessar as suas fraquezas, os seus pecados; antes, a coragem de usar a própria história

como garantia que aquele era um profeta. “Ele contou-me tudo o que eu fiz”.

O Senhor quer dialogar sempre com transparência, sem esconder as coisas, sem duplas intenções: “Sou assim”. E assim falo com o Senhor, como sou, com a minha verdade. E assim, a partir da minha verdade, pela força do Espírito Santo, encontro a Verdade: que o Senhor é o Salvador, aquele que veio para me salvar, para nos salvar.

Esse diálogo tão transparente entre Jesus e a mulher termina com a confissão da realidade messiânica de Jesus, com a conversão daquele povo (aquele campo) que o Senhor viu branquear, que vinha ter com Ele, porque estava pronto para a ceifa.

Que o Senhor nos dê a graça de rezar sempre com a verdade, de nos dirigirmos ao Senhor com a nossa verdade, não com a verdade dos outros, nem com verdades destiladas em argumentações: “É verdade, tive cinco maridos, tal é a minha verdade” (cf. vv. 17-18).

“Deus sempre age na simplicidade”

[Segunda-feira, 16 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Continuemos a rezar pelos doentes. Penso nas famílias, fechadas em casa, nas crianças que não vão à escola, nos pais que talvez não possam sair; alguns estarão em quarentena. Que o Senhor os ajude a descobrir novos modos, novas expressões de amor, de convivência nesta nova situação. É uma ocasião bela para reencontrar os verdadeiros afetos, com a criatividade em família. Rezemos pela família, para que as relações na família neste momento floresçam sempre para o bem.

Homilia

Em ambos os textos que hoje a Liturgia nos leva a meditar, há uma atitude que chama a atenção, uma atitude humana, mas não de bom espírito: a indignação. Este povo de Nazaré começou a ouvir Jesus, gostava do modo como Ele falava, mas depois alguém disse: “Mas este aí estudou em qual universidade? Este é o filho de Maria e José, este é o carpinteiro! O que nos vem dizer?”. E o povo indignou-se. Entram nesta indignação. E essa indignação leva-os à violência. E aquele Jesus que admiravam no início da pregação é levado para fora da cidade, para o lançar do alto do monte.

Também Naamã, que era um homem bom, inclusive aberto à fé, mas quando o profeta lhe manda banhar-se no Jordão, indigna-se. Mas como é possível? “Eu pensava que ele viria pessoalmente e, diante de mim, invocaria o Senhor, seu Deus, poria a mão no lugar infetado e curar-me-ia da lepra. Porventura os rios de Damasco, o Abana e o Farfar, não são melhores que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles e ficar limpo? E, voltando-se, retirou-se encolerizado”. Com indignação.

Também em Nazaré há pessoas boas; mas o que há por trás destas boas pessoas que as leva a essa atitude de indignação? E em Nazaré é pior: a violência. Quer as pessoas da sinagoga de Nazaré, quer Naamã pensavam que Deus se manifestasse somente no extraordinário, nas coisas fora do comum; que Deus não podia agir nas coisas comuns da vida, na simplicidade. Indignavam-se com o simples. Eles indignavam-se, desprezavam as coisas simples. E o nosso Deus faz-nos entender que Ele age sempre na simplicidade: na simplicidade, na casa de Nazaré, na simplicidade do trabalho de todos os dias, na simplicidade da oração... As coisas simples. Ao contrário, o espírito mundano leva-nos à vaidade, às aparências...

E ambas acabam na violência: Naamã é muito educado, mas bate a porta diante do profeta e vai embora. A violência, um gesto de violência. O povo da sinagoga começa a irritar-se, a acalorar-se, e toma a decisão de assassinar Jesus, mas inconscientemente, e expulsam-no para o lançar do alto do monte. A indignação é uma tentação terrível, que leva à violência.

Dias atrás, mostraram-me num telefone celular um vídeo da porta de um prédio em quarentena. Havia uma pessoa, um jovem, que queria sair. E o guarda disse-lhe que não podia. Ele reagiu com socos, com indignação, com desprezo. “Mas quem és tu, ‘negro’, para impedir que eu saia?”. A indignação é a atitude dos soberbos, mas dos soberbos pobres, dos soberbos com uma terrível pobreza de espírito, dos soberbos que vivem somente com a ilusão de ser mais do que realmente são. É uma estratificação espiritual, o povo que se indigna: aliás, estes indivíduos sentem a necessidade de se indignar muitas vezes para se sentir pessoas.

Isto pode acontecer também com cada um de nós: “o escândalo farisaico”, chamam-lhe os teólogos, escandalizar-me com coisas que são a simplicidade de Deus, a simplicidade dos pobres, a simplicidade dos cristãos, como se dissesse: “Mas isso não é Deus. Não, não! O nosso deus é mais culto, é mais sábio, é mais importante. Deus não pode agir nesta simplicidade”. E a indignação leva-nos sempre à violência, quer à violência física, quer à dos mexericos, que mata como a violência física.

Pensem nestas duas passagens: a indignação do povo na sinagoga de Nazaré e a indignação de Naamã, porque não entenderam a simplicidade do

nosso Deus.

“Pedir perdão implica perdoar”

[Terça-feira, 17 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Hoje gostaria de rezar convosco pelos anciãos que sofrem neste momento de modo particular, com uma solidão interior muito grande e por vezes com tanto medo. Peçamos ao Senhor que esteja próximo dos nossos avôs e avós, de todos os anciãos, e que lhes dê força. Eles transmitiram-nos a sabedoria, a vida, a história. Também nós nos façamos próximos deles com a oração.

Homilia

Jesus tenciona fazer uma catequese sobre a unidade dos irmãos e acaba por proferir uma bonita expressão: “Asseguro-vos que se dois ou três de vós, chegarem a um acordo e pedirem uma graça, ela ser-vos-á concedida». A unidade, a amizade, a paz entre os irmãos atrai a benevolência de Deus. E Pedro faz esta pergunta: “Sim, mas o que devemos fazer com as pessoas que nos ofendem? Se o meu irmão pecar contra mim, se me ofender, quantas vezes deverei perdoá-lo? Até sete vezes?”. Jesus responde com aquela palavra que, no idioma deles, significa “sempre”: “Setenta vezes sete”. Devemos perdoar sempre.

Mas não é fácil perdoar. Porque o nosso coração egoísta está sempre apegado ao ódio, às vinganças, aos rancores. Todos vemos famílias destruídas por ódios familiares que passam de geração em geração. Irmãos que, diante do caixão de um dos pais, não se saúdam porque levam adiante rancores antigos. Parece que o apegar-se ao ódio é mais forte do que o apegar-se ao amor; e este é propriamente o tesouro – digamos assim – do diabo. Ele esconde-se sempre entre os nossos rancores, entre os nossos ódios e fá-los crescer, mantendo-os ali para destruir. Destrói tudo. E muitas vezes destrói por coisas insignificantes.

E também se destrói este Deus que não veio para condenar, mas para perdoar. Este Deus que é capaz de fazer festa por um pecador que se aproxima e esquece tudo. Quando Deus perdoa, esquece todo o mal que fizemos. Alguém dirá: “É a doença de Deus”. Nestes casos Ele não tem memória, é capaz de perder a memória. Deus perde a memória das histórias terríveis de tantos pecadores, dos nossos pecados. Perdoa-nos e segue adiante. Pede-nos apenas: “Faz o mesmo: aprende a perdoar”, não leves adiante esta cruz infecunda do ódio, do rancor, do “vais pagar por isto”. Esta palavra não é nem cristã nem humana. É a generosidade de Jesus que nos ensina que para entrar no céu devemos perdoar. Aliás, diz-nos: “Vais à Missa?” – “Sim” – “Mas se fores à Missa e te recordares que o teu irmão tem algo contra ti, primeiro, não venhas ao meu encontro com o amor por mim numa mão e com o ódio pelo irmão na outra”. Coerência de amor. Perdoar. Perdoar de coração!

Há pessoas que vivem condenado o próximo, falando mal dos outros, difamando continuamente os seus colegas de trabalho, os vizinhos, os parentes, porque não perdoam algo que lhes fizeram, ou não perdoam algo que não lhes agradou. Parece que a riqueza própria do diabo é esta: semear o amor não perdoando, viver apegado ao não-perdão. Mas o perdão é a condição para entrar no céu.

A parábola que Jesus nos narra é muito clara: perdoar. Que o Senhor nos ensine esta sabedoria do perdão, a qual não é fácil. E façamos algo: quando formos confessar-nos, quando recebermos o sacramento da reconciliação, antes perguntemo-nos: “Eu perdooo?”. Se sinto que não perdooo, não devo fingir que peço o perdão, porque não serei perdoado. Pedir perdão significa perdoar. Ambos caminham juntos. Não podem separar-se. E quantos pedem perdão para si, como aquele senhor a quem o patrão perdoa tudo, mas não perdoam os outros, acabarão como aquele senhor. “Assim vos tratará o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão, de todo o coração”.

Que o Senhor nos ajude a entender isto e a abaixar a cabeça, a não ser soberbos, a ser magnânimos no perdão. Ao menos a perdoar “por interesse”. Como é possível? Sim: perdoar, pois se eu não perdoar, não serei perdoado. Pelo menos isto. Mas perdoar sempre!

“O Nosso Deus está próximo e pede-nos para estarmos próximos um do outro”

[Quarta-feira, 18 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Hoje rezemos pelos defuntos, por aqueles que perderam a vida por causa do vírus; de modo especial, gostaria de rezar pelos agentes de saúde que morreram nestes dias. Deram a vida ao serviço dos doentes.

Homilia

O tema de ambas as leituras de hoje é a Lei. A Lei que Deus dá ao seu povo. A Lei que o Senhor quis dar-nos e que Jesus desejou levar à máxima perfeição. Mas tem algo que chama a atenção: o *modo* como Deus transmite a Lei. Moisés diz: “Com efeito, qual grande nação tem deuses tão próximos de si como está próximo de nós o Senhor, nosso Deus, cada vez que o invocamos?”. O Senhor dá a Lei ao seu povo com uma atitude de proximidade. Não são prescrições de um governante, que pode estar distante, nem de um ditador... não: é a proximidade; e pela revelação sabemos que se trata de uma proximidade paterna, de pai, que acompanha o seu povo, oferecendo-lhe o dom da Lei. O Deus próximo. “Com efeito, qual grande nação tem deuses tão próximos de si como está próximo de nós o Senhor, nosso Deus, cada vez que o invocamos?”.

O nosso Deus é o Deus da proximidade, é um Deus próximo, que caminha com o seu povo. Aquela imagem no deserto, no Êxodo, a nuvem, a coluna de fogo para proteger o povo: caminha com o seu povo. Não é um Deus que deixa prescrições escritas, “e segue adiante”. Faz prescrições, escreve-as na pedra com as próprias mãos, dá-las a Moisés, entrega-as a Moisés; não se limita a dar prescrições e a ir embora: caminha, está próximo. “Qual nação tem um Deus tão próximo?”. É a proximidade. O nosso Deus é o Deus da proximidade.

E a primeira resposta do homem, nas primeiras páginas da Bíblia, são duas atitudes de não-proximidade. A nossa resposta consiste sempre em distanciar-nos; distanciamos-nos de Deus. Ele faz-se próximo e nós distanciamos-nos. Aquelas duas primeiras páginas, a primeira atitude de Adão e da mulher é esconder-se: escondem-se da proximidade de Deus, têm vergonha porque pecaram; o pecado leva-nos a esconder-nos, a não desejar a proximidade. E muitas vezes, a fazer uma teologia pensando somente “no juiz”; é por isso que me escondo: tenho medo. A segunda atitude, humana, à proposta desta proximidade de Deus é matar. Matar o irmão. “Não sou o guarda do meu irmão”.

Duas atitudes que eliminam toda a proximidade. O homem rejeita a proximidade de Deus, quer ser dono das relações; mas a proximidade traz sempre consigo alguma fraqueza. O “Deus próximo” faz-se fraco, e quanto mais se aproxima, mais fraco parece. Quando vem habitar connosco, faz-se homem, um de nós: faz-se fraco e carrega a fraqueza até à morte e a morte mais cruel, a morte dos assassinos, a morte dos maiores pecadores. A proximidade humilha Deus. Ele humilha-se para estar ao nosso lado, para caminhar connosco, para nos ajudar.

O “Deus próximo” fala-nos de humildade. Não é um “grande Deus” distante... não. Está próximo. É de casa. E vemos isso em Jesus, Deus que se fez homem, próximo dos seus discípulos até à morte: acompanha-os, ensina-os, corrige-os com amor... Pensemos, por exemplo, na proximidade de Jesus aos discípulos angustiados de Emaús: estão aflitos, derrotados, e Ele aproxima-se lentamente, para lhes explicar a mensagem de vida, de ressurreição.

O nosso Deus está próximo e pede-nos que estejamos próximos uns dos outros, que não nos afastemos uns dos outros. E neste momento de crise, devido à pandemia que vivemos, esta proximidade deve tornar-se ainda mais evidente. Talvez não possamos aproximar-nos fisicamente por medo do contágio, mas podemos despertar uma atitude de proximidade entre nós: com a oração, a ajuda e tantos modos de proximidade. E por que motivo devemos estar próximos uns dos outros? Porque o nosso Deus está próximo, quis acompanhar-nos na vida. É o Deus da proximidade. Por isso,

não somos pessoas isoladas: estamos próximos, pois a herança que recebemos do Senhor é a proximidade, ou seja, o gesto da proximidade.

Peçamos ao Senhor a graça de estar próximos, sem nos escondermos uns dos outros; não lavemos as mãos, como fez Caim, diante do problema do outro: não! Próximos, proximidade. “Com efeito, qual grande nação tem deuses tão próximos de si como está próximo de nós o Senhor, nosso Deus, cada vez que o invocamos?”.

“Viver na concretude da vida cotidiana e do mistério”

Solenidade de São José

[Quinta-feira, 19 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Rezemos hoje pelos irmãos e irmãs que se encontram no cárcere: eles sofrem muito, pela incerteza daquilo que acontecerá na prisão, e pensando também nas suas famílias, como elas estão, se alguém está doente, se falta alguma coisa. Hoje estejamos próximos dos encarcerados, que sofrem muito neste momento de incerteza e de dor.

Homilia

O Evangelho (*Mt* 1, 16.18-21.24) diz-nos que José era “justo”, ou seja, um homem de fé, que vivia a fé. Um homem que pode ser incluído na lista de todas aquelas pessoas de fé que recordamos hoje no Ofício das Leituras. Aquelas pessoas que viveram a fé como fundamento do que se espera, como garantia do que não se vê; e a prova não se vê. José é homem de fé: por isso, era “justo”. Não somente porque acreditava, mas também porque vivia esta fé. Homem “justo”. Foi eleito para educar um homem que era verdadeiro homem, mas também verdadeiro Deus: era preciso um homem-Deus para educar um homem assim, mas não havia. O Senhor escolheu um “justo”, um homem de fé. Um homem capaz de ser humano e também capaz de falar com Deus, de entrar no mistério de Deus. E esta foi a vida de José. Viver a sua profissão, a sua vida de homem e entrar no mistério. Um homem capaz de falar com o mistério, de dialogar com o mistério de Deus. Não era um sonhador. Entrava no mistério. Com a mesma naturalidade com a qual levava adiante a sua profissão, com a precisão da sua profissão: ele era capaz de ajustar milimetricamente uma quina da madeira, sabia fazê-lo; era capaz de rebaixar, de diminuir um milímetro da madeira, da superfície da madeira. Justo, era preciso. Mas também era capaz de entrar no mistério que ele não podia controlar.

Eis a santidade de José: levar adiante a sua vida, o seu trabalho com justeza, com profissionalismo; e, no momento exato, entrar no mistério. Quando o Evangelho nos fala dos sonhos de José, explica-nos isto: ele entra no mistério.

Penso na Igreja hoje, nesta Solenidade de São José. Os nossos fiéis, bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas, os Papas: são capazes de entrar no mistério? Ou devem ajustar-se segundo as prescrições que os defendem daquilo que não podem controlar? Quando a Igreja perde a possibilidade de entrar no mistério, perde a capacidade de adorar. A prece de adoração somente é possível quando entramos no mistério de Deus.

Peçamos ao Senhor a graça de que a Igreja possa viver no pragmatismo da vida diária e também na solidez – entre aspas – do mistério. Se não conseguir fazê-lo, será uma Igreja pela metade, uma associação piedosa, levada adiante por prescrições, mas sem o sentido da adoração. Entrar no mistério não é sonhar; entrar no mistério é precisamente isto: adorar. Entrar no mistério é fazer aquilo que faremos no futuro, quando chegarmos à presença de Deus: adorar.

Que o Senhor conceda esta graça à Igreja!

“Voltar a Deus é retornar ao abraço do Pai”

[Sexta-feira, 20 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Ontem recebi a mensagem de um sacerdote bergamasco, pedindo para rezar pelos médicos de Bérgamo, Treviglio, Bréscia e Cremona, que trabalham no limite das suas forças; eles dão as suas próprias vidas para ajudar os doentes, para salvar a vida dos outros. E oremos também pelas autoridades; para elas não é fácil gerir este momento, e muitas vezes sofrem devido a incompreensões. Neste momento médicos, pessoal hospitalar e voluntários da saúde ou autoridades são colunas que nos ajudam a seguir em frente e nos defendem nesta crise. Rezemos por eles.

Homilia

Quando leio ou ouço esta passagem do profeta Oseias, que ouvimos na Primeira Leitura: “Volta, Israel, para o Senhor, teu Deus”, quando a ouço, lembro-me de uma canção que há 75 anos Carlo Buti cantava e que nas famílias italianas em Buenos Aires as pessoas ouviam com grande prazer: “Volta para o teu pai. Ele ainda cantará para ti a canção de ninar”. Volta: mas é o teu pai que te diz para voltar. Deus é o teu pai, não é o juiz, é o teu pai: “Volta para casa, escuta, vem”.

E esta recordação – eu era menino – leva-me imediatamente ao pai do capítulo 15 de Lucas, àquele pai que diz: “Estava ainda longe, quando o seu pai o viu”, aquele filho que tinha ido embora com todo o dinheiro e que o desperdiçou. Mas, se o vê de longe, é porque esperava por ele. Subia ao terraço – quantas vezes por dia! – por dias e dias, meses, quem sabe por anos, esperando o filho. Vê-o de longe. Volta para o teu pai, volta para o teu pai. Ele espera por ti. É a ternura de Deus que nos fala, especialmente na Quaresma. É o momento de voltar a nós mesmos e de recordar o Pai, de voltar para ele.

“Não, pai, tenho vergonha de voltar porque... Pai, tu sabes que fiz muitas coisas, agi muito mal...”. O que o Senhor diz? “Volta, curar-te-ei da tua infidelidade, amar-te-ei profundamente, porque a minha ira se afastou. Serei como orvalho, florescerás como um lírio e lançarás raízes como uma árvore do Líbano”. Volta para o teu pai que espera por ti. O Deus da ternura há de curar-nos das numerosas feridas da vida e das muitas coisas ruins que fizemos. Cada um fez as suas!

Mas pensemos nisto: voltar para Deus é retornar ao abraço do pai. E pensemos na outra promessa que Isaías faz: “Se os vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão brancos como a neve”. Ele é capaz de nos transformar, Ele é capaz de mudar o coração, mas temos que dar o primeiro passo: voltar. Não significa ir para Deus, não: é voltar para casa.

E a Quaresma tem sempre por objetivo esta conversão do coração que, segundo o costume cristão, ganha forma no Sacramento da Confissão. É o momento para - não sei se [para] “acertar as contas”, não gosto disto - deixar que Deus nos branqueie, nos purifique, nos abrace.

Sei que muitos de vós, na Páscoa, se confessarão para se encontrar com Deus. Mas hoje muitos me diriam: “Padre, onde posso encontrar um sacerdote, um confessor, dado que não podemos sair de casa? E quero fazer as pazes com o Senhor, quero que Ele me abrace, que o meu Pai me abrace... Como o posso fazer, se não encontro um sacerdote?”. Faz o que o diz Catecismo. É muito claro: se não encontrares um sacerdote para te confessares, fala com Deus, Ele é o teu Pai, e diz-lhe a verdade: “Senhor, fiz isto, isso, aquilo... Perdoai-me”; pede perdão a Ele de todo o coração, com o Ato de Contrição, e promete-lhe: “Confessar-me-ei depois, mas perdoai-me agora”. E voltarás imediatamente à graça de Deus. Tu mesmo podes aproximar-te – como nos ensina o Catecismo – do perdão de Deus, se não puderes encontrares-te com um sacerdote. Mas pensai: este é o momento! Este é o momento certo, o momento oportuno. Um Ato de Contrição bem feito, e assim a nossa alma tornar-se-á branca como a neve.

Seria bom se hoje ecoasse nos nossos ouvidos esta frase: “Volta para o teu pai, volta para o teu pai”. Ele espera-te e fará uma festa para ti.

“Com o "coração nu”

[Sábado, 21 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Hoje gostaria de recordar as famílias que não podem sair de casa. Talvez o único horizonte que tenham é a varanda. E ali dentro, a família com as crianças, os jovens, os pais: para que saibam encontrar o modo de se comunicar bem, de construir relações de amor em família, e saibam vencer as angústias deste tempo juntos, em família. Oremos pela paz nas famílias hoje, nesta crise, e pela criatividade.

Homilia

Eis a Palavra do Senhor que ouvimos ontem: “Volta, volta para casa”. Também no mesmo livro do profeta Oseias encontramos a resposta: “Vinde, voltemos ao Senhor”. É... a resposta, quando toca o coração, aquele “volta para casa”, “voltemos ao Senhor”. “Ele feriu-nos e há de curar-nos. “Ele feriu-nos e há de curar-nos. Apressemos-nos a conhecer o Senhor: a sua vinda é tão certa como a aurora”. A confiança no Senhor é segura: “Virá a nós como as primeiras chuvas, como as chuvas tardias que regam o solo”. E com esta esperança o povo começa a percorrer o caminho para retornar ao Senhor. E uma das maneiras, dos modos de encontrar o Senhor é a oração. Rezemos ao Senhor, voltemos a Ele.

No Evangelho Jesus ensina-nos a rezar. Há dois homens, um é arrogante e vai rezar, mas para dizer que é bom, como se dissesse a Deus: “Olha, sou tão bom, se precisares de algo, diz-me, eu resolvo o teu problema”. Assim se dirige a Deus: presunção. Talvez fizesse tudo o que a Lei determina; e diz: “Jejuo duas vezes por semana, dou o dízimo de toda a minha renda... sou bom”. Isto recorda-nos também outros dois homens. Recorda-nos o filho mais velho da parábola do filho pródigo, quando vai ter com o pai e diz: “Para mim, que sou tão bom, não organizas uma festa, mas para ele, que é

um infeliz, organizas uma festa...”. Arrogante. O outro, que ouvimos estes dias, é a história do homem rico, um sem-nome, mas era rico, incapaz de ter um nome, mas era rico... nada lhe importava da miséria dos outros. São aqueles que têm a segurança em si mesmos, no dinheiro ou no poder...

Depois há outro, o publicano. Que não se põe diante do altar, não: permanece à distância. “Mantendo-se à distância, não ousava nem sequer elevar os olhos para o céu. Batia a mão no peito dizendo: “Deus, tende piedade de mim, pecador”. Também ele nos leva à recordação do filho pródigo: deu-se conta dos pecados cometidos, do mal que tinha feito; também ele batia no peito: “Voltarei ao meu pai e direi: pai, pequei”. Humilhação. Recorda-nos o outro, o mendigo Lázaro, à porta do rico, que vivia a sua miséria diante da presunção daquele senhor. Há sempre esta combinação de pessoas no Evangelho.

Neste caso, o Senhor ensina-nos a rezar, a aproximar-nos do Senhor: com humildade. Há uma bonita imagem no hino litúrgico da festa de São João Batista. Diz que o povo se aproximava do Jordão para receber o batismo, “com a alma nua e descalço”: rezar com a alma despida, sem pinturas, sem se disfarçar com as próprias virtudes. Como lemos no início da Missa, ele perdoa todos os pecados, mas é preciso que eu lhos mostre com a minha nudez. Rezar assim, nus, com o coração despido, sem cobrir, sem confiar nem sequer naquilo que aprendi sobre o modo de rezar... Rezar, tu e eu, face a face, com a alma nua. É isto que o Senhor nos ensina. Ao contrário, quando nos aproximamos do Senhor demasiado seguros de nós mesmos, caímos na presunção deste homem ou do filho mais velho, ou do rico ao qual nada faltava. Temos a nossa segurança algures. “Vou ao Senhor para... mas quero ir, para ser educado... e praticamente trato-lhe por tu...”: não é este o caminho. O caminho é abaixar-se. Abaixar-se. O caminho é a realidade. E o único homem desta parábola que entendeu a realidade foi o publicano: “Tu és Deus e eu sou pecador”. Esta é a realidade. Mas digo que sou pecador, não com os lábios: com coração. Sentir-se pecador.

Não esqueçamos o que o Senhor nos ensina: justificar a si mesmo é soberba, é orgulho, é exaltar a si próprio. É disfarçar-se com aquilo que não sou. E as misérias permanecem dentro. O fariseu justificava-se a si mesmo.

Confessar os próprios pecados, sem os justificar, sem dizer: “Mas não, fiz isto, mas a culpa não era minha...”. A alma despida. A alma despida!

O Senhor ensina-nos a entender isso, esta atitude, para começar a oração. Quando começamos a oração com as nossas justificações e seguranças, não é uma prece: é falar com o espelho. Ao contrário, quando começo a oração com a verdadeira realidade – “sou pecador, sou pecador” – é um bom passo avante para me deixar olhar pelo Senhor. Que Jesus nos ensine isto!

"O que acontece quando Jesus passa"

[Quarto Domingo de Quaresma, 22 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Nestes dias, ouvimos as notícias de muitos defuntos: homens e mulheres que morrem sozinhos, sem poder despedir-se dos seus entes queridos. Pensemos neles e rezemos por eles. Mas também pelas famílias, que não podem acompanhar os seus entes queridos no momento do falecimento. A nossa oração especial é pelos defuntos e seus familiares.

Homilia

Esta passagem do Evangelho de João fala por si mesma. É um anúncio de Jesus Cristo e também uma catequese. Gostaria de mencionar somente uma coisa. É de Santo Agostinho uma frase que me impressiona sempre: “Tenho medo de Cristo, quando Ele passa”. *Timeo Domine transeunte*. “Tenho medo que Cristo passe” – “Mas por que tens medo do Senhor?” – “Tenho medo de não me dar conta de que é Cristo e deixá-lo passar”. Uma coisa é clara: na presença de Jesus desabrocham os verdadeiros sentimentos do coração, manifestam-se as verdadeiras atitudes. É uma graça, e por isso Agostinho tinha medo de o deixar passar, sem perceber que passava.

Aqui é claro: Ele passa, cura um cego e desencadeia-se um escândalo. Em seguida, manifesta-se o melhor e o pior das pessoas. O cego... impressiona a sabedoria do cego, como ele responde. Estava acostumado a mover-se com as mãos, tinha o faro para o perigo, o olfato para as situações perigosas que o podiam levar a escorregar. E move-se como um cego. Com uma argumentação clara e precisa, e depois dá-se ao luxo de recorrer inclusive à ironia.

Os doutores da Lei conheciam todos os preceitos: todos, todos. Mas eram inamovíveis dali. Não entendiam quando Deus passava. Eram rígidos,

apegados aos seus costumes: o próprio Jesus diz isto no Evangelho: apegados aos costumes. E se para conservar estes hábitos tinham que cometer uma injustiça, isto não era um problema, pois segundo os costumes aquilo não era justiça; e aquela rigidez levava-os a cometer injustiças. Este sentimento de obstinação manifesta-se diante de Cristo.

Somente isto. Aconselho todos vós a ler hoje o capítulo 9 do Evangelho de João, a lê-lo em casa, tranquilos. Uma, duas vezes, para entender bem o que acontece quando Jesus passa: que os sentimentos se manifestam. Para entender bem o que Agostinho nos diz: tenho medo que o Senhor passe e eu não me aperceba, não o reconheça e não me converta. Não vos esqueçais: lede hoje uma, duas, três vezes, por quanto tempo quiserdes, o capítulo 9 de João.

"Devemos orar com fé, perseverança e coragem"

[Segunda-feira, 23 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Rezemos hoje pelas pessoas que, por causa da pandemia, começam a ter problemas económicos, porque não podem trabalhar e tudo isto recai sobre a família. Oremos pelas pessoas que enfrentam este problema.

Homilia

Este pai pede a saúde para o filho. O Senhor repreende todos um pouco, também ele: “Se não virdes milagres e prodígios, não acreditais”. Mas em vez de se calar e ficar quieto, o funcionário insiste dizendo-lhe: “Senhor, desce, antes que o meu filho morra!”. E Jesus responde-lhe: “Vai, o teu filho está vivo”.

São necessárias três condições para uma verdadeira oração. A primeira é a *fé*: se não tiverdes fé... E muitas vezes, a oração é somente oral, com os lábios... mas não vem da fé do coração, ou uma fé fraca... Pensemos noutro pai, o do filho endemoninhado, quando Jesus respondeu: “Tudo é possível àquele que crê”, o pai diz claramente: “Creio, mas aumenta a minha fé”. A fé na oração. Rezar com fé, quer quando rezamos fora [de um lugar de culto], quer quando vimos aqui e o Senhor está ali: tenho fé ou é um hábito? Estejamos atentos na oração: não podemos cair no hábito, sem a consciência de que o Senhor está presente, que falo com o Senhor e que Ele é capaz de resolver o problema. A primeira condição para uma verdadeira oração é a fé.

A segunda condição, que o próprio Jesus nos ensina, é a *perseverança*. Alguns pedem, mas a graça não vem: não têm a *perseverança*, porque no fundo não precisam dela, ou não têm fé. É o próprio Jesus que nos narra a parábola daquele senhor que à meia-noite vai ter com o vizinho para lhe

pedir pão: a perseverança de bater à porta. Ou a viúva, com o juiz injusto: insiste, insiste, insiste: trata-se da perseverança. Fé e perseverança caminham juntas, porque se tens fé tens a certeza de que o Senhor te dará o que pedes. E se o Senhor te fizer esperar, bate à porta, bate, bate e no final Ele conceder-te-á a graça. Mas o Senhor não age assim para se fazer desejar, nem para que digas “é melhor que espere”: não. Fá-lo para o nosso bem, para que levemos isto a sério. Levar a oração a sério, não como os papagaios: blá blá blá e nada mais... É o próprio Jesus que nos repreende: “Não sejais como os pagãos, que acreditam na eficácia da oração à força da multiplicação das palavras”. Não. A perseverança. A fé.

E a terceira condição de Deus para a oração é a *coragem*. Alguém pode pensar: é preciso ter coragem para rezar e para se colocar diante do Senhor? Sim. A coragem de ficar ali a pedir e insistir, aliás, quase – quase, não quero dizer uma heresia – como que a ameaçar o Senhor. A coragem de Moisés diante de Deus, quando Deus queria destruir o povo e torná-lo chefe de outro povo, diz: “Não. Eu com o povo”. Coragem. A coragem de Abraão, quando negocia a salvação de Sodoma: “Talvez haja 30, talvez haja 25, talvez haja 20...”: eis a coragem. A virtude da coragem é realmente necessária. Não somente para as obras apostólicas, mas também para a oração.

Fé, perseverança e coragem. Nestes dias em que é preciso rezar, rezar mais, pensemos se nós rezamos assim: com fé que o Senhor pode intervir, com perseverança e com coragem. O Senhor não desilude: não desilude. Faz-nos esperar, leva tempo, mas não desilude. Fé, perseverança e coragem!

"A doença da preguiça e a água que nos regenera"

[Terça-feira, 24 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Recebi a notícia de que nestes dias faleceram alguns médicos, sacerdotes, não sei se algum enfermeiro, mas contagiaram-se, contraíram a doença porque estavam ao serviço dos doentes. Rezemos por eles, pelas suas famílias, e dou graças a Deus pelo exemplo de heroísmo que nos dão na assistência aos enfermos.

Homilia

A liturgia de hoje faz-nos refletir sobre a água, a água como símbolo de salvação, porque é um meio de salvação, mas a água é também um instrumento de destruição: pensemos no dilúvio... Mas nestas leituras, a água é para a salvação.

Na primeira leitura fala-se da água que traz a vida, que saneia as águas do mar, uma água nova que cura. E no Evangelho fala-se da piscina, daquela piscina repleta de água à qual os doentes iam para ser curados, porque se dizia que de vez em quando as águas se moviam, como se fosse um rio, porque um anjo descia do céu e as movia, e o primeiro, ou os primeiros, que se lançavam na água ficavam curados. E ali havia muitos doentes: “Um grande número de enfermos, cegos, coxos, paralíticos” ficavam ali, à espera da cura, do movimento da água.

Encontrava-se também um homem que estava doente há 38 anos. Há 38 anos ali, à espera da cura! Isto faz pensar, não é verdade? É demasiado... porque quem quer ser curado organiza-se para ter alguém que o ajude, faz algo, é um pouco ágil, inclusive um pouco astuto... mas ele, há 38 anos ali, a ponto que não se sabe se está doente ou morto... Vendo-o deitado, e conhecendo a realidade, que há muito tempo estava ali, Jesus diz-lhe:

“Queres ficar curado?”. E a resposta é interessante: não diz que sim, lamenta-se. Da doença? Não. O doente responde: “Senhor, não tenho ninguém que me leve à piscina, quando a água é agitada. Quando estou para chegar – estou prestes a tomar a decisão de ir – outro desce antes de mim”. Um homem que chega sempre atrasado. Jesus diz-lhe: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”. No mesmo instante, aquele homem ficou curado.

A atitude deste homem leva-nos a pensar. Estava doente? Sim, talvez, tinha alguma paralisia, mas parece que podia caminhar um pouco. Mas estava doente no coração, na alma, estava doente de pessimismo, de tristeza, de preguiça. Eis a doença daquele homem: “Sim, quero viver, mas...”, estava ali. A sua resposta não é: “Sim, quero ser curado!”. Não, é lamentar-se: “São os outros que chegam primeiro, sempre os outros”. A resposta à oferta de cura de Jesus é uma lamentação contra os outros. E assim, 38 anos a lamentar-se dos outros. E sem nada fazer para ser curado.

Era sábado: ouvimos o que os doutores da Lei fizeram. Mas a chave é o encontro com Jesus, mais tarde. Encontrou-o no templo e disse-lhe: “Eis que estás curado. Não voltes a pecar, para que não te aconteça algo pior”. Aquele homem vivia no pecado, mas não porque tinha feito algo grave, não. O pecado de sobreviver e de se lamentar da vida dos outros: o pecado da tristeza, que é a semente do diabo, da incapacidade de tomar uma decisão sobre a própria vida, mas de olhar para a vida dos outros a fim de se lamentar. Não para os criticar: para se queixar. “Eles chegam antes, eu sou a vítima desta vida”: queixas, estas pessoas respiram lamentações.

Se fizermos uma comparação com o cego de nascença, que ouvimos domingo passado: com quanta alegria, com quanta decisão reagiu à sua cura, e também com quanta determinação foi discutir com os doutores da Lei! Este [paralítico] somente foi ali e informou: “Sim, é ele”, Ponto. Sem compromisso com a vida... Faz-me pensar em muitos de nós, em muitos cristãos que vivem esta condição de preguiça, de incapacidade de fazer algo, lamentando-se de tudo. E a preguiça é um veneno, uma neblina que circunda a alma e não a deixa viver. E é também uma droga, porque se a experimentares com frequência, gostarás dela. E assim acabas por te tornares “dependente da tristeza”, “dependente da preguiça”... É como o ar.

E este é um pecado bastante comum entre nós: a tristeza, a preguiça, não digo a melancolia, mas assemelha-se.

E far-nos-á bem reler o capítulo 5 de João, para ver como é a doença em que podemos cair. A água é para nos salvar. “Mas não posso salvar-me” – “Por que motivo?” – “Porque a culpa é dos outros”. E permaneço 38 anos ali... Jesus curou-me: não se vê a reação dos outros que são curados, que tomam o leito e dançam, cantam, agradecem e contam a todos. Não, ele vai em diante assim. Os outros dizem-lhe que não se deve fazer isto, mas ele diz: “Aquele que me curou disse-me que sim”, e vai adiante. E depois, em vez de ir ao encontro de Jesus e de lhe agradecer, informa: “Foi Ele”. Uma vida cinzenta, cinzenta com aquele mau espírito que é a preguiça, a tristeza, a melancolia.

Pensemos na água, a água que é símbolo da nossa força, da nossa vida, a água que Jesus usou para nos regenerar, o Batismo. E pensemos também em nós, se alguém de nós corre o perigo de escorregar nesta preguiça, neste pecado “neutral”: o pecado do neutro é este, nem branco nem preto, não se sabe o que é. E este é um pecado que o diabo pode usar para aniquilar a nossa vida espiritual e também a nossa vida como pessoas. Que o Senhor nos ajude a entender quão terrível e mau é este pecado.

O Santo Padre terminou a celebração com a adoração e a bênção eucarística, convidando a fazer a Comunhão espiritual.

"Diante do mistério"

Solenidade da Anunciação do Senhor

[Quarta-feira, 25 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Hoje, festa da Encarnação do Senhor, as irmãs Filhas da caridade de São Vicente de Paulo, que há 98 anos dirigem, prestam serviço no dispensário de Santa Marta, estão aqui na Missa, renovam os votos com as suas irmãs em todas as partes do mundo. Gostaria de oferecer a Missa de hoje por elas, pela Congregação que trabalha sempre com os doentes, com os mais pobres, como aqui há 98 anos, e por todas as religiosas que neste momento trabalham cuidando dos doentes e também arriscando a vida e dando a vida.

Homilia

O evangelista Lucas somente podia conhecer isto do relato de Nossa Senhora. Ouvindo Lucas, ouvimos Nossa Senhora que narra este mistério. Estamos diante do mistério. Talvez o melhor que possamos fazer agora seja reler esta passagem, pensando que foi Nossa Senhora quem a contou.

[relê o texto do Evangelho]

Naquele tempo, “no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida em casamento a um homem que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria”. Entrando, o anjo disse-lhe: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo!”. Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo disse-lhe: “Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David; e reinará eternamente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim”. Maria

perguntou ao anjo: “Como se fará isto, pois não conheço homem?”. Respondeu-lhe o anjo: “O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o menino que vai nascer de ti será chamado Santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parente, concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque a Deus nada é impossível”. Então, disse Maria: “Eis a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo afastou-se dela.

Este é o mistério! Agora as irmãs renovarão os votos.

"Conhecer os nossos ídolos"

[Quinta-feira, 26 de março de 2020]

Introdução à Santa Missa

Nestes dias de tanto sofrimento, há muito medo. O medo dos idosos, que se encontram sozinhos, nas casas de repouso, nos hospitais ou na própria casa e não sabem o que pode acontecer. O medo dos trabalhadores sem emprego fixo que pensam em prover o alimento aos seus filhos e veem a fome chegar. O medo de tantos agentes sociais que neste momento ajudam a sociedade a seguir adiante e podem contrair a doença. Também o medo – os medos – de cada um de nós: cada um sabe qual é o próprio. Rezemos ao Senhor a fim de que nos ajude a ter confiança e a tolerar e vencer os medos.

Homilia

Na primeira Leitura narra-se a cena da revolta do povo. Moisés subiu ao Monte para receber a Lei: Deus deu-lha, em pedra, escrita com o seu dedo. Mas o povo entediou-se, reuniu-se em torno de Aarão e disse: “Mas há muito tempo não sabemos onde está Moisés, para onde ele foi, e nós estamos sem um guia. Faz-nos um deus que nos ajude a seguir adiante”. E Aarão, que depois será sacerdote de Deus, mas ali foi sacerdote da estupidez, dos ídolos, disse: “Sim, dai-me todo o ouro e a prata que tiverdes”, e eles deram-lhe tudo e fizeram um bezerro de ouro.

No Salmo ouvimos a lamentação de Deus: “Construíram um bezerro no Horeb e adoraram uma estátua de metal; trocaram o seu Deus, que é a sua glória, pela imagem de um touro que come feno”. E nesse momento começa a Leitura: “O Senhor disse a Moisés: Vai, desce, pois corrompeu-se o teu povo, que tiraste da terra do Egito. Depressa desviaram-se do caminho que lhes prescrevi. Fizeram para si um bezerro de metal fundido, inclinaram-se em adoração diante dele e ofereceram-lhe sacrifícios, dizendo: Estes são os

teus deuses, Israel, que te fizeram sair do Egito!”. Uma verdadeira apostasia! Do Deus vivo à idolatria. Não tiveram paciência para esperar que Moisés retornasse: queriam novidades, queriam algo, um espetáculo litúrgico, alguma coisa...

Gostaria de mencionar algumas coisas sobre isto. Em primeiro lugar, aquela saudade idolátrica: neste caso, ele pensava nos ídolos do Egito, mas a saudade de voltar aos ídolos, voltar ao pior, não saber esperar o Deus vivo. Esta saudade é uma doença, também nossa. Iniciamos a caminhar com o entusiasmo de ser livres, mas depois começam as lamentações: “Mas sim, este é um momento duro, o deserto, tenho sede, quero água, quero carne... mas no Egito comíamos cebolas, coisas boas que aqui não temos...”. A idolatria é sempre seletiva: leva-te a pensar nas coisas boas que te dá, mas não te deixa ver as coisas más. Neste caso, eles pensavam como era quando estavam à mesa, com as refeições tão boas das quais gostavam tanto, mas esqueciam-se que aquela mesa era a mesa da escravidão. A idolatria é seletiva.

Além disso, a idolatria faz-te perder tudo. Para fazer o bezerro, Aarão pede ouro: “Dai-me ouro e prata”: mas era o ouro e a prata que o Senhor lhes tinha dado, quando lhes disse: “Pedi ouro emprestado aos egípcios”, e depois apresentaram este ouro. É um dom do Senhor e com o dom do Senhor fazem o ídolo. E isto é horrível! Mas este mecanismo verifica-se também no que se nos refere: quando temos atitudes que nos levam à idolatria, somos apegados a coisas que nos afastam de Deus, porque nós construímos outro deus e fazemo-lo com os dons que o Senhor nos ofereceu. Com a inteligência, com a vontade, com o amor, com o coração... são os próprios dons do Senhor que nós usamos para fazer idolatria.

Sim, alguém de vós pode dizer-me: “Mas não tenho ídolos em casa. Tenho o Crucifixo, a imagem de Nossa Senhora, que não são ídolos...” – Não, não: no teu coração. E a pergunta que hoje devemos fazer é: qual é o ídolo que tens no teu coração, que tenho no meu coração? Aquela saída escondida onde me sinto bem, que me afasta do Deus vivo? E com a idolatria temos também uma atitude muito astuta: sabemos esconder os ídolos, como fez Raquel quando fugiu do seu pai, escondendo-os na sela do

camelo e no meio das roupas. Também nós escondemos muitos ídolos nas dobras do nosso coração.

A pergunta que gostaria de fazer hoje é: qual é o meu ídolo? Aquele meu ídolo da mundanidade... e a idolatria chega até à piedade, pois eles queriam o bezerro de ouro não para fazer um circo: não! Para adorar. “Prostraram-se diante dele”. A idolatria leva-te a uma religiosidade errada; aliás, muitas vezes a mundanidade, que é uma idolatria, faz-te mudar a celebração de um sacramento numa festa mundana. Um exemplo: não sei, penso, pensemos, não sei, numa celebração de casamento. Já não sabemos se é um sacramento onde realmente os recém-casados dão tudo e se amam diante de Deus e prometem ser fiéis perante Deus e recebem a graça de Deus, ou se é uma exposição de modelos, como uns e outros estão vestidos... a mundanidade. É uma idolatria. Este é um exemplo. Porque a idolatria não se detém: segue sempre adiante.

A pergunta que hoje gostaria de fazer a todos nós, a todos, é: quais são os meus ídolos? Cada um tem os seus. Quais são os meus ídolos. Onde os escondo. E que o Senhor não nos encontre, no final da vida, e diga de cada um de nós: “Tu corrompeste-te. Tu afastaste-te do caminho que eu tinha indicado. Prostraste-te diante de um ídolo”.

Peçamos ao Senhor a graça de conhecer os nossos ídolos. E se não conseguirmos eliminá-los, que pelo menos os deixemos de lado...

"A coragem de calar"

[Sexta-feira, 27 de março de 2020]

Introdução à Missa

Nestes dias, chegou a notícia de que muitas pessoas começam a preocupar-se pelos outros de uma forma mais geral, muitas pessoas pensam nas famílias que não têm o suficiente para viver, nos idosos solitários, nas pessoas doentes no hospital, rezam e procuram dar alguma ajuda... Isto é um bom sinal. Agradecemos ao Senhor por despertar estes sentimentos no coração dos seus fiéis.

Homilia

A primeira leitura é quase uma crónica (uma previsão) do que acontecerá com Jesus. É uma crónica antecipada, é uma profecia. Parece uma descrição histórica do que aconteceu depois. O que dizem os ímpios? Armemos ciladas ao justo, pois nos estorva: ele se opõe ao nosso modo de agir, repreende em nós as transgressões da Lei e nos difama por pecarmos contra a nossa tradição. Tornou-se uma censura para os nossos pensamentos e simplesmente vê-lo já é insuportável. A sua vida é muito diferente da dos outros. Se, de facto, é «filho de Deus», Deus o defenderá e livrará das mãos dos seus inimigos» (Sb 2, 12). Pensemos no que diziam a Jesus na cruz: «Se és o Filho de Deus, desce; que Ele te venha salvar» (cf. Mt 27, 40). E depois, o plano de ação: pondo-o à prova «com violências e tormentos para conhecer a sua mansidão e testar o seu espírito de resistência, e condenemo-lo a uma morte vergonhosa porque, segundo as suas palavras, será socorrido» (cf. Sb 2, 19). Trata-se de uma profecia, precisamente, do que aconteceu. E os judeus estavam a procurar matá-lo, diz o Evangelho. Então, eles também estavam procurando prendê-lo - diz-nos o Evangelho – mas «a sua hora ainda não tinha chegado» (Jo 7, 30).

Esta profecia é muito detalhada; o plano de ação destas pessoas malvadas é precisamente detalhe sobre detalhe, não poupamos nada, pomolo à prova com violências e tormentos, e testemos o espírito de resistência... prendamo-lo com armadilhas [para ver] se cai... Isto não é um simples ódio, não há um plano de ação maléfico - certamente - de uma parte contra outra: isto é outra coisa. Isto chama-se obstinação: quando o diabo que está por trás, sempre, em cada obstinação, procura destruir e não poupa os meios. Pensemos no início do Livro de Job, que é profético a este respeito: Deus está satisfeito com o modo de vida de Job, e o diabo diz-lhe: «Sim, porque ele tem tudo, não tem provações! Põe-no à prova!» (Cf. *Job* 1, 1-12; 2, 4-6). E primeiro o diabo tira-lhe os bens, depois tira-lhe a saúde, e Job nunca, nunca se afastou de Deus. Mas que faz o diabo: obstinação. Sempre. Por trás de cada obstinação está o diabo, para destruir a obra de Deus. Por detrás de uma discussão ou inimizade, pode ser o diabo, mas de longe, com as tentações normais. Mas quando há obstinação, não duvidemos: há a presença do diabo. E a obstinação é subtil. Pensemos em como o diabo foi feroz não só contra Jesus, mas também nas perseguições contra os cristãos; como procurou os meios mais sofisticados para os levar à apostasia, para os distanciar de Deus. Como dizemos normalmente, isto é diabólico: sim; inteligência diabólica.

Alguns bispos de um dos países que sofreram a ditadura de um regime ateu disseram-me que chegaram a detalhes como este: na segunda-feira depois da Páscoa os professores tiveram que perguntar às crianças: «O que comestes ontem», e as crianças diziam o que almoçaram. E alguns respondiam: «Ovos», e aqueles que diziam «ovos» eram então perseguidos para verificar se eram cristãos, porque naquele país comiam ovos no Domingo de Páscoa. Até a este ponto, para ver, para espiar, onde há um cristão para o matar. Isto é perseguição obstinada e isto é o diabo.

E o que se faz no momento da perseguição? Só duas coisas podem ser feitas: não é possível discutir com essas pessoas porque elas têm as suas próprias ideias, ideias fixas, ideias que o diabo semeou no [seu] coração. Já ouvimos qual é o plano de ação delas. O que pode ser feito? O que fez Jesus: ficar em silêncio. A nós impressiona-nos, quando lemos no Evangelho que diante de todas estas acusações, antes de todas estas coisas, Jesus ficou em silêncio. Diante do espírito de obstinação, só silêncio, nunca

justificação. Nunca. Jesus falou, explicou. Quando entendeu que não havia palavras, silêncio. E em silêncio Jesus viveu a sua Paixão. É o silêncio do justo diante da obstinação. E isto também é válido para - chamemos-lhes assim - as pequenas obstinações diárias, quando um de nós ouve uma tagarelice, contra si, e dizem-se coisas que no final não são verdadeiras... calemo-nos. Silêncio. Suportar e tolerar a dureza da tagarelice. A tagarelice também é um assédio, um assédio social: na sociedade, no bairro, no local de trabalho, mas sempre contra alguém. É uma obstinação. Não tão forte como esta, mas é uma obstinação, destruir o outro porque se vê que perturba, incomoda.

Peçamos ao Senhor a graça de lutar contra o espírito malvado, de discutir quando devemos de discutir; mas diante do espírito de obstinação, tenhamos a coragem de permanecer em silêncio e deixemos que outros falem. O mesmo diante desta pequena obstinação diária que é a tagarelice: deixemos que falem. Em silêncio, diante de Deus.

"O povo de Deus segue Jesus e não se cansa"

[Sábado, 28 de março de 2020]

Introdução à Missa

Nestes dias, nalgumas partes do mundo, têm sido evidenciadas consequências - algumas consequências - da pandemia; uma delas é a fome. Começa-se a ver pessoas que têm fome, porque não podem trabalhar, porque não têm um emprego estável, devido a muitas circunstâncias. Já estamos a ver o “depois”, que virá mais tarde, mas começa agora. Oremos pelas famílias que começam a sentir a necessidade por causa da pandemia.

Homilia

«E cada um voltou para a sua casa» (Jo 7, 53): após a discussão e tudo o mais, cada um voltou às suas convicções. Há uma rutura no povo: as pessoas que seguem Jesus escutam-no - não se dão conta do muito tempo que passam ouvindo-o, porque a Palavra de Jesus entra no coração - e o grupo de Doutores da Lei que *a priori* rejeitam Jesus porque não age de acordo com a lei, de acordo com eles.

São dois grupos de pessoas. O povo que ama Jesus, que o segue, e o grupo dos intelectuais da Lei, os chefes de Israel, os líderes do povo. Isto é claro «quando os guardas foram ter com os chefes dos sacerdotes, os quais lhes disseram: «Por que não o trouxestes aqui?»; os guardas responderam: «*Também vós vos deixastes enganar? Por acaso algum dos chefes ou dos fariseus acreditou nele? Mas esta gente que não conhece a Lei, é maldita!*» (Jo 7, 45-49). Este grupo de doutores da Lei, a elite, sente desprezo por Jesus. Mas também desprezam o povo, “aquelas pessoas”, que são ignorantes, que não sabem nada. O povo santo e fiel de Deus acredita em Jesus, segue-o, e o pequeno grupo de elite, os Doutores da Lei, afasta-se do povo e não recebe Jesus. Mas como é possível, se eles eram ilustres,

inteligentes, tinham estudado? Contudo eles tinham um grande defeito: tinham perdido a memória da própria pertença a um povo.

O povo de Deus segue Jesus... eles não conseguem explicar porquê, mas seguem-no e chegam ao coração, e não se cansam. Pensemos no dia da multiplicação dos pães: passaram o dia inteiro com Jesus, a ponto que os apóstolos lhe disseram: «Manda embora o povo para que *possa comprar* algo para *comer* (cf. Mc 6, 36). Também os Apóstolos se distanciaram, não consideraram, não desprezaram, mas não consideraram o povo de Deus. «Deixa-os ir comer». A resposta de Jesus: «Dai-lhes vós de comer» (cf. Mc 6, 37). Ele insere-os de novo no povo.

Este afastamento entre a elite dos líderes religiosos e o povo é um drama que vem de longe. Pensemos também, no Antigo Testamento, na atitude dos filhos de Eli no templo: eles usavam o povo de Deus; e se alguns deles, que eram um pouco ateus, viessem para cumprir a Lei, diziam: «Eles são supersticiosos». Desprezo pelo povo. O desprezo pelo povo «que não é educado como nós que estudamos, que sabemos...». Em vez disso, o povo de Deus tem uma grande graça: o seu instinto. A intuição de saber onde está o Espírito. É pecador, como nós: é pecador. Mas possui a intuição de conhecer os caminhos da salvação.

O problema das elites, de clérigos de elite como estes, é que tinham perdido a memória da sua pertença ao Povo de Deus; tornaram-se sofisticados, passaram para outra classe social, sentem-se dirigentes. É o clericalismo que já existia. «Mas como é possível - ouvi dizer nestes dias - que estas freiras, estes padres saudáveis vão ter com os pobres para lhes dar de comer e podem contagiar-se com o coronavírus? Mas diga à Madre Superiora que não deixe sair as religiosas, diga ao bispo que não deixe sair os sacerdotes! Eles devem proporcionar os sacramentos! Mas a dar de comer, que providencie o governo!». Fala-se disto nestes dias: o mesmo assunto. «São pessoas de segunda classe: nós somos a classe dirigente, não devemos sujar as mãos com os pobres».

Muitas vezes penso: são pessoas boas - sacerdotes, religiosas - que não têm coragem de ir e servir os pobres. Falta alguma coisa. O que faltava aos doutores da Lei. Perderam a memória, perderam o que Jesus sentia no coração: que faziam parte do próprio povo. Eles perderam a memória do

que Deus disse a David: «Eu escolhi-te do rebanho». Perderam a memória da própria pertença ao rebanho. E eles, cada um, cada um voltou para casa (cf. *Jo* 7, 53). Um afastamento. Nicodemos, que via - era um homem inquieto, talvez não tão corajoso, muito diplomático, mas inquieto - foi então ter com Jesus, mas era fiel com o que podia; procurou mediar e citou a Lei: «Julga porventura a nossa Lei um homem antes de o ter ouvido e de saber o que ele faz?» (*Jo* 7, 51). Responderam-lhe; mas não responderam à pergunta sobre a Lei: «Dar-se-á o caso de que *também tu és da Galileia?* Examina, e verás que da *Galileia não se levanta profeta*» (*Jo* 7, 52). E assim concluíram a história.

Pensemos também hoje em tantos homens e mulheres qualificados no serviço de Deus que são bons e vão servir o povo; tantos sacerdotes que não se afastam do povo. Anteontem recebi uma fotografia de um padre, um pároco de montanha, de muitas aldeias pequenas, num lugar onde neva, e na neve levava o ostensório pelas aldeias a fim de conceder a bênção. Ele não se importava com a neve, não se importava com a dor que o frio lhe fazia sentir nas mãos em contacto com o metal do ostensório: ele só se importava com levar Jesus ao povo.

Pensemos, cada um de nós, de que lado estamos, se estamos no meio, um pouco indecisos, se estamos com o sentimento do povo de Deus, o povo fiel de Deus que não pode falhar: eles têm essa *infallibilitas in credendo*. E pensemos na elite que se separa do povo de Deus, no clericalismo. E talvez o conselho que Paulo dá ao seu discípulo, o jovem bispo Timóteo, nos faça bem a todos: «Lembra-te da tua mãe e da tua avó» (cf. *2 Tm* 1, 5). Lembra-te da tua mãe e da tua avó. Se Paulo aconselhava isto, era porque conhecia bem o perigo a que conduzia este sentido de elitismo na nossa liderança.

"O domingo do pranto"

[Domingo, 29 de março de 2020]

Introdução

Penso em tantas pessoas que choram: pessoas isoladas, pessoas em quarentena, idosos sozinhos, pessoas hospitalizadas e em terapia, pais que veem que, como não há salário, não serão capazes de alimentar os seus filhos. Muitas pessoas choram. Nós também, do nosso coração, as acompanhamos. E não nos fará mal chorar um pouco com o pranto do Senhor por todo o seu povo.

Homilia

Jesus tinha amigos. Amava a todos, mas com alguns tinha uma relação especial, como se tem com os amigos, de mais amor e mais confiança... E muitas vezes ficava em casa desses irmãos: Lázaro, Marta, Maria... E Jesus sentiu dor pela doença e pela morte do seu amigo. Ele chegou ao túmulo e ficou profundamente comovido, muito perturbado e perguntou: «Onde o pusestes?» (*Jo* 11, 34). E Jesus começou a chorar. Jesus, Deus-homem, chorou. Mais uma vez o Evangelho diz que Jesus chorou: sobre Jerusalém (*Lc* 19, 41-42). E com quanta ternura Jesus chorou! Ele chora do coração, chora com amor, chora juntamente com os seus que choram. O pranto de Jesus. Talvez ele tenha chorado outras vezes na vida - não sabemos - certamente no Horto das Oliveiras. Mas Jesus chora por amor, sempre.

Comoveu-se profundamente e muito perturbado chorou. Quantas vezes ouvimos esta comoção de Jesus no Evangelho, com aquela frase que se repete: «Vendo a multidão, encheu-se de compaixão por ela» (cf. *Mt* 9, 36; 13,14). Jesus não pode ver as pessoas sem sentir compaixão. Os seus olhos veem com o coração; Jesus vê com os olhos, mas vê com o coração e é capaz de chorar.

Hoje, diante de um mundo que sofre tanto, de muitas pessoas que sofrem as consequências desta pandemia, pergunto-me: sou capaz de chorar, como certamente Jesus teria feito e faz agora? O meu coração assemelha-se ao de Jesus? E se é muito difícil, mesmo que eu seja capaz de falar, de praticar o bem, de ajudar, mas o coração não se compadece, se não sou capaz de chorar, devo pedir esta graça ao Senhor. Senhor, que eu chore contigo, chore com o teu povo que está a sofrer neste momento. Muitos choram hoje. E nós, deste altar, deste sacrifício de Jesus, de Jesus que não teve vergonha de chorar, peçamos a graça de chorar. Que hoje seja para todos nós o domingo do pranto.

"Confiar na misericórdia de Deus"

[Segunda-feira, 30 de março de 2020]

Introdução

Rezemos hoje por muitas pessoas que não conseguem reagir: continuam assustadas com esta pandemia. Que o Senhor as ajude a levantar-se, a reagir para o bem de toda a sociedade, de toda a comunidade.

Homilia

No Salmo responsorial rezamos: «O Senhor é meu pastor, nada me falta. Em verdes prados me faz descansar, e conduz-me às águas refrescantes. Reconforta a minha alma, guia-me pelos caminhos retos, por amor do Seu Nome. Mesmo que atravesse os vales sombrios, nenhum mal temerei porque estais comigo; o Vosso bastão e o Vosso cajado dão-me conforto» (Sl 23, 1-4).

Esta é a experiência que duas mulheres fizeram, cuja história lemos nas duas leituras. Uma inocente, falsamente acusada, caluniada, e outra pecadora. Ambas condenadas à morte. A inocente e a pecadora. Alguns Padres da Igreja viram nestas mulheres uma imagem da Igreja: santa, mas com filhos pecadores. Diziam numa bela expressão latina: «A Igreja é a *casta meretrix*», a santa com filhos pecadores.

Ambas as mulheres estavam desesperadas, humanamente desesperadas. Mas Susana confia em Deus. Há também dois grupos de pessoas, de homens; ambos ao serviço da Igreja: os juízes e os doutores da Lei. Não eram eclesiais, mas estavam ao serviço da Igreja, no tribunal e no ensino da Lei. Diferentes. Os primeiros, aqueles que acusavam Susana, eram corruptos: o juiz corrupto, a figura emblemática na história. Também no Evangelho, Jesus retoma, na parábola da viúva insistente, o juiz corrupto

que não acreditava em Deus e não se importava com os outros. O corrupto. Os doutores da lei não eram corruptos, mas hipócritas.

E estas mulheres, uma caiu nas mãos dos hipócritas e a outra nas mãos dos corruptos: não havia solução. «Mesmo que atravesse os vales sombrios, nenhum mal temerei porque estais comigo; o Vosso bastão e o Vosso cajado dão-me conforto» (*Sl* 23, 4). Ambas as mulheres estavam num vale sombrio, iam para lá: um vale sombrio, em direção à morte. A primeira confiou explicitamente em Deus e o Senhor interveio. A segunda, pobrezinha, sabe que é culpada, sem vergonha diante de todo o povo - porque o povo estava presente em ambas as situações - o Evangelho não o diz, mas certamente ela rezava no seu íntimo, pedia alguma ajuda.

Que faz o Senhor com essas pessoas? Ele salva a mulher inocente e faz-lhe justiça. Perdoa a mulher pecadora. Condena os juízes corruptos; ajuda os hipócritas a converterem-se, e diante do povo diz: realmente? «Quem de vós estiver sem pecado seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra» (cf. *Jo* 8,7), e foram saindo um a um. O apóstolo João usa aqui alguma ironia: «quanto isto ouviram, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos» (*Jo* 8, 9). Deixa-lhes algum tempo para se arrependerem; não perdoa os corruptos, simplesmente porque eles são incapazes de pedir perdão; fez mais. Cansaram-se... não, não estão cansados: não são capazes. A corrupção também lhes tirou aquela capacidade que todos nós temos de sentir vergonha, de pedir perdão. Não, o corrupto sente-se seguro, persevera, destrói, explora as pessoas, como esta mulher, tudo, tudo... vai em frente. Ele coloca-se no lugar de Deus.

E o Senhor responde às mulheres. Liberta Susana das pessoas corruptas, fazendo com que vá em frente, e à outra: «Nem eu não te condeno. Vai, e doravante não tornes a pecar» (*Jo* 8, 11). Deixa-a ir. E isto acontece diante do povo. No primeiro caso, o povo louva ao Senhor; no segundo, o povo aprende. Aprende como é a misericórdia de Deus.

Cada um de nós tem as próprias histórias. Cada um de nós tem os próprios pecados. E se não os recordamos, reflita um pouco um pouco: há de encontrá-los. Demos graças a Deus quando os encontramos, porque se não os encontramos, estamos corrompidos. Todos nós temos os nossos pecados. Olhemos para o Senhor que faz justiça, mas que é tão

misericordioso. Não tenhamos vergonha de estar na Igreja: tenhamos vergonha de ser pecadores. A Igreja é a mãe de todos. Agradeçamos a Deus porque não somos corruptos, somos pecadores. E cada um de nós, vendo como Jesus age nestes casos, confie na misericórdia de Deus. E reze, confiando na misericórdia de Deus, reze pelo perdão. Pois Deus «guia-me pelos caminhos retos, por amor do Seu Nome. Mesmo que atravesse os vales sombrios – o vale do pecado - nenhum mal temerei porque estais comigo; o Vosso bastão e o Vosso cajado dão-me conforto» (Cf. *Sl* 23, 4).

"Olhar o crucifixo sob a luz da redenção"

[Terça-feira, 31 de março de 2020]

Introdução

Rezemos hoje por aqueles que estão desabrigados, neste momento em que nos pedem para ficar em casa. Que a sociedade dos homens e das mulheres tome consciência desta realidade e ajude, e que a Igreja os acolha.

Homilia

A serpente certamente não é um animal agradável: está sempre associada ao mal. Até na revelação a serpente é o animal que o diabo usa para induzir ao pecado. No Apocalipse o diabo é chamado «a antiga serpente», que desde o início morde, envenena, destrói, mata. É por isso que não pode vencer. Se quiseres ter sucesso como alguém que propõe coisas bonitas, estas são fantasias: nós acreditamos nelas e por isso pecamos. Foi isto que aconteceu com o povo de Israel: não suportou a viagem. Estava cansado. E o povo pôs-se contra Deus e contra Moisés. É sempre a mesma música, não é? «Porque nos fizestes sair do Egito, para morrermos no deserto onde não há pão nem água? Estamos enfatiados deste alimento miserável» (Cf. Nm 21,4-5). E a imaginação - lemos isso nos últimos dias - volta sempre ao Egito: «Mas, lá estávamos bem, comíamos bem...». E parece que o Senhor também não suportou o povo naquele momento. Enfureceu-se: às vezes vê-se a ira de Deus... Então o Senhor enviou entre o povo serpentes ardentes que morderam as pessoas e elas morreram. «Muitos morreram em Israel» (Nm 21, 6). Naquele momento, a serpente é sempre a imagem do mal: o povo vê na serpente o pecado, vê na serpente o que fez o mal. E foram ter com Moisés, dizendo: «Pecamos, murmurando contra o Senhor e contra ti. Roga ao Senhor que afaste de nós essas serpentes» (Nm 21, 7). Arrepende-se. Esta é a história no deserto. Moisés orou pelo povo e o Senhor disse a Moisés: «Faz uma serpente ardente e coloca-a sobre um poste. Todo aquele que for mordido olhando para ela, viverá» (Nm 21, 8).

Este facto faz-me pensar: não se trata de idolatria? Ali está a serpente, um ídolo, que me dá saúde... Não se entende. Logicamente, não se compreende, porque isto é uma profecia, é um anúncio do que acontecerá . Porque também a ouvimos como uma profecia próxima, no Evangelho: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis quem sou e que por Mim nada faço» (*Jo* 8, 28). Jesus elevado: na cruz. Moisés faz uma serpente e eleva-a. Jesus será elevado, como a serpente, para dar a salvação. Mas o cerne da profecia é precisamente que Jesus se fez pecado por nós. Não tem pecado: *fez-se pecado*. Como diz São Pedro na sua Carta: «Ele que suportou os nossos pecados» (cf. *1 Pd* 2, 24) E quando olhamos para o crucificado, pensemos no Senhor que sofre: tudo isto é verdade. Mas reflitamos antes de alcançar o centro dessa verdade: neste momento, Tu pareces o maior pecador, tornaste-Te pecador. Assumiste sobre ti todos os nossos pecados, Ele aniquilou-se até agora. A cruz, é verdade, é um tormento, há a vingança dos doutores da Lei, daqueles que não queriam Jesus: tudo isso é verdade. Mas a verdade que vem de Deus é que Ele veio ao mundo para assumir os nossos pecados em Si mesmo até ao ponto de se tornar pecado. Todo o pecado. Os nossos pecados estão ali.

Devemos acostumar-nos a olhar para o crucificado sob esta luz, que é a mais verdadeira, a luz da redenção. Em Jesus que se fez pecado, vemos a derrota total de Cristo. Ele não finge morrer, ele não finge não sofrer, sozinho, abandonado... «Meu Deus, porque Me abandonaste?» (cf. *Mt* 27, 46; *Mc* 15, 34). Uma serpente: sou erguido como uma serpente, como aquele que é todo pecado.

Não é fácil entender isto, e se pensarmos, nunca chegaremos a uma conclusão. Devemos unicamente contemplar, rezar e dar graças.

"Permanecer no Senhor"

[Quarta-feira, 1 de abril de 2020]

Introdução

Hoje gostaria que rezássemos por todos aqueles que trabalham na mídia, que trabalham para comunicar, hoje, para que as pessoas não se sintam tão isoladas; para a educação das crianças, para a informação, para as ajudar a suportar este tempo de fechamento.

Homilia

Nestes dias, a Igreja faz-nos ouvir o capítulo oito de João: há uma discussão acalorada entre Jesus e os doutores da Lei. E sobretudo, há uma tentativa de mostrar a própria identidade: João procura aproximar-nos daquela luta para esclarecer a própria identidade, tanto a de Jesus como a dos doutores. Jesus coloca-os num canto, mostrando-lhes as suas contradições. E eles, no final, não encontram outra saída senão o insulto: é uma das páginas mais tristes, é uma blasfémia. Eles insultam Nossa Senhora.

Mas, falando de identidade, Jesus disse aos judeus que tinham acreditado: «Se permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos» (Jo 8, 31). Ele volta a esta palavra tão querida ao Senhor que a repetirá muitas vezes, e também na ceia: *permanecer*. «Permanecei em mim». Permanecei *no* Senhor. Ele não diz: «Estudai bem, aprendei bem as argumentações»: ele considera isto como garantido. Mas ele focaliza o mais importante, que é mais perigoso para a vida, se não for feito: permanecer. «Permanecei na minha palavra» (Jo 8, 31). E aqueles que permanecerem na palavra de Jesus têm a mesma identidade cristã. E qual é? «Sois verdadeiramente meus discípulos» (Jo 8, 31). A identidade cristã não é um documento que diz «eu sou cristão», um bilhete de identidade: não. É um discipulado. Tu, se permaneceres no Senhor, na Palavra do Senhor, na

vida do Senhor, serás um discípulo. Se não permaneceres, serás alguém que simpatiza com a doutrina, que segue Jesus como um homem que pratica tanta caridade, tão bom, com valores certos, mas é o discipulado a verdadeira identidade do cristão.

E será o discipulado que nos dará liberdade: o discípulo é um homem livre porque permanece no Senhor. E o que significa «permanecer no Senhor»? Deixar-se guiar pelo Espírito Santo. O discípulo deixa-se guiar pelo Espírito, por isso o discípulo é sempre um homem da tradição e da novidade, é um homem *livre*. Livre. Nunca sujeito a ideologias, a doutrinas dentro da vida cristã, doutrinas que podem ser discutidas... permanece no Senhor, é o Espírito que inspira. Quando cantamos ao Espírito, dizemos-lhe que ele é hóspede da alma (cf. Hino *Veni, Sancte Spiritus*), que habita em nós. Mas isto, só se permanecermos no Senhor.

Peço ao Senhor que nos faça conhecer a sabedoria de permanecer n'Ele e a familiaridade com o Espírito: o Espírito Santo concede-nos liberdade. E esta é a *unção*. Quem permanece no Senhor é discípulo, e o discípulo é um ungido, um unguído pelo Espírito, que recebeu a unção do Espírito e a leva por diante. Este é o caminho que Jesus nos mostra para a liberdade e também para a vida. E o discipulado é a *unção* que recebem aqueles que permanecem no Senhor.

O Senhor nos faça compreender que isto não é fácil: porque os doutores não o compreenderam, não é compreendido apenas com a inteligência; compreende-se com a inteligência e com o coração, esta sabedoria da unção do Espírito Santo que nos faz discípulos.

"As três dimensões da vida cristã: eleição, promessa, aliança"

[Quinta-feira, 2 de abril de 2020]

Introdução

Estes dias de dor e tristeza evidenciam muitos problemas escondidos. No jornal, hoje, há uma fotografia que comove o coração: tantos desabrigados de uma cidade, deitados num estacionamento, sob observação... há muitos desabrigados atualmente. Peçamos a Santa Teresa de Calcutá que desperte em nós o sentimento de proximidade a tantas pessoas que na sociedade, na vida normal, vivem escondidas mas, como os desabrigados, no momento da crise, vivem assim.

Homilia

O Senhor sempre se lembrou da sua aliança. Repetimo-lo no Salmo responsorial (cf. *Sl* 105, 8). O Senhor não esquece, Ele nunca esquece. Sim, Ele só esquece num caso, quando perdoa os pecados. Depois que perdoa, perde a memória, não se lembra dos pecados. Noutros casos, Deus não esquece. A sua fidelidade é memória. A sua fidelidade ao seu povo. A sua fidelidade a Abraão é memória das promessas que Ele fez. Deus escolheu Abraão para percorrer um caminho. Abraão é um escolhido, ele foi um escolhido. Deus elegeu-o. Então, nessa eleição prometeu-lhe uma herança e hoje, no trecho do Livro do Génesis, há um passo a mais. «Este é o pacto que faço contigo» (*Gn* 17, 4). A aliança. Uma aliança que o faz ver de longe a sua fecundidade: «Serás o pai de uma multidão de povos» (*Gn* 17, 4). A eleição, a promessa e a aliança são as três dimensões da vida de fé, as três dimensões da vida cristã. Cada um de nós é um escolhido, ninguém escolhe ser cristão entre todas as possibilidades que o “mercado” religioso lhe oferece, é um eleito. Somos cristãos porque fomos escolhidos. Nesta eleição há uma promessa, uma promessa de esperança, o sinal é a fecundidade: Abraão, serás pai de uma multidão de nações e... serás fecundo na fé (cf. *Gn* 17, 5-6). A tua fé florescerá em obras, em boas obras, em obras de

fecundidade também, uma fé fecunda. Mas deves - o terceiro passo - observar a aliança comigo (cf. *Gn* 17, 9). A aliança é fidelidade, é ser fiel. Fomos escolhidos, o Senhor fez-nos uma promessa, agora Ele pede-nos uma aliança. Uma aliança de fidelidade. Jesus diz que Abraão exultou de alegria, pensando, vendo o seu dia, o dia da grande fecundidade, que o seu filho - Jesus era filho de Abraão (cf. *Jo* 8, 56) que veio para refazer a criação, que é mais difícil do que a fazer, diz a liturgia - veio para realizar a redenção dos nossos pecados, a fim de nos libertar. O cristão é cristão não para poder mostrar a fé do batismo: a fé do batismo é um documento. És cristão se disseres sim à eleição que Deus fez de ti, se fores atrás das promessas que o Senhor fez a ti e se viveres uma aliança com o Senhor: esta é a vida cristã. Os pecados do caminho são sempre contrários a estas três dimensões: não aceitar a eleição e “elegermos” tantos ídolos, tantas coisas que não são de Deus. Não aceitar a esperança na promessa, ir, olhar de longe para as promessas, até muitas vezes, como diz a Carta aos Hebreus (cf. *Hb* 6, 12; 8, 6), saudando-as de longe, e fazendo com que as promessas sejam hoje aos pequenos ídolos que construímos, e esquecer a aliança, viver sem a aliança, como se não tivéssemos uma aliança. A fecundidade é alegria, o júbilo de Abraão que previu o dia de Jesus e ficou cheio de alegria. Esta é a revelação que a palavra de Deus nos dá hoje sobre a nossa existência cristã. Que seja como a do nosso Pai: conscientes de sermos escolhidos, alegres de ir ao encontro de uma promessa e fiéis ao cumprir a aliança.

"Nossa Senhora das Dores, discípula e mãe"

[Sexta-feira, 3 de abril de 2020]

Introdução

Há pessoas que, a partir de agora, começam a pensar no depois: no depois da pandemia. Em todos os problemas que virão: problemas de pobreza, trabalho, fome... Rezemos por todas as pessoas que hoje ajudam, mas pensam também no amanhã, para nos ajudar a todos.

Homilia

Nesta Sexta-feira de Paixão, a Igreja recorda os sofrimentos de Maria, Nossa Senhora das Dores. Há séculos que existe esta veneração do povo de Deus. Foram escritos hinos em honra de Nossa Senhora das Dores: ela estava aos pés da cruz e contemplava-na ali, sofredora. A piedade cristã recolheu os padecimentos de Nossa Senhora e fala das “sete dores”. A primeira, só 40 dias depois do nascimento de Jesus, a profecia de Simeão fala de uma espada que lhe trespassará o coração (cf. *Lc 2, 35*). A segunda dor, a fuga para o Egito para salvar a vida do Filho (cf. *Mt 2, 13-23*). A terceira dor, aqueles três dias de angústia quando o jovem Jesus permaneceu no templo (cf. *Lc 2, 41-50*). A quarta dor, quando Nossa Senhora se encontra com Jesus no caminho do Calvário (cf. *Jo 19, 25*). A quinta dor de Nossa Senhora é a morte de Jesus, ao ver ali o seu Filho, crucificado, nu, a morrer. A sexta dor é a descida de Jesus da cruz, morto, e ela pega nele no colo como o havia feito há mais de 30 anos em Belém. A sétima dor é o sepultamento de Jesus. E assim, a piedade cristã percorre este caminho de Nossa Senhora que acompanha Jesus. Faz-me bem, no final da tarde, quando recito o Angelus, rezar estas sete dores como uma lembrança da Mãe da Igreja, como a Mãe da Igreja que com tanta dor deu à luz todos nós.

Nossa Senhora nunca pediu nada para si, nunca. Para os outros, sim: pensemos em Caná, quando fala com Jesus. Ela nunca disse: «Eu sou a

mãe, olhai para mim: serei a rainha-mãe”. Nunca disse isso. Nunca pediu nada importante para si no colégio apostólico. Aceita apenas ser mãe. Ela acompanhou Jesus como discípula, pois o Evangelho mostra que ela seguiu Jesus: com as suas amigas, mulheres piedosas, ela seguiu Jesus, ouviu Jesus. Certa vez alguém a reconheceu: “Ah, aqui está a mãe”, “A tua mãe está aqui”... (Cf. *Mc* 3, 31)... Ela seguia Jesus. Até ao Calvário. E ali, em pé... as pessoas certamente disseram: “Mas, pobre mulher, como deve sofrer”, e os malvados certamente disseram: “Mas, a culpa também é dela, porque se ela o tivesse educado bem, isto não teria acabado assim”. Ali estava ela, com o Filho, com a humilhação do Filho.

Honrar Nossa Senhora e dizer: “Esta é minha Mãe”, porque ela é Mãe. E este é o título que ela recebeu de Jesus, ali mesmo, no momento da Cruz (cf. *Jo* 19, 26-27). Os teus filhos, tu és mãe. Ele não a nomeou primeira-ministra nem lhe atribuiu títulos de “funcionalidade”. Apenas “Mãe”. E depois, os Atos dos Apóstolos mostram-na em oração com os Apóstolos como Mãe (cf. *At* 1, 14). Nossa Senhora não quis tirar nenhum título a Jesus; recebeu o dom de ser sua Mãe e o dever de nos acompanhar como Mãe, de ser nossa Mãe. Ela não pediu para ser uma quase-redentora ou uma co-redentora: não. O Redentor é um só e este título não se duplica. Apenas discípula e mãe. E por isso, como Mãe, devemos pensar nela, procurá-la, rezar a ela. Ela é a Mãe. Na Igreja Mãe. Na maternidade de Nossa Senhora vemos a maternidade da Igreja que recebe a todos, bons e maus: todos.

Hoje far-nos-á bem parar um pouco e pensar na dor e nos sofrimentos de Nossa Senhora. Ela é a nossa Mãe. E como os carregou, como os suportou bem, com força, com choro: não era um choro falso, era precisamente o seu coração destruído pela dor. Far-nos-á bem parar um pouco e dizer a Nossa Senhora: “Obrigado por terdes aceite ser Mãe quando o Anjo te deu o anúncio, e obrigado por teres aceite ser Mãe quando Jesus o disse”.

"O processo da tentação"

[Sábado, 4 de abril de 2020]

Introdução

Nestes momentos de convulsão, de dificuldade, de dor, muitas vezes é dada às pessoas a oportunidade de fazer uma coisa ou outra, muitas coisas boas. Mas também não falta alguém que tem a ideia de fazer algo não tão bom, aproveitando-se do momento para obter alguma vantagem para si próprio, para o seu lucro. Rezemos hoje para que o Senhor nos conceda a todos uma consciência reta, uma consciência transparente, para que possamos ser vistos por Deus sem nos envergonharmos.

Homilia

Há já algum tempo que os doutores da lei, até os sumos sacerdotes, estavam inquietos porque aconteciam coisas estranhas no país. Primeiro este João, que no final o deixaram estar porque era um profeta, batizava lá e as pessoas procuravam-no, mas não havia outras consequências. Depois veio este Jesus, indicado por João. Começou a fazer sinais, milagres, mas sobretudo a falar ao povo, que o compreendia e o seguia, e nem sempre observava a lei, o que preocupava muito. «Este é um revolucionário, um revolucionário pacífico... Ele atrai as pessoas, as pessoas seguem-no...» (cf. *Jo* 11, 47-48). E estas ideias levaram-nos a falar uns com os outros: “Mas olha, não gosto disto... daquele...”, e assim entre eles havia este tema de conversa, e também de preocupação. Depois alguns foram ter com Jesus para o porem à prova, mas o Senhor deu uma resposta clara que a eles, aos doutores da lei, não veio à mente. Pensemos naquela mulher que foi casada sete vezes, viúva sete vezes: «Mas no céu, de qual destes maridos será esposa?» (cf. *Lc*, 20, 33). Ele respondeu claramente e eles retiraram-se um pouco envergonhados pela sabedoria de Jesus e noutros momentos foram-se embora humilhados, como quando quiseram apedrejar aquela adúltera e Jesus, no final, disse: «Quem de vós estiver sem pecado seja o primeiro a

lançar-lhe uma pedra» (cf. *Jo* 8, 7) e diz o Evangelho que eles foram embora, começando pelos mais velhos, humilhados naquele momento. Isto fez aumentar a preocupação entre eles: “Temos de fazer alguma coisa, isto não está bem...”. Então eles mandaram os soldados buscá-lo e estes voltaram dizendo: “Não conseguimos prendê-lo porque este homem fala como nenhum outro” ... «Também vós vos deixastes seduzir?» (cf. *Jo* 7, 45-49): irritados porque nem sequer os soldados o conseguiram prender. E então, depois da ressurreição de Lázaro - hoje ouvimos isto - muitos judeus foram visitar as irmãs de Lázaro, mas alguns foram para depois relatar o que viram, e outros foram ter com os fariseus e contaram-lhes o que Jesus tinha feito (cf. *Jo* 11, 45). Outros acreditavam n'Ele. E aqueles que foram, os bisbilhoteiros de todos os tempos, que vivem levando mexericos... foram-lhes contar. Naquele momento, o grupo que se tinha formado de doutores da lei fez uma reunião formal: “Isto é muito perigoso, temos de tomar uma decisão”. Que faremos? Este homem realiza muitos sinais - reconhecem os milagres - se o deixarmos continuar assim, todos acreditarão nele, há perigo, o povo segui-lo-á, separar-se-á de nós - o povo não os estimava - «virão os romanos e destruir-nos-ão o Templo e a Nação» (cf. *Jo* 11, 48). Nisto havia um pouco de verdade, mas não total, era uma justificação, porque eles tinham encontrado um equilíbrio com o invasor, mas odiavam o invasor romano, contudo politicamente tinham encontrado um equilíbrio. Assim, falavam entre eles. Um deles, Caifás - o mais radical - um sumo sacerdote, disse: «Não compreendeis que vos interessa que morra um só homem pelo povo e não pereça a Nação inteira» (*Jo* 11, 50). Ele era o sumo sacerdote e fez a proposta: «Matemo-lo». E João diz: “Esta revelação de que Jesus deveria morrer por todo o povo veio da boca de Caifás, no seu cargo de sumo sacerdote; não foi coisa que tivesse pensado por si próprio, mas uma profecia. Era uma predição de que a morte de Jesus não seria só por Israel... A partir daí, começaram a planear a morte de Jesus” (cf. *Jo* 11, 51-53). Foi um processo, que começou alguma inquietação na época de João Batista e depois terminou nesta sessão dos Doutores da Lei e sacerdotes. Foi um processo que cresceu, um processo que era mais seguro do que a decisão que tinham de tomar, mas ninguém o dissera tão claramente: «Temos que o aniquilar». Esta forma de proceder dos doutores da lei é precisamente uma figura de como a tentação age em nós, porque por trás dela estava obviamente o diabo que queria destruir Jesus e a tentação em nós geralmente age assim: começa com pouco, com

um desejo, uma ideia, cresce, contagia outros e no fim é justificada. Estes são os três passos da tentação do diabo em nós e eis estão os três passos que a tentação do diabo deu na pessoa do doutor da lei. Começou com pouco, mas cresceu, cresceu, contagiou outros, fez-se corpo e no final justifica-se: «é melhor que um só homem morra pelo povo» (cf. *Jo* 11, 50), a justificação total. E todos foram para casa tranquilos. Disseram: “Esta é a decisão que tínhamos de tomar”. E todos nós, quando somos vencidos pela tentação, ficamos tranquilos, porque encontramos uma justificação para este pecado, para esta atitude pecaminosa, para esta vida não de acordo com a lei de Deus. Deveríamos ter o hábito de ver em nós este processo de tentação. Este processo que nos faz mudar os nossos corações do bem para o mal, que nos conduz ao caminho da descida. Algo que cresce, cresce lentamente, depois contagia outros e acaba por se justificar. Dificilmente as tentações chegam até nós de repente, o diabo é astuto. Ele sabe como percorrer este caminho, o mesmo que percorreu para chegar à condenação de Jesus. Quando nos encontramos num pecado, numa queda, sim, devemos ir e pedir perdão ao Senhor, é o primeiro passo que devemos dar, mas depois devemos dizer: «Como caí nisto? Como começou este processo na minha alma? Como cresceu? Quem contagei? E, no final, como me justifiquei a mim mesmo por ter caído?». A vida de Jesus é sempre um exemplo para nós e as coisas que lhe aconteceram são aquelas que acontecerão a nós, as tentações, as justificações, as pessoas boas que estão à nossa volta e talvez não as ouvimos e as pessoas más, no momento da tentação, procuramos aproximar-nos delas para fazer crescer a tentação. Mas nunca esqueçamos: sempre, atrás de um pecado, atrás de uma queda, há uma tentação que começou pequena, que cresceu, que contagiou e, no final, encontrou uma justificação para cair. Que o Espírito Santo nos ilumine neste conhecimento interior.

"Buscar Jesus no pobre"

[Segunda-feira, 6 de abril de 2020]

Introdução

Estou a pensar num problema grave que existe em muitas partes do mundo. Gostaria que hoje rezássemos pela superlotação nas prisões. Onde há superlotação - tantas pessoas juntas - há o perigo, nesta pandemia, de acabar numa calamidade grave. Rezemos pelos responsáveis, por aqueles que devem tomar as decisões nesta matéria, para que encontrem uma forma correta e criativa de resolver a situação.

Homilia

Este excerto termina com uma observação: «Então os príncipes dos sacerdotes tinham deliberado matar também a Lázaro, porque muitos judeus, por causa dele, afastavam-se e acreditavam em Jesus» (*Jo 12, 10-11*). Há dias vimos os excertos da tentação: a sedução inicial, a ilusão, depois cresce - segundo excerto - e o terceiro, cresce e contagia e justifica-se. Mas há outro passo: vai em frente, não pára. Para estes não bastava matar Jesus, mas agora também a Lázaro, porque ele era uma testemunha de vida.

Mas hoje gostaria de refletir sobre uma palavra de Jesus. Seis dias antes da Páscoa - estamos mesmo à porta da Paixão - Maria faz este gesto de contemplação: Marta servia - como no outro excerto - e Maria abre a porta à contemplação. E Judas pensa no dinheiro e nos pobres, mas «não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa, tirava o que nela se metia» (*Jo 12, 6*). Esta história do administrador infiel é sempre atual, sempre os há, até a um nível elevado: pensemos nalgumas organizações caritativas ou humanitárias que têm tantos empregados, tantos, que têm uma estrutura muito rica de pessoas e que no final chegam aos pobres quarenta por cento, porque sessenta é para pagar o

salário de tantas pessoas. É uma forma de tirar dinheiro aos pobres. Mas a resposta é Jesus. E aqui quero parar: «Pobres, sempre os tereis convosco» (Jo 12, 8). Esta é uma verdade: «Pobres, sempre os tereis convosco». Os pobres estão aqui. Há muitos: há os pobres que vemos, mas esta é a mínima parte; o grande número de pobres são aqueles que não vemos: os pobres escondidos. E não os vemos porque entramos na cultura da indiferença que é negacionista e negamos: “Não, não, não são muitos, não se veem; sim, aquele caso...”, diminuindo sempre a realidade dos pobres. Mas há muitos, muitos.

Ou então, se não entrarmos nesta cultura da indiferença, há o hábito de ver os pobres como ornamentos de uma cidade: sim, estão ali, como estátuas; sim, existem, veem-se; sim, aquela velhinha a pedir esmola, aquela outra... Mas como se fosse uma coisa normal. Os pobres fazem parte da ornamentação da cidade. Mas a grande maioria são pobres vítimas das políticas económicas, das políticas financeiras. Algumas estatísticas recentes resumem isto desta forma: há muito dinheiro nas mãos de poucos e muita pobreza em muitos, em tantos. E esta é a pobreza de tantas pessoas que são vítimas da injustiça estrutural da economia mundial. E há pobres que se envergonham de mostrar que não chegam ao fim do mês; tantos pobres da classe média, que secretamente vão à Caritas, pedem e sentem vergonha. Os pobres são muito mais numerosos do que os ricos; muito, muito... E o que Jesus diz é verdade: “Pobres, sempre os tereis convosco”. Mas eu vejo-os? Estou consciente desta realidade? Especialmente da realidade oculta, aqueles que se envergonham de dizer que não conseguem chegar ao fim do mês.

Recordo que em Buenos Aires me disseram que o edifício de uma fábrica abandonada, vazio há anos, era habitado por cerca de quinze famílias que tinham chegado nos últimos meses. Fui lá. Eram famílias com filhos e cada um tinha usado uma parte da fábrica abandonada para viver. E, olhando para eles, vi que cada família tinha mobília boa, móveis da classe média, televisão, mas foram para lá porque não podiam pagar a renda. Os novos pobres que têm de abandonar a casa porque não podem pagar, foram para lá. É essa injustiça da organização económica ou financeira que os leva a isso. E são tantos, tantos, encontra-los-emos no juízo. A primeira pergunta que Jesus nos fará será: “Como te comportaste com os pobres? Deste-lhes

de comer? Quando estavam na prisão, visitaste-os? No hospital, viste-os? Ajudaste a viúva, os órfãos? Porque eu estava neles”. E sobre isso seremos julgados. Não seremos julgados pelo luxo ou pelas viagens que fazemos nem pela importância social que temos. Seremos julgados pela nossa relação com os pobres. Mas se eu hoje ignorar os pobres, os puser de lado, considerando que eles não existem, o Senhor irá ignorar-me no Dia do Juízo. Quando Jesus disser: “Pobres, sempre os tereis convosco” significa “Eu estarei sempre convosco nos pobres. Neles estarei presente”. E isto não é ser comunista, isto é o centro do Evangelho: seremos julgados por isto.

"Perseverar no serviço"

[Terça-feira, 7 de abril de 2020]

Introdução

Nestes dias de Quaresma vimos a perseguição que Jesus sofreu e como os doutores da Lei foram desumanos contra ele: foi julgado sob crueldade, com crueldade, sendo inocente. Gostaria de rezar hoje por todas as pessoas que sofrem uma sentença injusta causada pela perseguição.

Homilia

A profecia de Isaías que ouvimos é uma profecia sobre o Messias, sobre o Redentor, mas também sobre o povo de Israel, sobre o povo de Deus: podemos dizer que se trata de uma profecia sobre cada um de nós. Essencialmente, a profecia enfatiza que o Senhor escolheu o seu servo desde o ventre materno: diz isto duas vezes (cf. *Is* 49, 1). Desde o início, o seu servo foi eleito, desde o nascimento ou antes do nascimento. O povo de Deus foi eleito antes do nascimento, inclusive cada um de nós. Nenhum de nós caiu no mundo por casualidade, por acaso. Todos têm um destino, um destino livre, o destino da eleição de Deus. Eu nasci com o destino de ser filho de Deus, de ser servo de Deus, com a tarefa de servir, de construir, de edificar. E isto, desde o ventre materno.

O Servo de Javé, Jesus, serviu até à morte: parecia uma derrota, mas era a forma de servir. E isto sublinha a forma de servir que temos de assumir na nossa vida. Servir é doar-se, doar-se aos outros. Servir não é esperar para cada um de nós qualquer outro benefício que não seja servir. É a glória, servir; e a glória de Cristo é servir ao ponto de se aniquilar a si mesmo, ao ponto de morrer, morte de Cruz (cf. *F1* 2, 8). Jesus é o servo de Israel. O povo de Deus é servo, e quando o povo de Deus se afasta desta atitude de servir é um povo apóstata: afasta-se da vocação que Deus lhe deu. E quando

cada um de nós se distancia da vocação de servir, distancia-se do amor de Deus. E constrói a sua vida sobre outros amores, muitas vezes idólatras.

O Senhor escolheu-nos desde o ventre materno. Na vida há quedas: cada um de nós é pecador, pode cair e já caiu. Exceto Nossa Senhora e Jesus: todos os outros caíram, nós somos pecadores. Mas o que importa é a atitude perante o Deus que me elegeu, que me ungiu como servo; é a atitude de um pecador capaz de pedir perdão, como Pedro, que jura “não, Senhor, nunca te negarei, nunca, nunca, nunca”, e depois, quando o galo canta, ele chora. Arrepende-se (cf. *Mt 26, 75*). Este é o caminho do servo: quando escorrega, quando cai, pede perdão.

Por outro lado, quando o servo não consegue compreender que caiu, quando a paixão o envolve de tal forma que o leva à idolatria, abre o coração a Satanás, entra na noite: foi o que aconteceu com Judas (cf. *Mt 27, 3-10*).

Hoje pensemos em Jesus, o servo, fiel no serviço. A sua vocação é servir, até à morte e morte de Cruz (cf. *Fl 2, 5-11*). Pensemos em cada um de nós, parte do povo de Deus: somos servos, a nossa vocação é servir, não obter vantagem devido ao lugar que ocupamos na Igreja. Servir. Sempre em serviço.

Peçamos a graça de perseverar no serviço. Por vezes com escorregões, quedas, mas pelo menos com a graça de chorar como fez Pedro.

" Judas, onde estás? "

[Quarta-feira, 8 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelas pessoas que, nesta época de pandemia, faz comércio em desvantagem dos necessitados; aproveitam das necessidades dos outros e vendem-nas: os mafiosos, os usurários e muitos outros. Que o Senhor lhes comova o coração e os converta.

Homilia

A quarta-feira Santa é também chamada “Quarta-feira da traição”, o dia em que a Igreja enfatiza a traição de Judas. Judas vende o Mestre.

Quando pensamos na venda de pessoas, vem-nos à mente o comércio feito com os escravos da África para os levar para a América - uma coisa antiga -, depois o comércio, por exemplo, das jovens yazidis vendidas em Daesh: mas é algo distante, é uma situação... Ainda hoje as pessoas são vendidas. Todos os dias. Há Judas que vendem os seus irmãos e irmãs, explorando-os no trabalho, não pagando o salário justo, não reconhecendo os próprios deveres... Aliás, muitas vezes eles vendem as coisas mais queridas. Penso que, para se sentir mais confortável, um homem é capaz de afastar os seus pais e não voltar a vê-los, colocando-os numa casa de repouso sem os ir visitar... vende. Há um ditado muito conhecido que, falando de pessoas assim, diz que “este é capaz de vender a mãe”: e eles vendem-na. Agora estão tranquilos, estão longe: “Ocupai-vos vós deles...”.

Hoje o comércio humano é como nos primórdios: faz-se. Porquê? Por que: Jesus disse-o. Ele atribuiu ao dinheiro um senhorio. Jesus disse: «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (cf. *Lc 16, 13*), a dois senhores. É a única coisa que Jesus coloca no auge e cada um de nós deve escolher: ou serves a Deus e serás livre na adoração e no serviço; ou serves ao dinheiro e

serás escravo do dinheiro. Esta é a opção; e muitas pessoas querem servir a Deus e ao dinheiro. E isto não pode ser feito. No final, fingem servir a Deus para servir o dinheiro. Trata-se de exploradores ocultos que são socialmente impecáveis, mas debaixo da mesa negociam, até as pessoas: não importa. A exploração humana consiste na venda do próximo.

Judas foi-se, mas deixou discípulos, que não são seus discípulos, mas do diabo. Não sabemos como foi a vida de Judas. Um jovem normal, talvez, e até com inquietações, pois o Senhor o chamou para ser discípulo. Ele nunca conseguiu ser um discípulo: não tinha boca de discípulo nem coração de discípulo, como lemos na primeira leitura. Era débil no discipulado, mas Jesus amava-o... Depois o Evangelho faz-nos compreender que ele gostava de dinheiro: na casa de Lázaro, quando Maria ungiu os pés de Jesus com aquele perfume caro, ele fez a reflexão e João sublinhou: «Dizia isso não porque ele se interessasse pelos pobres, mas porque era ladrão» (cf. *Jo* 12, 6). O amor ao dinheiro tinha-o afastado das regras: roubar, e de roubar a trair o passo é breve. Quem gosta demasiado de dinheiro trai para ter mais, sempre: é uma regra, é um facto. O jovem Judas, talvez bondoso, com boas intenções, acaba por ser um traidor ao ponto de *ir* ao mercado para vender: «Foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse: “que me quereis dar, eu vo-lo entregarei?”» (cf. *Mt* 26, 14). Na minha opinião, este homem estava fora de si.

Um aspeto que me chama a atenção é que Jesus nunca o chama “traidor”; diz que será traído, mas não o chama “traidor”. Nunca diz: “Vai-te embora, traidor”. Nunca! Na verdade chama-lhe “Amigo” e beija-o. O mistério de Judas: ... como é o mistério de Judas? Não sei... o sacerdote Primo Mazzolari explicou-o melhor do que eu... Sim, conforta-me contemplar aquele capitel de Vézelay: que fim levou Judas? Não sei. Jesus ameaça vigorosamente, aqui; ele ameaça com veemência: «ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido!» (Cf. *Mt*. 26, 24). Mas isto significa que Judas está no Inferno? Não sei. Eu olho para o capitel. E ouço a palavra de Jesus: “Amigo”.

Mas isto faz-nos pensar noutra coisa, que é mais real, mais do que hoje: o diabo entrou em Judas, foi o diabo que o levou até este ponto. E como

terminou a história? O diabo é um mau pagador, não é um pagador de confiança. Ele promete tudo, mostra tudo e no final deixa-te sozinho no teu desespero de enforcado.

O coração de Judas, inquieto, atormentado pela ganância e angustiado pelo amor a Jesus, - um amor que não conseguiu tornar-se amor, - mortificado com este nevoeiro, procura os sacerdotes para lhes pedir perdão e salvação. «Que nos importa? Isso é contigo» (cf. *Mt 27, 4*): o diabo fala assim e deixa-nos no desespero.

Pensemos nos muitos Judas institucionalizados neste mundo, que exploram as pessoas. E pensemos também no pequeno Judas que cada um de nós tem dentro de si na hora de escolher: entre lealdade ou interesse. Cada um de nós tem a capacidade de trair, de vender, de escolher pelo próprio interesse. Cada um de nós tem a possibilidade de se deixar atrair pelo amor ao dinheiro, aos bens ou pelo bem-estar futuro. “Judas, onde estás?” Mas faço esta pergunta a cada um de nós: “Tu, Judas, *o pequeno Judas* dentro de mim: onde estás?”.

"Escolher o anúncio para não cair nas nossas sepulturas"

[Segunda-feira, 13 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos governantes, pelos cientistas, pelos políticos que começaram a estudar uma saída, a pós-pandemia, este "depois" que já começou: que encontrem o caminho certo, sempre a favor das pessoas, sempre a favor dos povos.

Homilia

O Evangelho de hoje apresenta-nos uma opção, uma opção quotidiana, uma opção humana, mas que funciona desde aquele dia: a opção entre a alegria, a esperança da ressurreição de Jesus e a nostalgia da sepultura.

As mulheres vão em frente e levam o anúncio (cf. *Mt 28, 8*): Deus começa sempre pelas mulheres, sempre. Elas abrem caminhos. Não duvidam: sabem, viram-no, tocaram-no. Elas também viram o túmulo vazio. É verdade que os discípulos não podiam acreditar e disseram: «Mas estas mulheres talvez sejam imaginativas demais»... Não sei, eles tinham as suas dúvidas. Mas elas tinham certeza e, no final, continuaram por este caminho até hoje: Jesus ressuscitou, está vivo entre nós (cf. *Mt 28, 9-10*). E depois há outro aspeto: é melhor não viver com o túmulo vazio. Este túmulo vazio trar-nos-á muitos problemas. E a decisão de esconder o acontecimento. É como sempre: quando não servimos a Deus, ao Senhor, servimos o outro deus, o dinheiro. Recordemos o que Jesus disse: existem dois senhores, o Senhor Deus e o senhor dinheiro. Não se pode servir a ambos. E para sair desta evidência, desta realidade, os sacerdotes, os doutores da Lei escolheram o outro caminho, aquele que lhes ofereceu o deus dinheiro, e pagaram: pagaram o silêncio (cf. *Mt 28, 12-13*). O silêncio das testemunhas. Assim que Jesus morreu, um dos guardas confessou: «Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!» (*Mc 15, 39*). Aquelas

pobres pessoas não compreendiam, tinham medo porque a própria vida estava em jogo... e foram ter com os sacerdotes, com os doutores da Lei. E eles pagaram: pagaram pelo silêncio, e isto, caros irmãos e irmãs, não é um suborno: é pura corrupção, corrupção em estado puro. Se não confessares Jesus Cristo o Senhor, pensa por quê: pensa onde há o selo do teu túmulo, onde há corrupção. É verdade que muitas pessoas não confessam Jesus porque não o conhecem, porque nós não o anunciamos com coerência e a culpa é nossa. Mas quando, diante das evidências, empreendemos este caminho, é o caminho do diabo, é a estrada da corrupção. Paga-se e cala-se!

Também hoje, diante do próximo - esperemos que seja em breve - fim desta pandemia, existe a mesma opção: ou a nossa aposta será pela vida, pela ressurreição dos povos, ou será pelo deus dinheiro: voltar à sepultura da fome, da escravidão, das guerras, das fábricas de armas, das crianças sem escolas... aqui está a sepultura!

Que o Senhor, tanto na nossa vida pessoal como social, nos ajude sempre a optar pelo anúncio: o anúncio que é horizonte, está sempre aberto; nos leve a escolher o bem das pessoas, sem nunca cair no túmulo do deus dinheiro.

"A graça da fidelidade"

[Terça-feira, 14 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos para que o Senhor nos conceda a graça da unidade entre nós. Que as dificuldades deste tempo nos façam descobrir a comunhão entre nós, a unidade que é sempre superior a qualquer divisão.

Homilia

A pregação de Pedro no dia de Pentecostes compunge o coração das pessoas: «A quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo» (cf. *At 2, 36*). «E, ouvindo isto, ficaram compungidos no íntimo do coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: que faremos, irmãos? (*At 2, 37*). E Pedro esclarece: «Arrependei-vos. Convertei-vos. Mudai de vida. Vós que recebestes a promessa de Deus e vós que vos afastastes da Lei de Deus, de muitas coisas, entre ídolos e muitas outras coisas... convertei-vos. Regressai à fidelidade» (cf. *At 2, 38*). Converter-se é isto: voltar a ser fiel. Fidelidade, esta atitude humana que não é tão comum na vida das pessoas, nas nossas vidas. Há sempre ilusões que chamam a atenção, e muitas vezes queremos ir atrás destas ilusões. Fidelidade: nos bons e nos maus momentos. Há um trecho do Segundo Livro das Crônicas que me impressiona muito. Está no início do capítulo 12. «Sucedeu que, havendo Roboão confirmado o reino, e tendo-se fortalecido, deixou a lei do Senhor, e com ele todo o Israel» (cf. *2 Cr 12, 1*). Assim diz a Bíblia. É um dado histórico e também um universal. Muitas vezes, quando nos sentimos seguros, começamos a fazer os nossos planos e lentamente afastamo-nos do Senhor; não permanecemos fiéis. E a minha segurança não é a que o Senhor me dá. É um ídolo. Foi isto que aconteceu a Roboão e ao povo de Israel. Sentiu-se seguro - um reino consolidado - afastou-se da lei e começou a adorar os ídolos. Sim, podemos dizer: “Padre, eu não me ajoelho perante os ídolos”. Não, talvez não te ajoelhes, mas é verdade que os procuras e que

tantas vezes adoras os ídolos no teu coração. Muitas vezes. A própria segurança abre a porta aos ídolos.

Mas é má a própria segurança? Não, é uma graça. Estar certo, mas também ter a certeza de que o Senhor está comigo. Mas quando há segurança e eu estou no centro, afasto-me do Senhor, como o rei Roboão, torno-me infiel. É tão difícil manter a fidelidade. Toda a história de Israel, e depois toda a história da Igreja, está cheia de infidelidades. Repleta. Cheia de egoísmo, cheia das suas próprias certezas que levam o povo de Deus a afastar-se do Senhor, a perder esta fidelidade, a graça da fidelidade. E mesmo entre nós, entre as pessoas, certamente a fidelidade não é uma virtude comum. Muitos talvez não sejam fiéis uns aos outros... «Arrependei-vos, voltai à fidelidade ao Senhor» (cf. *At 2, 38*).

E no Evangelho, o ícone da fidelidade: aquela mulher fiel que nunca esqueceu tudo o que o Senhor tinha feito por ela. Estava lá, fiel, diante do impossível, perante a tragédia, uma fidelidade que também a faz pensar que é capaz de carregar o corpo... (cf. *Jo 20, 15*). Uma mulher fraca mas fiel. O ícone de fidelidade de Maria de Magdala, apóstola dos apóstolos.

Peçamos hoje ao Senhor a graça da fidelidade: de agradecer quando Ele nos dá certezas, mas nunca pensar que são “minhas” certezas e sempre olhar para além das próprias certezas; a graça de sermos fiéis mesmo diante dos túmulos, perante o colapso de tantas ilusões. Fidelidade, que permanece sempre, mas não é fácil mantê-la. Que Ele, o Senhor, a conserve.

"A nossa fidelidade é resposta à fidelidade de Deus"

[Quarta-feira, 15 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos idosos, especialmente por aqueles que estão isolados ou em casas de repouso. Eles têm medo, medo de morrer sozinhos. Sentem que esta pandemia é agressiva. Eles são as nossas raízes, a nossa história. Transmitiram-nos a fé, a tradição e o sentimento de pertença a uma pátria. Rezemos para que o Senhor esteja próximo deles neste momento.

Homilia

Ontem refletimos sobre Maria de Magdala como ícone de fidelidade: a fidelidade a Deus. Mas como é essa fidelidade a Deus? A que Deus? Precisamente ao Deus fiel.

A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Deus, fiel à sua palavra, fiel à sua promessa, que caminha com o seu povo levando em frente a promessa próximo do seu povo. Fiel à promessa: Deus, que se faz sentir continuamente como o Salvador do povo, porque é fiel à promessa. Deus, que é capaz de refazer as coisas, de recriar, como fez com o coxo de nascença a quem recriou os pés, curando-o (cf. At 3, 6-8), o Deus que cura, o Deus que sempre dá consolo ao seu povo. O Deus que recria. Uma recriação nova: esta é a sua fidelidade a nós. Uma recriação que é mais maravilhosa do que a criação.

Um Deus que vai em frente e não se cansa de trabalhar - digamos "trabalhar", "*ad instar laborantis*" (cf. Santo Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 236), como dizem os teólogos - para levar o povo adiante, sem medo de "se cansar", por assim dizer... Como aquele pastor que, quando volta para casa, nota que lhe falta uma ovelha e volta à procura da ovelha que se perdeu (cf. Mt 18, 12-14). O pastor que faz horas extraordinárias,

mas por amor, por fidelidade... E o nosso Deus é um Deus que faz horas extraordinárias, não a pagamento: gratuitamente. É a fidelidade da gratuidade, da abundância. E a fidelidade é aquele pai que sobe muitas vezes ao terraço para ver se o filho volta e não se cansa de subir: espera por ele para festejar (cf. *Lc* 15, 21-24). A fidelidade de Deus é uma festa, é alegria, é uma alegria tão grande que nos faz agir como o coxo: ele entrou no templo caminhando, saltando, louvando a Deus (cf. *At* 3, 8-9). A fidelidade de Deus é uma festa, uma festa gratuita. É festa para todos nós.

A fidelidade de Deus é uma fidelidade paciente: tem paciência com o seu povo, escuta-o, guia-o, explica-lhe lentamente e aquece-lhe o coração, como fez com os dois discípulos que iam para longe de Jerusalém: aquece-lhes o coração para que voltem para casa (cf. *Lc* 24, 32-33). A fidelidade de Deus é o que não sabemos: o que aconteceu nesse diálogo, mas foi o Deus generoso que procurou Pedro, que o tinha negado. Só sabemos que o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão: o que aconteceu nesse diálogo não sabemos (cf. *Lc* 24, 34). Mas sim, sabemos que foi a fidelidade de Deus que procurou Pedro. A fidelidade de Deus precede-nos sempre, e a nossa fidelidade é uma resposta a essa fidelidade que nos precede. É o Deus que nos precede sempre. A flor da amendoeira, na primavera: é a primeira a florescer.

Ser fiel é louvar esta fidelidade, é ser fiel a esta fidelidade. É uma resposta a esta fidelidade.

"Estar cheios de alegria"

[Quinta-feira, 16 de abril de 2020]

Introdução

Recentemente fui repreendido porque me esqueci de agradecer a um grupo de pessoas que também trabalham. Agradei aos médicos, enfermeiros, voluntários... “Mas esqueceu-se dos farmacêuticos”: eles trabalham muito para ajudar os doentes a saírem da doença. Rezemos também por eles.

Homilia

Naqueles dias, em Jerusalém, as pessoas tinham muitos sentimentos: medo, espanto, dúvida. «E, apegando-se o coxo, que fora curado, a Pedro e João, todo o povo correu atônito para junto deles...» (At 3, 11): há um ambiente inquietante porque aconteciam coisas que não se compreendiam. O Senhor foi ter com os seus discípulos. Também eles sabiam que ele tinha ressuscitado, inclusive Pedro, porque tinha falado com ele naquela manhã. Os dois que voltaram de Emaús sabiam, mas quando o Senhor apareceu, ficaram assustados. «Espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito» (Lc 24, 37); tinham tido a mesma experiência no lago quando Jesus caminhou sobre as águas. Naquela ocasião Pedro, ousando, diz: «Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas» (cf. Mt 14, 28). Neste dia Pedro estava em silêncio, tinha falado com o Senhor naquela manhã, e desse diálogo ninguém sabe o que disseram um ao outro, por isso não falava. Mas eles estavam tão cheios de medo, tão perturbados, que pensaram ter visto um fantasma. E ele diz: «Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés...», e mostrou-lhes as chagas (cf. Lc 24, 38-39). Este tesouro de Jesus que o levou ao Céu para o mostrar ao Pai e interceder por nós. «Tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos». E depois segue uma frase que me dá tanto consolação e, por isso, este trecho

do Evangelho é um dos meus preferidos: «Mas, pela alegria, não acreditavam...». (cf. *Lc* 24, 41), cheios de admiração, a alegria impedia-os de acreditar. Havia tanta alegria: “não, isto não pode ser verdade. Esta alegria não é real, é demasiada alegria”. E isto impediu-os de acreditar. A alegria. Os momentos de grande alegria. Estavam cheios de alegria, mas paralisados por ela. E a alegria é um dos desejos que Paulo formulou para o seu povo em Roma: «Que o Deus da esperança vos encha de alegria» (cf. *Rm* 15, 13), disse-lhes. Encher-se de alegria, estar repleto de alegria. É a experiência da consolação mais elevada, quando o Senhor nos faz compreender que isto é algo diferente de ser alegre, positivo, luminoso... Não, é algo diferente. Ser alegre... mas cheio de alegria, uma alegria transbordante que realmente nos invade. E é por isso que Paulo deseja aos Romanos que «o Deus da esperança vos encha de alegria». E esta palavra, esta expressão, que vos encha de alegria, é repetida muitas vezes. Por exemplo, quando na prisão Paulo salva a vida do carcereiro que estava prestes a cometer suicídio, porque as portas se abriram com o terramoto, e depois anuncia-lhe o Evangelho, batiza-o, e o carcereiro, diz a Bíblia, estava “cheio de alegria” por ter acreditado (cf. *At* 16, 29-34). O mesmo acontece ao administrador de Candace, quando Filipe o batizou, foi-se embora, seguiu o seu caminho «cheio de alegria» (cf. *At* 8, 39). Sucedeu também no dia da Ascensão: os discípulos voltaram para Jerusalém, diz a Bíblia, «cheios de alegria» (cf. *Lc* 24, 52). É a plenitude da consolação, a plenitude da presença do Senhor. Porque, como diz Paulo aos Gálatas, «a alegria é fruto do Espírito Santo» (cf. *Gl* 5, 22), não é consequência de emoções que irrompem por algo maravilhoso... Não, é mais do que isto. Esta alegria, esta alegria que nos enche, é fruto do Espírito Santo. Sem o Espírito não se pode sentir esta alegria. Receber a alegria do Espírito é uma graça. Vêm-me à mente os últimos números, os últimos parágrafos da Exortação [*Evangelii nuntiandi*](#) de Paulo VI (cf. 79-80), quando fala de cristãos alegres, de evangelizadores alegres, e não daqueles que vivem sempre tristes. Hoje é um bom dia para os ler. Cheios de alegria. É isto que a Bíblia nos diz: «Mas, pela alegria, não acreditavam...», era tanta que não acreditavam. Há um trecho do livro de Neemias que nos ajudará hoje nesta reflexão sobre a alegria. O povo voltando a Jerusalém, encontrou o livro da lei, redescobriram-no – pois conheciam a lei de cor, não encontraram o livro da lei - grande festa e todo o povo se reuniu para ouvir o sacerdote Esdras que lia o livro da lei. As pessoas comovidas choraram, choraram de alegria

porque tinham encontrado o livro da lei e choraram, estavam alegres, choraram... No final, quando o sacerdote Esdras terminou, Neemias disse ao povo: «Não vos entristeçais; porque a alegria do Senhor é a vossa força» (cf. *Ne* 8, 1-12). Esta palavra do Livro de Neemias ajudar-nos-á hoje. A grande força que temos para transformar, para pregar o Evangelho, para ir em frente como testemunhas de vida é a alegria do Senhor que é fruto do Espírito Santo, e hoje peçamos-Lhe que nos conceda este fruto.

"Familiaridade com o Senhor"

[Sexta-feira, 17 de abril de 2020]

Introdução

Gostaria que rezássemos hoje pelas futuras mães, pelas mulheres grávidas que se tornarão mães e estão inquietas, preocupadas. E perguntam-se: “Em que mundo viverá o meu filho?”. Oremos por elas, a fim de que o Senhor lhes dê a coragem de criar estas crianças com a confiança de que será um mundo certamente diferente, mas será sempre um mundo que o Senhor amará muito.

Homilia

Os discípulos eram pescadores: Jesus chamou-os precisamente enquanto trabalhavam. André e Pedro trabalhavam com as redes. Deixaram-nas e seguiram Jesus (cf. *Mt* 4, 18-20). Assim como João e Tiago: deixaram o pai e os jovens que trabalhavam com eles e seguiram Jesus (cf. *Mt* 4, 21-22). A chamada teve lugar precisamente na sua profissão de pescadores. E este trecho do Evangelho de hoje, o milagre, esta pesca milagrosa, faz-nos pensar noutra pesca milagrosa, descrita por Lucas (cf. *Lc* 5, 1-11): também aqui aconteceu o mesmo. Tiveram uma boa pesca, quando pensavam que não a teriam. Depois do sermão, Jesus disse: «Fazei-vos ao largo» - «Mas trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos» - «Ide». «Mas por causa da tua palavra», disse Pedro, «lançarei as redes». Apanharam tantos peixes - diz o Evangelho - que «ficaram admirados» (cf. *Lc* 5, 9), diante daquele milagre. Hoje, nesta pesca, não se fala de admiração. Vê-se uma certa naturalidade, vê-se que houve progresso, um caminho percorrido no conhecimento do Senhor, na intimidade com o Senhor; direi a palavra certa: na familiaridade com o Senhor. Quando João viu isto, disse a Pedro: «É o Senhor!», e Pedro cingiu-se com a túnica, lançou-se na água e foi ao encontro do Senhor (cf. *Jo* 21, 7). A primeira vez, ajoelhou-se diante d'Ele: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador» (cf. *Lc* 5, 8). Mas

desta vez nada diz, é mais natural. Ninguém perguntou: “Quem és?”. Sabiam que era o Senhor, o encontro com o Senhor era natural. A *familiaridade* dos apóstolos com o Senhor tinha crescido.

Também nós, cristãos, no itinerário da nossa vida, estamos a caminho e devemos progredir na *familiaridade* com o Senhor. Diria que o Senhor está um pouco “à mão”, mas “à mão” porque caminha conosco, sabemos que é Ele. Ninguém lhe perguntou, “quem és?”: sabiam que era o Senhor. A *familiaridade* do cristão com o Senhor é diária. Sem dúvida, juntos comeram o peixe e o pão, e certamente falaram de muitos assuntos com naturalidade.

Esta familiaridade dos cristãos com o Senhor é sempre comunitária. Sim, é íntima, pessoal, mas *em comunidade*. Uma familiaridade sem comunidade, sem Pão, sem Igreja, sem povo, sem sacramentos, é perigosa. Pode-se tornar uma familiaridade - digamos - gnóstica, uma familiaridade só para mim, desligada do povo de Deus. A familiaridade dos apóstolos com o Senhor foi sempre comunitária, sempre *à mesa*, um sinal da comunidade. Sempre com o Sacramento, com o Pão.

Digo isto porque alguém me fez refletir sobre o perigo deste momento que vivemos, desta pandemia, que até nos fez comungar religiosamente através da mídia, dos meios de comunicação social, inclusive nesta Missa, somos todos comunicantes, espiritualmente unidos mas não juntos. Os presentes são poucos. Mas há um grande povo: estamos unidos, mas não estamos juntos. Também hoje tendes o Sacramento, a Eucaristia, mas as pessoas que estão unidas a nós, só têm a Comunhão espiritual. E esta não é a Igreja: é a Igreja de uma situação difícil, que o Senhor permite, mas o ideal de Igreja é estar sempre com o povo e com os sacramentos. Sempre!

Antes da Páscoa, quando saiu a notícia de que eu iria celebrar a Páscoa na praça de São Pedro vazia, um bispo - um bom bispo - escreveu-me e repreendeu-me. “Mas como? São Pedro é tão grande, por que não permitir que entrem pelo menos 30 pessoas, para que se possa ver o povo? Não haverá perigo...”. Pensei: “Mas, o que ele pensa para me dizer isto?. Não entendi imediatamente. Mas dado que ele é um bom bispo, muito próximo do povo, queria dizer-me algo. Quando o encontrar, vou perguntar-lhe”. Depois compreendi. Ele dizia-me: “Cuidado para não viralizar a Igreja, para

não *viralizar* os sacramentos, para não *viralizar* o povo de Deus. A Igreja, os sacramentos, o povo de Deus são concretos”. É verdade que, neste momento, temos que nos familiarizar com o Senhor desta forma, mas para sair do túnel, não para ficar lá. E esta é a familiaridade dos apóstolos: não agnóstica, não *viralizada*, não egoísta para cada um deles, mas uma familiaridade concreta, no povo. Familiaridade com o Senhor na vida quotidiana, familiaridade com o Senhor nos sacramentos, no meio do povo de Deus. Eles percorreram um caminho de maturidade na familiaridade com o Senhor: também nós aprendamos a fazê-lo. Desde o primeiro momento, compreenderam que esta familiaridade era diferente da que imaginavam, e chegaram a esta conclusão. Sabiam que era o Senhor, compartilhavam tudo: a comunidade, os sacramentos, o Senhor, a paz, a festa.

Que o Senhor nos ensine esta intimidade com Ele, esta familiaridade com Ele, mas *na Igreja, com os sacramentos, com o povo fiel de Deus.*

"Dom do Espírito Santo: ousadia, coragem, parrésia"

[Sábado, 18 de abril de 2020]

Introdução

Ontem recebi a carta de uma religiosa, que trabalha como tradutora de língua gestual para surdos-mudos, e ela falou-me sobre o trabalho muito difícil que os profissionais de saúde, os enfermeiros, os médicos têm com os doentes deficientes contagiados de Covid-19. Rezemos por eles, a fim de que estejam sempre ao serviço destas pessoas com habilidades diferentes, mas que não têm as nossas mesmas capacidades.

Homilia

Vendo aqueles homens e a ousadia com que falavam, e sabendo que eram pessoas pouco instruídas, talvez nem soubessem escrever, os chefes, os anciãos e os escribas ficavam admirados. Não entendiam: “Isto é algo que não podemos compreender, como estas pessoas são tão corajosas, como têm tanta ousadia” (cf. At 4, 13). Trata-se de uma palavra muito importante, que se torna o estilo próprio dos pregadores cristãos, citada inclusive no Livro dos Atos dos Apóstolos: ousadia, coragem. Significa tudo isto. Falar claramente. Ela vem da raiz grega de dizer tudo, e também nós muitas vezes usamos esta palavra, precisamente este termo grego, para indicar isto: parrésia, franqueza, coragem. Viam neles esta franqueza, esta coragem, esta parrésia e não compreendiam.

Ousadia. A coragem e a franqueza com que os primeiros apóstolos pregavam... O Livro dos Atos está cheio de exemplos como este: diz-se que Paulo e Barnabé procuravam explicar o mistério de Jesus aos judeus *com ousadia*, pregavam o Evangelho *com ousadia* (cf. At 13, 46).

Gosto muito de um versículo na Carta aos Hebreus, onde o seu autor se dá conta de que na comunidade está a acontecer alguma coisa, que se está a

perder algo, que os cristãos estão a ficar tíbios. Não me lembro exatamente a citação... - diz o seguinte: «Lembraí-vos dos primeiros dias, travastes uma luta grande e dura: agora não percais a vossa franqueza» (cf. *Hb* 10, 32-35). “Recuperai”, recuperai a vossa franqueza, a coragem cristã de seguir em frente. Não se pode ser cristão sem esta ousadia: se não a tiveres, não serás um bom cristão. Se não tiveres coragem, se para explicares a tua posição acabares em ideologias ou explicações casuísticas, falta-te a franqueza, falta-te o estilo cristão, a liberdade de falar, de dizer tudo. A coragem!

E depois, vemos que os chefes, os anciãos e os escribas são vítimas desta franqueza, porque isto os coloca em dificuldade: não sabem o que fazer. Dando-se conta de que “eram homens sem letras e indoutos, maravilhavam-se e reconheciam-nos como companheiros de Jesus. E, vendo com eles o homem que fora curado, não podiam replicar» (*At* 4, 13-14). Em vez de aceitar a verdade aberta, os seus corações estavam tão fechados que procuravam o caminho da diplomacia, o caminho do compromisso: «Para que esta notícia não se divulgue mais entre o povo, ameaçemo-los a fim de que já não falem a ninguém nesse nome» (cf. *At* 4, 16-17). Na verdade, são encurralados precisamente pela franqueza: não sabiam como sair dela. Contudo, não lhes ocorreu dizer: “Mas não será verdade isto?”. O coração deles já estava fechado, tinha endurecido: o coração corrompeu-se. Este é um dos dramas: o poder do Espírito Santo, que se manifesta nesta franqueza da pregação, nesta loucura da pregação, não pode entrar em corações corruptos. Por isso, tenhamos cuidado: pecadores sim, corruptos nunca. E jamais cheguemos a esta corrupção, que se manifesta de tantas formas...

Mas estavam encurralados e não sabiam o que dizer. E no final, encontraram um compromisso: “Ameaçemo-los e assustemo-los um pouco”, convidaram-nos, chamaram-nos de novo e ordenaram-lhes, exortaram-nos a não falar em momento algum, a não ensinar em nome de Jesus. «Façamos a paz: ide em paz, mas não faleis em nome de Jesus, não ensineis» (cf. *At* 4, 18). Conhecemos Pedro: não era um corajoso nato. Era pusilânime, negou Jesus. Mas o que aconteceu agora? Eles responderam: «Julgai-o vós mesmos se é justo, diante de Deus, ouvir-vos mais a vós do que a Deus; pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos» (*At* 4, 19-20). Mas de onde vem esta coragem, a este pusilânime que negou o

Senhor? O que aconteceu no coração deste homem? O dom do Espírito Santo: a ousadia, a coragem e a parrésia são um dom, uma graça que o Espírito Santo concedeu no dia de Pentecostes. Logo após receber o Espírito Santo, foram pregar: com um pouco mais de coragem, algo novo para eles. Isto é coerência, o sinal do cristão, do verdadeiro cristão: é corajoso, diz toda a verdade porque é coerente.

E no envio o Senhor chama a ter esta coerência. Depois desta síntese que Marcos faz no Evangelho: «Ressuscitado de manhã...» (16, 9) - uma síntese da ressurreição - «censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não terem acreditado naqueles que o tinham visto ressuscitado» (v. 14). Mas com o poder do Espírito Santo - é a saudação de Jesus: «Recebei o Espírito Santo» (*Jo* 20, 22) - disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda a criatura» (*Mc* 16, 15). Ide com coragem, com franqueza, não tenhais medo. Retomando o versículo da Carta aos Hebreus - «agora não percais a vossa franqueza, este dom do Espírito Santo» (cf. *Hb* 10, 35). A missão nasce precisamente daqui, deste dom que nos torna corajosos, ousados na proclamação da palavra.

Que o Senhor nos ajude a ser sempre assim: corajosos, não imprudentes: não, não! Corajosos. A coragem cristã é sempre prudente, mas é coragem!

"Nascer do Espírito"

[Segunda-feira, 20 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos homens e mulheres que têm uma vocação política: a política é uma forma elevada de caridade. Oremos pelos partidos políticos nos vários países para que, neste momento de pandemia, possam procurar juntos o bem do país e não o bem do próprio partido.

Homilia

Nicodemos é um chefe dos judeus, um homem influente; sentiu a necessidade de ir ter com Jesus. Foi à noite, porque tinha que o fazer com alguma cautela, pois aqueles que iam falar com Jesus não eram bem vistos (cf. *Jo* 3, 2). É um fariseu justo, pois nem todos os fariseus são maus: não, não; havia também fariseus justos. Este é um fariseu justo. Ele sentiu inquietação, era um homem que tinha lido os profetas e sabia que quanto Jesus fez fora anunciado pelos profetas. Sentiu inquietação e foi falar com Jesus. «Rabi, sabemos que és um Mestre vindo de Deus» (v. 2): é uma confissão, até a um certo ponto. «Ninguém pode fazer estes milagres que Tu fazes, se Deus não estiver com ele» (v. 2). E detém-se diante do “portanto”: se digo isto... *portanto*... e Jesus respondeu. Respondeu misteriosamente, como Nicodemos não esperava. Respondeu com a figura do nascimento: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus» (v. 3). E Nicodemos sente-se confuso, não compreende e toma *ad litteram* a resposta de Jesus: «Como pode um homem nascer de novo, sendo velho?» (cf. v. 4) Nascer do alto, nascer do Espírito. É o salto que a confissão de Nicodemos deve dar, mas ele não sabe como fazer isto. Pois o Espírito é imprevisível. É interessante a definição do Espírito que Jesus dá aqui: «O vento sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim acontece com aquele nasceu do Espírito» (v. 8), ou seja, *livre*. Quem se deixa levar de um lado

para o outro pelo Espírito Santo: esta é a *liberdade* do Espírito. Quem faz isto é uma pessoa dócil, e aqui referimo-nos à docilidade ao Espírito.

Ser cristão não é apenas cumprir os Mandamentos: eles devem ser cumpridos, é verdade; mas se parares aqui, não serás um bom cristão. Ser cristão é deixar o Espírito entrar em ti e levar-te para onde Ele quiser. Na nossa vida cristã muitas vezes paramos como Nicodemos, antes do “portanto”, não sabemos que passo dar, não sabemos como o fazer ou não temos a confiança em Deus para dar este passo e deixar o Espírito entrar. Nascer de novo é deixar o Espírito entrar em nós e que seja o Espírito a guiar-me e não eu, e assim: livre, com esta liberdade do Espírito que nunca saberás onde irás parar.

Os Apóstolos, que estavam no Cenáculo quando desceu o Espírito, saíram para pregar com coragem, com audácia (cf. At 2, 1-13)... não sabiam que isto teria acontecido; e fizeram-no porque o Espírito os guiava. O cristão nunca deve limitar-se apenas ao cumprimento dos Mandamentos: é preciso cumpri-los, mas ir além, rumo a este novo nascimento, que é o nascimento no Espírito, que dá a liberdade do Espírito.

Foi o que aconteceu com a comunidade cristã citada na primeira leitura, depois que João e Pedro foram interrogados pelos sacerdotes. Foram ter com os irmãos na comunidade e relataram o que os chefes dos sacerdotes e os anciãos lhes disseram. E ao ouvir isto, a comunidade, todos juntos, ficaram um pouco assustados (cf. At 4, 23). E o que fizeram? Rezaram. Não se limitaram a medidas prudentes, “não, agora façamos isto, tenhamos um pouco mais de cuidado...”: não! Rezaram. Para que o Espírito lhes indicasse o que fazer. Elevaram a voz a Deus, dizendo: «Senhor» (v. 24) e rezaram. A bonita oração de um momento difícil, de um momento em que é preciso tomar decisões e não se sabe o que fazer. Queriam nascer do Espírito, abriram o coração ao Espírito: que seja Ele a dizê-lo... E pediram: «Senhor, Herodes e Pôncio Pilatos com as nações e os povos de Israel fizeram uma aliança contra o vosso Espírito Santo e Jesus» (cf. v. 27); contam a história e dizem: “Senhor, fazei algo”. «E agora, Senhor, dirigi o vosso olhar para as suas ameaças - as do grupo dos sacerdotes - e concedei aos vossos servos que proclamem com toda a franqueza a vossa palavra» (v. 29), pedem a ousadia, a coragem, para não ter medo: «Estendei a vossa mão para que as

curas, os sinais e as maravilhas se realizem em nome de Jesus» (v. 30). «E quando terminaram a oração, o lugar onde estavam reunidos tremeu, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciaram a Palavra de Deus com intrepidez» (v. 31). Aqui aconteceu um segundo Pentecostes.

Diante das dificuldades, perante uma porta fechada, quando não sabem como avançar, vão ao encontro do Senhor, abrem o coração e o Espírito desce e concede-lhes o que precisam e eles saem para pregar com coragem, e vão em frente. Isto significa nascer do Espírito, sem parar no “portanto”, no “portanto” das coisas que sempre fiz, no “portanto” depois dos Mandamentos, no “portanto” após os hábitos religiosos: não! Isto é nascer de novo. E como nos preparamos para nascer de novo? Através da oração. É a oração que abre a porta ao Espírito e nos dá esta liberdade, esta franqueza, esta coragem do Espírito Santo. E nunca saberás para onde isto te levará. Mas é o Espírito!

Que o Senhor nos ajude a estar sempre abertos ao Espírito, porque é Ele quem nos levará em frente na nossa vida de serviço ao Senhor.

"O Espírito Santo, mestre da harmonia"

[Terça-feira, 21 de abril de 2020]

Introdução

Neste período há muito silêncio. Também se pode ouvir o silêncio. Este silêncio, que é quase uma novidade nos nossos hábitos, nos ensina a ouvir, nos faça crescer na capacidade de escutar. Rezemos por isto.

Homilia

«Nascer de novo» (*Jo* 3, 7) significa nascer com o poder do Espírito Santo. Não podemos reter o Espírito Santo para nós; só podemos deixar que Ele nos transforme. A nossa docilidade abre a porta ao Espírito Santo: é Ele quem realiza a mudança, a transformação, o renascimento do alto. É a promessa de Jesus, de enviar o Espírito Santo (cf. *At* 1, 8). O Espírito Santo é capaz de fazer maravilhas, coisas que nem sequer podemos imaginar.

Um exemplo é a primeira comunidade cristã, que não é uma fantasia; eis o que nos dizem aqui: é um modelo, que podemos alcançar se formos dóceis e deixarmos que o Espírito Santo entre em nós e nos transforme. Uma comunidade - digamos assim - "ideal". É verdade que imediatamente depois começarão os problemas, mas o Senhor mostra-nos até onde podemos ir, se estivermos abertos ao Espírito Santo, se formos dóceis. Nesta comunidade há harmonia (cf. *At* 4, 32-37). O Espírito Santo é o mestre da harmonia, é capaz de criá-la e fê-lo aqui. Deve suscité-la nos nossos corações, mudar muitas coisas em nós, mas deve criar a harmonia: pois Ele próprio é harmonia. Também harmonia entre o Pai e o Filho: Ele é amor pela harmonia. E com a harmonia Ele faz maravilhas, como esta comunidade tão harmoniosa. Mas em seguida, a história fala-nos - o mesmo Livro dos Atos dos Apóstolos - de tantos problemas na comunidade. Este é um modelo: o Senhor permitiu este modelo de comunidade quase "celestial", para nos mostrar onde devemos chegar.

Mas depois começaram as divisões na comunidade. No capítulo 2 da sua Carta, o Apóstolo Tiago diz: «Que a vossa fé “seja imune ao favoritismo pessoal”» (cf. *Tg* 2, 1): porque isto existia! “Não discrimineis”: os Apóstolos devem sair e admoestar. E no capítulo 11 da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo queixa-se: «Ouvi dizer que há divisões entre vós» (cf. *1 Cor* 11, 18): começam as divisões internas nas comunidades. Este “ideal” deve ser alcançado, mas não é fácil: há muitas coisas que dividem uma comunidade, quer ela seja uma comunidade cristã, paroquial, diocesana, presbiteral, de religiosos ou de religiosas... muitas coisas concorrem para dividir a comunidade.

Observando quais são os motivos que dividiram as primeiras comunidades cristãs, encontro três: primeiro, o dinheiro. Quando o Apóstolo Tiago diz que não deve haver favoritismo pessoal, dá um exemplo: «Se na vossa igreja, na vossa assembleia, entrar um homem com o anel de ouro, vós levai-lo imediatamente à frente, e o pobre é deixado de lado» (cf. *Tg* 2, 2). O dinheiro. Paulo diz a mesma coisa: «Os ricos trazem comida e nutrem-se, e os pobres ficam em pé» (cf. *1 Cor* 11, 20-22), deixamo-los ali, como se lhes disséssemos: “Arranjai-vos como puderdes”. O dinheiro divide, o amor ao dinheiro divide a comunidade, divide a Igreja.

Muitas vezes, na história da Igreja, onde há desvios doutrinários - nem sempre, mas muitas vezes - o dinheiro está por detrás disto: dinheiro do poder, tanto do poder político como dinheiro vivo, mas é dinheiro. O dinheiro divide a comunidade. Por esta razão, a pobreza é a mãe da comunidade, a pobreza é o muro que protege a comunidade. O dinheiro, o interesse pessoal, divide. Até nas famílias: quantas famílias acabaram divididas por uma herança? Quantas? E deixaram de falar uns com os outros... Quantas famílias... Uma herança... Divide, o dinheiro divide!

Outro motivo de divisão da comunidade é a vaidade, o desejo de se sentir melhor do que os outros. «Agradeço-vos, Senhor, porque não sou como os outros» (cf. *Lc* 18, 11): a oração do fariseu. Vaidade, sentir-se melhor... E também a vaidade de me mostrar, a vaidade nos modos, nas roupas: quantas vezes - nem sempre, mas muitas vezes - a celebração do sacramento é um exemplo de vaidade, alguns vão com a roupa mais cara, outros fazem isto e aquilo... Vaidade... para a maior festa... Há vaidade

também nisto. E a vaidade divide. Porque a vaidade te leva a ser um pavão e onde há um pavão, há divisão, sempre.

O terceiro motivo de divisão da comunidade é a tagarelice: não é a primeira vez que o digo, mas é a realidade. É a realidade! Aquilo que o diabo insinua em nós, como necessidade de falar mal dos outros. “Como aquela pessoa é boa... Sim, sim, mas...”: imediatamente o “mas”: é uma pedra lançada para desqualificar o outro; digo algo que ouvi e assim *humilho* um pouco o outro.

Mas o Espírito vem sempre com a sua força para nos salvar desta mundanidade do dinheiro, da vaidade e da tagarelice, porque o Espírito não é o mundo: é contra o mundo. Ele é capaz de realizar estes milagres, estas maravilhas.

Peçamos ao Senhor esta docilidade ao Espírito, para que nos converta e transforme as nossas comunidades, as nossas comunidades paroquiais, diocesanas, religiosas: que as transforme, a fim de podermos ir sempre em frente na harmonia que Jesus deseja para a comunidade cristã.

"Deixemos entrar em nós a luz de Deus para não sermos como morcegos na escuridão"

[Quarta-feira, 22 de abril de 2020]

Introdução

Neste tempo em que é necessária muita unidade entre nós, entre as nações, rezemos hoje pela Europa: para que a Europa consiga alcançar esta unidade, a unidade fraterna com a qual os pais fundadores da União Europeia sonhavam.

Homilia

Este excerto do Evangelho de João, capítulo 3 (cf. 16-21), o diálogo entre Jesus e Nicodemos, é um verdadeiro tratado de teologia: ele contém tudo. O querigma, a catequese, a reflexão teológica, a parénese... este capítulo contém tudo. E cada vez que o lemos, encontramos mais riqueza, mais explicações, mais aspetos que nos fazem compreender a revelação de Deus. Seria bom lê-lo muitas vezes, para nos aproximarmos do mistério da redenção. Hoje abordarei apenas dois pontos de tudo isto, dois pontos que estão no trecho de hoje.

O primeiro é a revelação do amor de Deus. Deus ama-nos, e ama-nos - como diz um santo - como uma *loucura*: o amor de Deus parece uma *loucura*. Ele ama-nos: «amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho único» (Jo 3,16). Deu o seu Filho, enviou o seu Filho e enviou-o para morrer na cruz. Sempre que olhamos para o crucifixo, encontramos este amor. O crucifixo é precisamente o grande livro do amor de Deus. Não é um objeto para colocar aqui ou ali, mais bonito, não tão bonito, mais antigo, mais moderno... não. É precisamente a expressão do amor de Deus. Deus amou-nos desta forma: enviou o seu Filho, aniquilou-se a si mesmo até morrer na cruz por amor. «Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho» (cf. v. 16).

Quantas pessoas, quantos cristãos passam o tempo a olhar para o crucifixo... e ali encontram tudo, porque compreenderam, o Espírito Santo fez com que compreendessem, que ali está toda a ciência, todo o amor de Deus, toda a sabedoria cristã. Paulo fala disto, explicando que todo o raciocínio humano que ele faz é útil até certo ponto, mas o verdadeiro raciocínio, a melhor maneira de pensar, mas também o que mais explica tudo é a cruz de Cristo, é «Cristo crucificado que é escândalo» (cf. *1 Cor* 1, 23) e loucura, mas é o caminho. E este é o amor de Deus. Deus «amou de tal modo o mundo que deu o seu Filho único» (*Jo* 3,16). E porquê? «Para que quem n'Ele crê não pereça, mas tenha vida eterna» (v. 3, 16). O amor do Pai que quer os seus filhos com ele.

Olhar para o crucificado em silêncio, olhar para as chagas, olhar para o coração de Jesus, olhar para o todo: Cristo crucificado, o Filho de Deus, aniquilado, humilhado... por amor. Este é o primeiro ponto que este tratado de teologia nos faz ver hoje, o diálogo de Jesus com Nicodemos.

O segundo ponto também nos ajudará: «Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más» (*Jo* 3, 19). Jesus também retoma isto da luz. Há pessoas - mesmo nós, muitas vezes - que não conseguem viver na luz porque estão habituadas às trevas. A luz ofusca-as, elas não conseguem ver. São *morcegos humanos*: só sabem mover-se durante a noite. E também nós, quando estamos em pecado, estamos neste estado: não toleramos a luz. É mais confortável para nós viver na escuridão; a luz bofeteia-nos, faz-nos ver o que não queremos ver. Mas o pior é que os olhos, os olhos da alma de tanto viver na escuridão habitam-se a isso a tal ponto que acabam por ignorar o que é a luz. Perdem o sentido da luz, porque se habitam mais à escuridão. E tantos escândalos humanos, tantas corrupções indicam isso. Os corruptos não sabem o que é luz, não a conhecem. Também nós, quando estamos em estado de pecado, em estado de afastamento do Senhor, ficamos cegos e sentimo-nos melhor na escuridão e continuamos assim, sem ver, como os cegos, movendo-nos como podemos.

Deixemos que o amor de Deus, que enviou Jesus para nos salvar, entre em nós e «a luz que Jesus traz» (cf. 19), a luz do Espírito entre em nós e nos

ajude a ver as coisas com a luz de Deus, com a verdadeira luz e não com as trevas que o senhor das trevas nos dá.

Duas coisas hoje: o amor de Deus em Cristo, no crucificado, na vida cotidiana. E a pergunta diária que podemos fazer a nós mesmos: “Caminho na luz ou na escuridão? Sou filho de Deus ou acabei por ser um *pobre morcego?*”.

"Jesus reza por nós perante o Pai, mostrando as suas chagas"

[Quinta-feira, 23 de abril de 2020]

Introdução

Em muitos lugares, sente-se um dos efeitos desta pandemia: tantas famílias necessitadas, famintas, infelizmente são “ajudadas” pelo grupo de usurários. Esta é outra pandemia. A pandemia social: famílias de pessoas que têm um emprego diário, ou infelizmente clandestino, que não podem trabalhar, não têm comida... e com filhos. E depois os usurários pegam no pouco que elas têm. Rezemos. Oremos por estas famílias, pelas muitas crianças destas famílias, pela dignidade destas famílias, e rezemos também pelos usurários: que o Senhor comova o seu coração e os converta.

Homilia

A primeira Leitura dá continuidade à história que começou com a cura do coxo na Porta Formosa do Templo. Os Apóstolos foram levados perante o sinédrio, e em seguida aprisionados; depois, um anjo libertou-os. E naquela manhã, exatamente naquela manhã, deveriam sair da prisão para ser julgados, mas foram libertados pelo anjo e pregavam no Templo (cf. At 5, 17-25). «Então foi o comandante com os seus guardas e conduziram os Apóstolos. E, levando-os, apresentaram-nos ao sinédrio» (cf. vv. 26-27). E lá, o sumo sacerdote repreendeu-os: «Não vos admoestamos expressamente que não ensinásseis nesse nome?» (v. 28) - isto é, em nome de Jesus - e eis que «enchestes Jerusalém desta vossa doutrina, e quereis fazer recair sobre nós o sangue deste homem» (v. 28). Porque os Apóstolos, sobretudo Pedro e João, criticaram os líderes, os sacerdotes, por terem matado Jesus. E então Pedro, com os Apóstolos, respondeu com esta expressão: «Importa obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes» (cf. At 5, 29-31). Ele acusa, mas com tanta coragem e franqueza, que alguém se pergunta: “Terá sido Pedro que negou Jesus? Aquele Pedro que tinha tanto medo, aquele Pedro que era

pusilânime? Como chegou a isto?”. E Pedro concluiu, dizendo: «Nós somos testemunhas destas palavras, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu àqueles que lhe obedecem» (cf. v. 32). Qual foi o caminho percorrido por Pedro para chegar a este ponto, a esta coragem e franqueza, a expor-se? Pois poderia ter cedido a compromissos e dito aos sacerdotes: “Estai tranquilos, nós iremos, falaremos um pouco mais baixo, nunca vos acusaremos em público, mas deixai-nos em paz...”, cedendo a compromissos.

Na história, a Igreja teve que fazer isto muitas vezes para salvar o povo de Deus. E muitas vezes também o fez para se salvar a si mesma - não a Santa Igreja, mas os seus líderes. Os compromissos podem ser bons e maus. Mas através de um compromisso os Apóstolos podiam salvar-se. Não! E com coragem Pedro disse: «Não há compromisso. Vós sois culpados» (cf. v. 30).

E como Pedro chegou a este ponto? Porque era entusiasta, um homem que amava com força, também um homem medroso, aberto a Deus a tal ponto que Deus lhe revela que Jesus é Cristo, Filho de Deus, mas pouco - imediatamente - depois deixou-se cair na tentação de dizer a Jesus: “Não, Senhor, por este caminho, não: vamos pelo outro”: redenção sem cruz. E Jesus diz-lhe: «Satanás!» (cf. *Mc* 8, 31-33). Pedro passou da tentação para a graça, Pedro foi capaz de se ajoelhar diante de Jesus e de dizer: «Afasta-te de mim, que sou pecador» (cf. *Lc* 5, 8); depois Pedro tenta escapar, sem ser visto, e nega Jesus para não acabar na prisão (cf. *Lc* 22, 54-62). Um Pedro instável, pois era muito generoso mas também muito fraco. Qual é o segredo, que força teve Pedro para chegar a este ponto? Há um versículo que nos ajudará a compreender isto. Antes da Paixão, Jesus disse aos Apóstolos: «Eis que Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo» (*Lc* 22, 31). É o tempo da tentação: “Sereis assim, como o trigo”. E a Pedro diz: «Rezarei por ti, “para que a tua fé não desfaleça”» (v. 32). Eis o segredo de Pedro: a oração de Jesus. Jesus reza por Pedro, para que a sua fé não desfaleça e possa - diz Jesus - confirmar os irmãos na fé. Jesus reza por Pedro.

E o que Jesus fez com Pedro, faz com todos nós. Jesus reza por nós; reza diante do Pai. Estamos habituados a orar a Jesus para que nos conceda

esta ou outra graça, para que nos ajude, mas não estamos habituados a contemplar Jesus que mostra as chagas ao Pai; a Jesus, o intercessor, a Jesus que reza por nós. E Pedro foi capaz de percorrer este caminho, passando de pusilânime para corajoso, com o dom do Espírito Santo graças à oração de Jesus. Pensemos nisto. Dirijamo-nos a Jesus, dando graças a Ele porque reza por nós. Jesus pede por cada um de nós. Jesus é o intercessor. Jesus quis levar consigo as chagas para que o Pai as pudesse ver. É o preço da nossa salvação. Devemos ter mais confiança; mais do que nas nossas orações, na prece de Jesus. “Senhor, reza por mim” - “Mas eu sou Deus, posso conceder-te isto...” - “Sim, mas reza por mim, porque Tu és o intercessor”. Eis o segredo de Pedro: «Pedro, rezarei por ti “para que a tua fé não desfaleça”» (Lc 22, 32).

Que o Senhor nos ensine a pedir-lhe a graça de rezar por cada um de nós.

"Cristo forma o coração dos pastores para a proximidade com o povo de Deus"

[Sexta-feira, 24 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos professores que têm de trabalhar muito para dar aulas através da Internet e de outros canais de comunicação social, e oremos também pelos alunos que devem fazer os exames de uma maneira com a qual não estão habituados. Acompanhem-nos com a oração.

Homilia

A frase deste trecho do Evangelho faz-nos pensar: «Mas falava assim para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer» (*Jo 6, 6*). Era isto que Jesus tinha em mente quando disse a Filipe: «Onde compraremos pão, para que eles tenham o que comer?» (*Jo 6, 5*). Mas disse isto para o experimentar. Ele sabia. Aqui vemos a atitude de Jesus para com os apóstolos. Colocava-os continuamente à prova para os ensinar e, quando se afastavam da função que deviam desempenhar, detinha-os e ensinava-os.

O Evangelho está cheio destes gestos de Jesus para fazer crescer os seus discípulos e para os tornar pastores do povo de Deus, neste caso bispos: pastores do povo de Deus. Uma das coisas que Jesus mais amava era estar com a multidão, porque este é também um símbolo da universalidade da redenção. E uma das coisas que os apóstolos não apreciavam era a multidão, porque preferiam estar perto do Senhor, ouvir tudo o que o Ele dizia. Nessa ocasião foram ali para um dia de descanso – também as versões dos outros Evangelhos o afirmam, pois os quatro falam sobre isto... talvez tenha havido duas multiplicações de pães - eles vinham de uma missão e o Senhor disse: «Vinde à parte e descansai um pouco» (*Mc 6, 31*), e foram para lá. As pessoas viram para onde eles iam pelo mar, caminharam ao longo da costa e esperaram por eles... E os discípulos não ficaram

contentes, porque a multidão tinha arruinado o “passeio”: não podiam passar aquele momento com o Senhor. No entanto, Jesus começou a ensinar, eles ouviram e depois falaram uns com os outros... as horas passavam, Jesus falava e as pessoas estavam felizes. Mas os apóstolos diziam: “...a nossa festa está arruinada, o nosso descanso está arruinado”.

Mas o Senhor buscava a proximidade com o povo e procurava formar o coração dos pastores para a proximidade com o povo de Deus, a fim de o servir. Mas os apóstolos, compreende-se, sentiam-se eleitos, sentiam-se quase como um círculo privilegiado, uma classe privilegiada, uma “aristocracia”, digamos assim, perto do Senhor, que os corrigia muitas vezes com gestos. Por exemplo, pensemos nas crianças. Eles preservavam o Senhor: “Não, não, não deixeis que as crianças se aproximem, pois molestam, perturbam... Não, as crianças fiquem com os pais”. E Jesus? «Deixai vir a mim as criancinhas» (cf. *Mc* 10, 13-16). E eles não compreendiam. Mais tarde entenderam. Pensemos no caminho para Jericó, naquele que gritou: «Jesus, filho de David, tem piedade de mim» (cf. *Lc* 18, 38). E os apóstolos: “Mas cala-te, cala-te, é o Senhor que passa, não o incomodes”. E Jesus diz: «Mas quem é? Deixai que se aproxime» (cf. *Lc* 18, 35-43). Mais uma vez o Senhor [os corrige]. E assim ensinava-os a estar perto do povo de Deus.

É verdade que o povo de Deus faz cansar o pastor: quando há um bom pastor, as tarefas multiplicam-se e, por um motivo ou por outro, as pessoas vão sempre ter com o bom pastor. Um grande pároco de um bairro simples e humilde da minha diocese tinha a habitação como uma casa normal, como as outras, e as pessoas batiam à porta ou à janela a qualquer hora... E certo dia ele disse-me: “Tenho vontade de murar a porta e a janela para que me deixem descansar”. Contudo, sabia que era pastor e tinha que estar com o povo! Jesus forma, ensina aos discípulos, aos apóstolos, esta atitude pastoral, que é a proximidade ao povo de Deus. E o povo de Deus cansa, porque nos pede sempre coisas concretas; pede-nos sempre algo concreto, talvez de forma errada, mas coisas concretas. E o pastor tem de se ocupar disto.

A versão dos outros Evangelistas sobre este episódio mostra que as horas passaram e o povo teve que partir porque a noite caía... e os apóstolos

diziam: «Despede a multidão para que, indo aos lugares e aldeias ao redor, se agasalhem e encontrem o que comer», justamente no momento da escuridão, quando a noite caía... (cf. *Lc* 9, 12-13) Mas o que pensavam? Pelo menos para celebrar a sós, aquele egoísmo não malvado, mas compreende-se, para estar com o pastor, com Jesus, que é o grande Pastor, mas para os testar Jesus responde: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (cf. v. 13). E é isto que Jesus diz também hoje a todos os pastores: “Dai-lhes vós mesmos de comer. Estão angustiados? Dai-lhes consolo. Estão perdidos? Dai-lhes uma saída. São enganados? Dai-lhes ajuda para resolver os problemas... Dai-lhes, dai-lhes vós mesmos...”. E o pobre apóstolo sente que deve dar, dar, dar... mas de quem recebe? Jesus ensina-nos: d'Aquele de quem o próprio Jesus recebia. Depois deste evento, despede os apóstolos e vai rezar, vai ter com o Pai na oração. É esta *dupla proximidade* do pastor que Jesus procura levar os apóstolos a entender, para que se tornem grandes pastores.

Mas muitas vezes a multidão erra e aqui cometeu um erro, não é verdade? «Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: “Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”. Sabendo, pois, Jesus que tinham vindo arrebatá-lo, para o fazer rei, voltou a retirar-se sozinho para o monte» (*Jo* 6, 14-15). Talvez, talvez, mas... o Evangelho não o diz, alguns dos apóstolos talvez lhe tenham dito: “Mas Senhor, aproveitemos isto e tomemos o poder”. Outra tentação. E Jesus mostra-lhes que aquele não era o caminho. O poder do pastor é o serviço, ele não tem outro poder e quando comete um erro ao tomar outro poder danifica a sua vocação e torna-se, talvez, gestor de *empreendimentos pastorais*, mas não pastor. A *estrutura* não faz pastoral: é o coração do pastor que desempenha o trabalho pastoral. E o coração do pastor é o que Jesus nos ensina agora.

Peçamos hoje ao Senhor pelos pastores da Igreja, para que fale sempre com eles, porque os ama muito: fale sempre conosco, diga-nos como está o mundo, explique-nos e sobretudo ensine-nos a não ter medo do povo de Deus, a não ter receio de estar perto d'Ele.

"A fé deve ser transmitida, oferecida, sobretudo através do testemunho"

[Sábado, 25 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelas pessoas que prestam serviços funerários. É muito doloroso e triste o que fazem, eles sentem muita próxima a dor desta pandemia. Oremos por eles.

Homilia

Hoje a Igreja celebra São Marcos, um dos quatro evangelistas, muito próximo do apóstolo Pedro. O Evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito. É simples, um estilo direto, muito próximo. Se tiverdes algum tempo hoje, lede-o, não é longo. E é um prazer ler a simplicidade com que Marcos narra a vida do Senhor.

E no Evangelho que lemos agora - o final do Evangelho de Marcos - há o envio do Senhor. O Senhor revelou-se como Salvador, como o único Filho de Deus; Ele revelou-se a todo Israel, ao povo, de modo mais minucioso especialmente aos apóstolos, aos discípulos. Este trecho narra a despedida do Senhor, que está para partir: «Foi recebido no céu e está sentado à direita de Deus» (*Mc* 16, 19). Mas antes de partir, quando apareceu aos Onze, disse-lhes: «Ide por todo o mundo, anunciai o evangelho a toda a criatura» (*Mc* 16, 15). É a missionariedade da fé. A fé, ou é missionária ou não é fé. A fé não é algo só para mim, para que eu possa crescer na fé: esta é uma heresia gnóstica. A fé leva-nos sempre para fora de nós mesmos. Sair. A transmissão da fé; a fé deve ser transmitida, deve ser oferecida, especialmente com o testemunho: «Ide, para que as pessoas possam ver como viveis» (cf. v. 15).

Alguém, um sacerdote europeu, de uma cidade europeia, disse-me: “Há tanta incredulidade, tanto agnosticismo nas nossas cidades, porque os cristãos não têm fé. Se a tivessem, certamente transmiti-la-iam ao povo”. Falta missionariedade. Porque na origem há uma carência de convicção: “Sim, sou cristão, sou católico...”. Como se se tratasse de uma atitude social. No documento de identidade chamamo-nos assim ou assado... e “sou cristão” é um dado do documento de identidade. Isto não é fé! Trata-se de um aspeto cultural. A fé leva-nos necessariamente a sair, faz-nos doar: essencialmente, a fé deve ser transmitida. Não é quieta. “Ah, o senhor quer dizer, padre, que todos temos de ser missionários e partir para países distantes?”. Não, isso faz parte da missionariedade. Quero dizer que, se tiveres fé, necessariamente tens de *sair de ti* mesmo e mostrar a fé socialmente. A fé é social, é para todos: «Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a toda a criatura» (v. 15). E isto não significa fazer proselitismo, como se fosse uma equipe de futebol, ou um clube de caridade. Não, a fé é: “Nada de proselitismo”, é mostrar a revelação, para que o Espírito Santo possa agir nas pessoas através do testemunho: como testemunha, com serviço. O serviço é um modo de viver. Se digo que sou cristão e vivo como pagão, não está bem! Não convence ninguém. Se digo que sou cristão e vivo como cristão, atraio. É o testemunho!

Uma vez, na Polónia, um estudante universitário perguntou-me: “Na universidade, tenho muitos companheiros ateus. O que devo dizer-lhes para os convencer?” - “Nada, amigo, nada! A última coisa que é preciso fazer é dizer algo. Começa a viver, e quando virem o teu testemunho, perguntar-te-ão: Por que vives assim?”. A fé tem de ser transmitida: não para convencer, mas para oferecer um tesouro. “Está ali, vedes?”. E esta é também a humildade da qual São Pedro falou na primeira Leitura: «Revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas concede a graça aos humildes» (1 Pd 5, 5). Quantas vezes na Igreja, na história, houve movimentos, agregações, de homens ou mulheres que quiseram convencer sobre a fé, converter... Verdadeiros “proselitistas”. E como acabaram? Na corrupção.

É tão terno este trecho do Evangelho! Mas onde está a segurança? Como posso ter a certeza de que, ao sair de mim, serei frutuoso na transmissão da fé? «Anunciai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16, 15),

fareis maravilhas (cf. vv. 17-18). E o Senhor estará connosco até ao fim do mundo. Acompanhar-nos-á. Na transmissão da fé, o Senhor está sempre connosco. Na transmissão da ideologia haverá professores, mas quando tenho uma atitude de fé que deve ser transmitida, o Senhor acompanha-me. Na transmissão da fé nunca estou sozinho. É o Senhor presente em mim que transmite a fé. Ele prometeu: «Estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (cf. 28, 20).

Oremos ao Senhor para que nos ajude a viver a fé desta forma: uma fé de portas abertas, uma fé transparente, não “proselitista”, mas que mostre: “Sou assim”. E, com curiosidade saudável, ajude as pessoas a receber esta mensagem que as salvará.

"Jesus é o nosso companheiro de peregrinação"

[Domingo, 26 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje, nesta Missa, por todas as pessoas que sofrem de tristeza, porque estão sozinhas, porque não sabem que futuro as espera ou porque não podem ir em frente com as suas famílias, dado que não têm dinheiro, pois estão desempregadas. Tantas pessoas sofrem de tristeza. Hoje rezemos por elas.

Homilia

Muitas vezes ouvimos dizer que o cristianismo não é apenas uma doutrina, não só é uma forma de comportamento, uma cultura. Sim, é tudo isto, mas o que é mais importante, acima de tudo, é um encontro. Uma pessoa é cristã porque encontrou Jesus Cristo, deixou-se encontrar por Ele.

Este excerto do Evangelho de Lucas fala-nos de um encontro, para podermos compreender bem como o Senhor age e como é a nossa forma de agir. Nascemos com uma semente de inquietação. Deus quis assim: a ansiedade de encontrar plenitude, de encontrar Deus, muitas vezes inclusive sem saber que temos esta inquietação. O nosso coração está inquieto, o nosso coração está sedento: tem sede do encontro com Deus. Procurando-o, muitas vezes por caminhos errados: perdendo-se, depois volta, procura-o... Por outro lado, Deus tem sede do encontro, a tal ponto que enviou Jesus para nos encontrar, para vir ao encontro desta inquietação.

Como age Jesus? Neste trecho do Evangelho (cf. *Lc* 24, 13-35) vemos bem que Ele respeita, respeita a nossa situação, não invade. Só algumas vezes, com pessoas teimosas, pensemos em Paulo quando o faz cair do cavalo. Mas normalmente Ele vai devagar, respeitando os nossos tempos. É

o Senhor da paciência. Quanta paciência o Senhor tem connosco, com cada um de nós!

O Senhor caminha ao nosso lado, como vimos aqui com estes dois discípulos. Ele escuta as nossas inquietações, conhece-as e, numa certa altura, diz-nos algo. O Senhor gosta de ouvir como falamos, de nos compreender bem e de dar a resposta certa a esta ansiedade. O Senhor não acelera o passo, Vai sempre ao nosso ritmo, muitas vezes lento, mas a sua paciência é assim.

Há uma antiga regra de peregrinação, que diz que o verdadeiro peregrino deve ir ao ritmo da pessoa mais lenta. E Jesus é capaz disto, faz isto, não acelera, espera que demos o primeiro passo. E quando chega o momento, faz-nos a pergunta. Neste caso, é claro: «De que estais a falar?» (cf. v. 17). Faz-se de ignorante para nos impelir a falar. Gosta que falemos. Gosta de ouvir, gosta que falemos, ouçamos e respondamos, faz-nos falar. Como se fosse ignorante, mas com muito respeito. E depois responde, explica até ao ponto necessário. «Aqui diz: “Porventura não convinha que Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras» (v. 26). Explica, esclarece. Confesso que tenho a curiosidade de saber como Jesus explicou, para fazer o mesmo. Foi uma catequese muito boa!

E depois, o próprio Jesus que nos acompanhou, que se aproximou de nós, finge ir além, para ver a medida da nossa inquietação: «Não. Vem, fica um pouco connosco!» (cf. v. 29). E é assim que se realiza o encontro. Contudo, o encontro não é apenas o momento de partir o pão, mas todo o caminho. Encontramos Jesus na escuridão das nossas dúvidas, até na dúvida horrível dos nossos pecados, Ele está lá para nos ajudar, nas nossas inquietações... Está sempre connosco!

O Senhor acompanha-nos porque quer encontrar-nos. É por isso que dizemos que o núcleo do cristianismo é um encontro: o encontro com Jesus. “Por que és cristão? Por que és cristã?”. E muitas pessoas não sabem responder. Alguns, por tradição. Outros não sabem dizer porque encontraram Jesus, mas não se aperceberam de que era realmente um encontro com Jesus. Jesus está sempre à nossa procura. Sempre. E nós

temos a nossa inquietação. No momento em que a nossa inquietação encontra Jesus, começa a vida da graça, a vida da plenitude, a vida do caminho cristão!

Que o Senhor conceda a todos nós a graça de encontrar Jesus todos os dias; de conhecer, de saber que Ele caminha connosco em todos os nossos momentos. Ele é o nosso companheiro de peregrinação.

"Voltar sempre ao primeiro encontro"

[Segunda-feira, 27 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos artistas, que têm esta grande capacidade de criatividade e através da via da beleza mostram-nos o caminho a seguir. Que o Senhor nos conceda a todos a graça da criatividade neste momento.

Homilia

O povo que ouviu Jesus ao longo do dia, e depois obteve a graça da multiplicação dos pães e viu o poder de Jesus, queria fazê-lo rei. Foram primeiro ter com Jesus para ouvir a palavra e também para pedir a cura dos doentes. Ficaram o dia inteiro a ouvir Jesus sem se aborrecer, sem se cansar: estavam lá, felizes. Então, quando viram que Jesus lhes dava de comer, o que não esperavam, pensaram: “Mas Ele seria um bom governante para nós e certamente poderá libertar-nos do poder dos romanos e levar o país em frente”. E, entusiasmados, queriam fazê-lo rei. A sua intenção mudou, porque viram e pensaram: “Bem... uma pessoa que realiza este milagre, que alimenta o povo, pode ser um bom governante” (cf. *Jo* 6, 1-15). Mas naquele momento tinham esquecido o entusiasmo que a palavra de Jesus suscitara nos seus corações.

Jesus afastou-se para rezar (cf. v. 15). Aquelas pessoas ficaram lá e no dia seguinte estavam à procura de Jesus, “Ele deve estar aqui”, disseram, pois viram que não tinha embarcado com os outros. E lá havia um barco... (cf. *Jo* 6, 22-24). Mas não sabiam que Jesus tinha ido ao encontro dos outros caminhando sobre as águas (cf. vv. 16-21). Então decidiram ir para o outro lado do Mar de Tiberíades à procura de Jesus e, quando o viram, a primeira palavra que lhe disseram foi: «Rabi, quando chegaste aqui?» (v. 25), como se dissessem: “Não entendemos, isto parece estranho”.

E Jesus fá-los voltar ao primeiro sentimento, ao que tinham antes da multiplicação dos pães, quando ouviram a palavra de Deus: «Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes - como no princípio, os sinais da palavra, que os entusiasmavam, os sinais da cura - mas porque comestes dos pães e ficastes saciados» (v. 26). Jesus revela a intenção deles e diz: “Mas é assim, mudastes de atitude”. E eles, em vez de se justificar: “Não, Senhor, não...”, foram humildes. Jesus continua: «Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque nela Deus Pai imprimiu o seu sinal» (Jo 6, 27). E aquelas pessoas boas disseram: «Que faremos para praticar as obras de Deus?» (v. 28). «A obra de Deus é esta: que acrediteis n'Aquele que Ele enviou» (v. 29). Este é um caso em que Jesus corrige a atitude das pessoas, da multidão, porque a meio do caminho se desviou um pouco do primeiro momento, da primeira consolação espiritual, e empreendeu um caminho que não era certo, uma via mais mundana do que evangélica.

Isto faz-nos pensar que muitas vezes na vida começamos a seguir Jesus, a ir atrás de Jesus, com os valores do Evangelho, e no meio do caminho mudamos de ideia, vemos alguns sinais, afastamo-nos e conformamo-nos com algo mais temporal, mais material, mais mundano - talvez - e perdemos a memória daquele primeiro entusiasmo que tivemos quando ouvimos Jesus falar. O Senhor faz-nos regressar sempre ao primeiro encontro, ao primeiro momento em que Ele olhou para nós, em que nos falou e fez nascer em nós o desejo de o seguir. É uma graça a pedir ao Senhor, porque nós, na vida, teremos sempre esta tentação de nos afastar porque vemos outra coisa: “Isto vai correr bem, essa ideia é boa...”. Assim afastamo-nos. A graça de voltar sempre à primeira chamada, ao primeiro momento: não esqueçamos, não esqueçamos a nossa história, quando Jesus olhou para nós com amor e disse: “Este é o teu caminho”; quando Jesus, através de tantas pessoas, me fez entender qual é o caminho do Evangelho e não outros caminhos um pouco mundanos, com outros valores. Voltemos ao primeiro encontro.

Impressionou-me sempre - daquilo que Jesus diz na manhã da Ressurreição - a sua afirmação: «Ide dizer aos meus irmãos que vão à Galileia, pois é lá que me verão» (cf. Mt 28, 10); a Galileia foi o lugar do

primeiro encontro. Lá eles tinham encontrado Jesus. Cada um de nós tem dentro si a sua “Galileia”, o momento em que Jesus se aproximou de cada um de nós e disse: “Segue-me”. Na vida acontece o que ocorreu àquelas pessoas - boas, porque depois lhe dizem: “Mas o que devemos fazer?” e obedecem imediatamente - acontece que nos afastamos e procuramos outros valores, outras hermenêuticas, outras coisas e perdemos o frescor da primeira chamada. Também o autor da Carta aos Hebreus nos remete para isto: «Lembra-vos dos primeiros dias» (cf. *Hb* 10, 32). A memória, a memória do primeiro encontro, a memória da “minha Galileia”, quando o Senhor olhou para mim com amor e me disse: “Segue-me”!

"O pequeno linchamento diário da tagarelice"

[Terça-feira, 28 de abril de 2020]

Introdução

Neste tempo, em que começamos a ter orientações para sair da quarentena, peçamos ao Senhor que conceda ao seu povo, a todos nós, a graça da prudência e da obediência às disposições, para que a pandemia não se agrave.

Homilia

Na primeira leitura destes dias, ouvimos o martírio de Estêvão: um evento simples, como aconteceu. Os doutores da Lei não toleravam a clareza da doutrina, e assim que ela foi proclamada, foram perguntar a alguém que disse ter ouvido uma pessoa narrar que Estêvão blasfemava contra Deus, contra a Lei (cf. *At* 6, 11-14). E depois disso, foram contra ele e apedrejaram-no: assim, simplesmente (cf. *At* 7, 57-58). É a primeira estrutura de ação: eles fizeram o mesmo com Jesus (cf. *Mt* 26, 60-62). As pessoas que lá estavam procuravam convencer que era um blasfemador e gritavam: «Crucifica-o!» (*Mc* 15, 13). Trata-se de uma irracionalidade. Uma agressão, começar pelos falsos testemunhos para chegar a “fazer justiça”. Este é o esquema. Também na Bíblia há casos como este: fizeram o mesmo a Susana (cf. *Dt* 13, 1-64), a Nabote fizeram o mesmo (cf. *1 Rs* 21, 1-16), então Hamã procurou fazer o mesmo com o povo de Deus (cf. *Est* 3, 1-14). Falsas notícias, calúnias que inflamam o povo e exigem justiça. É um linchamento, um verdadeiro linchamento.

E assim, levam-no ao juiz, para que dê forma jurídica: mas já tinha sido julgado; o juiz deve ser muito, muito corajoso para ir contra um julgamento “tão popular”, feito de propósito, preparado. É o caso de Pilatos: Pilatos viu claramente que Jesus era inocente, mas vendo o povo, lavou as mãos (cf. *Mt* 27, 24-26). É uma forma de fazer jurisprudência. Ainda hoje vemos isto: em

alguns países, quando se quer fazer um golpe de Estado ou “eliminar” algum político para que não vá a eleições, faz-se isto: falsa notícia, calúnia, depois confia-se a um juiz daqueles que gostam de criar jurisprudência com este positivismo “situacionalista” que está na moda, e depois condena-se. É um linchamento social. E assim procederam com Estêvão, assim foi feito o julgamento de Estêvão: levam a julgamento alguém já julgado pelo povo enganado.

Isto também acontece com os mártires de hoje: os juízes não têm qualquer hipótese de fazer justiça porque já foram julgados. Pensemos em Asia Bibi, por exemplo, que vimos: dez anos na prisão porque foi julgada por uma calúnia e por um povo que quer a sua morte. Perante esta avalanche de falsas notícias que criam opinião, muitas vezes nada pode ser feito: nada pode ser feito.

Penso muito, nisto, no Shoah. O Shoah é um destes casos: a opinião foi criada contra um povo e depois era normal: «Sim, sim: têm de ser mortos, têm de ser mortos». Uma forma de proceder para “eliminar” pessoas que estão a assediar, que incomodam.

Todos sabemos que isto não é bom, mas o que não sabemos é que há um pequeno linchamento diário que procura condenar as pessoas, criar uma má fama para as pessoas, descartá-las, condená-las: o pequeno linchamento diário da tagarelice que cria uma opinião; muitas vezes ouve-se a conversa de alguém e diz-se: “Mas não, esta pessoa é justa!” - “Não, não: dizem que ...”, e com esse “*dizem que*” se cria uma opinião para acabar com uma pessoa. A verdade é outra: a verdade é o testemunho do verdadeiro, das coisas que uma pessoa crê; a verdade é clara, é transparente. A verdade não tolera pressões. Olhemos para Estêvão, mártir: primeiro mártir depois de Jesus. Primeiro mártir. Pensemos nos apóstolos: todos deram o seu testemunho. E pensemos nos muitos mártires, também naquele que hoje celebramos, São Pedro Chanel: a tagarelice fez acreditar que ele era contra o rei... cria-se uma fama, e teve que ser eliminado. E pensemos em nós, na nossa língua: muitas vezes nós, com os nossos comentários, começamos um linchamento deste género. E nas nossas instituições cristãs, vimos tantos linchamentos diários que nasceram da tagarelice.

Que o Senhor nos ajude a sermos justos nos nossos julgamentos, a não começar nem seguir esta condenação maciça provocada pela tagarelice.

"A realidade e a simplicidade dos pequeninos"

[Quarta-feira, 29 de abril de 2020]

Introdução

Hoje é a festa de Santa Catarina de Sena, Doutora da Igreja, Padroeira da Europa. Rezemos pela Europa, pela unidade da Europa, pela unidade da União Europeia: que todos juntos possamos seguir em frente como irmãos.

Homilia

Na primeira Carta de São João apóstolo há muitos contrastes: luz e trevas, mentira e verdade, pecado e inocência (cf. *1 Jo* 1, 5-7). Mas o apóstolo chama sempre à realidade, à verdade, e diz-nos que não podemos estar em comunhão com Jesus e caminhar nas trevas, porque Ele é luz. Ou uma coisa ou outra: o cinzento é ainda pior, porque o cinzento faz-nos acreditar que caminhamos na luz, porque não estamos na escuridão, e isto tranquiliza-nos. O cinzento é muito traiçoeiro. Ou uma coisa ou outra.

O apóstolo continua: «Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e não há verdade em nós» (*1 Jo* 1, 8), porque todos pecamos, somos todos pecadores. E aqui há algo que nos pode enganar: dizendo “somos todos pecadores”, como quem diz “bom dia”, “boa tarde”, uma expressão habitual, um costume social, não temos uma verdadeira consciência de pecado. Não: eu sou pecador por isto, isso e aquilo. A realidade. A realidade da verdade: a verdade é sempre real; as mentiras são etéreas, são como o ar, não se pode pegar nele. A verdade é concreta. E não podes ir confessar os teus pecados de uma forma abstrata: “Sim, eu... sim, uma vez perdi a paciência, outra vez...”, coisas abstratas. “Eu sou pecador». A realidade: “Fiz isto. Pensei isso. Disse aquilo”. A realidade é o que me faz sentir um verdadeiro pecador e não “pecador no ar”.

Jesus diz no Evangelho: «Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). A realidade dos pequeninos. É bom ouvir os pequeninos quando se confessam: não dizem coisas estranhas, “no ar”; dizem coisas concretas, e por vezes demasiado concretas porque têm aquela simplicidade que Deus dá aos pequeninos. Lembro-me sempre de uma criança que uma vez me veio contar que estava triste porque tinha discutido com a tia... Depois continuou. Eu disse: “O que fizeste?” - “Bem, eu estava em casa, queria ir jogar futebol - era um menino – mas dado que a mãe não estava em casa, a tia disse: “Não, tu não sais: primeiro tens de fazer os deveres de casa”. Palavra vai, palavra vem, e no final mandei-a àquele sítio”. Era uma criança de grande cultura geográfica... Disse-me até o nome do lugar para onde tinha mandado a sua tia! São assim: simples, concretas.

Também nós devemos ser simples, concretos: a concretude leva-nos à humildade, porque a humildade é concreta. “Somos todos pecadores” é uma expressão abstrata. Não: “Eu sou pecador por isto, isso e aquilo”, e esta atitude leva-me à vergonha de olhar para Jesus: “Perdoa-me”. A verdadeira atitude do pecador. «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós» (1 Jo 1, 8). Esta atitude abstrata é uma forma de dizer que estamos sem pecado: “Sim, somos pecadores, sim, perdi a paciência uma vez...”, mas “tudo no ar”. Não percebo a realidade dos meus pecados. “Mas, o senhor sabe, todos, todos nós fazemos estas coisas, lamento, lamento... causa-me sofrimento, já não o quero fazer, já não o quero dizer, não quero pensar mais nisso”. É importante dar um nome aos pecados que temos dentro de nós. A realidade. Porque se “permanecermos no ar”, acabaremos nas trevas. Tornemo-nos como os pequeninos, que dizem o que sentem, o que pensam: ainda não aprenderam a arte de dizer as coisas um pouco embrulhadas para que entendam mas não as digam. Esta é uma arte dos adultos, que muitas vezes não nos faz bem.

Ontem recebi uma carta de um jovem de Caravaggio. O seu nome é Andrea. Contou-me coisas sobre ele: as cartas dos adolescentes, dos jovens, são muito bonitas, pela realidade. E disse-me que tinha assistido à Missa na televisão e que me queria “reprender” por uma coisa: que eu digo “a paz esteja convosco”, “e tu não podes dizer isto porque com a pandemia não

nos podemos abraçar”. “Não vê que [aqui na igreja] inclinais a cabeça e não vos tocais”. Mas ele tem a liberdade de dizer as coisas como são.

Também nós, com o Senhor, devemos ter a liberdade de dizer as coisas como são: “Senhor, estou em pecado: ajudai-me”. Como Pedro depois da primeira pesca milagrosa: «Senhor, afasta-te de mim, porque sou pecador» (*Lc 5, 8*). Tenhamos esta sabedoria da realidade. Porque o diabo quer que vivamos na tibieza, indolentes, no cinzento: nem bom nem mau, nem branco nem preto: cinzento. Uma vida que não agrada ao Senhor. O Senhor não gosta dos tíbios. Realidade. Não ser mentiroso. «Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar» (*1 Jo 1, 9*). Ele perdoa-nos quando somos concretos. A vida espiritual é tão simples, tão simples; mas complicamo-la com estas nuances e, no final, nunca concluímos nada...

Peçamos ao Senhor a graça da simplicidade e que Ele nos conceda essa graça que dá às pessoas simples, às crianças, aos jovens que dizem o que sentem, que não escondem o que sentem. Mesmo que seja uma coisa errada, eles dizem-no. Também com Ele, dizer tudo: transparência. Não viver uma vida que não é uma coisa nem outra. A graça da liberdade para dizer estas coisas e também a graça de saber bem quem somos perante Deus.

"Sem testemunho e oração não se pode fazer pregação apostólica"

[Quinta-feira, 30 de abril de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos defuntos, aqueles que morreram devido à pandemia; e também, de uma forma especial, pelos defuntos - digamos - anónimos: vimos as fotografias das valas comuns. Muitos... muitos...

Homilia

«Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer» (*Jo 6, 44*): Jesus recorda que os profetas também predisseram isto: «E serão todos ensinados por Deus» (*Jo 6, 45*). É Deus quem nos leva ao conhecimento do Filho. Sem isto, não se pode conhecer Jesus. Sim, pode-se estudar, também estudar a Bíblia, até saber como nasceu, o que fez. Mas conhecê-lo por dentro, conhecer o mistério de Cristo, é apenas para aqueles que são atraídos pelo Pai.

Foi isto que aconteceu ao ministro da economia da Rainha da Etiópia. Podemos ver que era um homem piedoso e que, no meio dos seus negócios, dedicou tempo para ir adorar a Deus. Um crente. E voltou para a sua pátria lendo o profeta Isaías (cf. *At 8, 27-28*). O Senhor chamou Filipe, enviou-o para aquele lugar e depois disse-lhe: «Aproxima-te desse carro e acompanha-o» (v. 29), e ouviu que o ministro lia Isaías. Aproxima-se dele e faz-lhe uma pergunta: «Compreendes»? - «Como poderia entender se ninguém me está a orientar?» (v. 31), e pergunta: «De quem fala o profeta»? «Por favor, entre no carro», e durante a viagem - não sei quanto tempo, penso que pelo menos algumas horas - Filipe explicou-lhe: explicou Jesus (vv. 26-35).

A inquietação que aquele senhor sentia ao ler o profeta Isaías era precisamente do Pai, que atrai para Jesus (cf. *Jo* 6, 44): tinha-o preparado, tinha-o trazido da Etiópia para Jerusalém a fim de adorar a Deus e depois, com essa leitura, preparou o seu coração para revelar Jesus, a ponto de, logo que viu a água, disse: «Posso ser batizado» (cf. v. 36). E ele acreditou.

E isto - que ninguém pode conhecer Jesus sem que o Pai o atraia (cf. v. 44) - é válido para o nosso apostolado, para a nossa missão apostólica como cristãos. Penso também nas missões. “Que vais fazer nas missões?” - “Eu, converter pessoas” - “Mas repara, tu não estás a converter ninguém! Será o Pai que atrairá esses corações a reconhecerem Jesus”. Ir em missão é dar *testemunho* da própria fé; sem testemunho nada farás. Ir em missão - e os missionários são bons! - não significa edificar grandes estruturas, coisas... e ficar por aí. Não: as estruturas devem ser testemunhos. Podes construir uma estrutura hospitalar, educacional de grande perfeição, de grande desenvolvimento, mas se uma estrutura estiver sem testemunho cristão, o seu trabalho lá não será uma obra de testemunho, uma obra de verdadeira pregação de Jesus: será uma sociedade de beneficência, muito boa - muito boa! - mas nada mais.

Se eu quiser ir em missão, e digo isto se eu quiser fazer apostolado, tenho que ir com a vontade do Pai para atrair pessoas para Jesus, e é isto que o testemunho faz. O próprio Jesus disse o mesmo a Pedro quando confessou que é o Messias: «Tu és feliz, Simão Pedro, porque o Pai te revelou isto» (cf. *Mt* 16, 17). É o Pai que atrai, e também atrai com o nosso testemunho. “Farei muitas obras, aqui e ali, de educação, disto e daquilo...”, mas sem testemunho são coisas boas, mas não são o anúncio do Evangelho, não são lugares que dão a possibilidade de que «o Pai atraia ao conhecimento de Jesus» (cf. *Jo* 6, 44). Trabalho e testemunho.

“Mas o que posso fazer para que o Pai providencie para atrair essas pessoas?”. *Oração*. E esta é a oração para as missões: rezar para que o Pai atraia as pessoas para Jesus. *O testemunho e a oração* caminham juntos. Sem o testemunho e a oração não se pode fazer pregação apostólica, não se pode fazer anúncio. Será um bom sermão moral, farás muitas coisas boas, todas positivas. Mas o Pai não terá a possibilidade de atrair as pessoas para Jesus. E este é o centro: este é o centro do nosso apostolado, para que «o

Pai possa atrair pessoas para Jesus» (cf. *Jo* 6, 44). O nosso testemunho abre as portas ao povo e a nossa oração abre as portas ao coração do Pai, para que ele atraia as pessoas. Testemunho e oração. E isto não é apenas para as missões, é também para o nosso trabalho como cristãos. Será que dou testemunho da vida cristã, realmente, com o meu modo de vida? Será que rezo para que o Pai atraia pessoas para Jesus?

Esta é a grande regra para o nosso apostolado, em todo lugar, e especialmente para as missões. Ir em missão não é fazer proselitismo. Certa vez, uma senhora - bondosa, podia-se ver que ela era de boa vontade – aproximou-se de mim com dois jovens, um rapaz e uma moça, e disse-me: “Este rapaz, padre, era protestante e converteu-se: convenci-o. E esta moça era...” - Não sei, animista, não me lembro o que ela me disse - “e eu converti-a”. E a senhora era bondosa. Mas errava. Perdi um pouco a paciência e disse: “Mas escuta, não converteste ninguém: foi Deus que moveu o coração das pessoas. E não te esqueças: testemunho, sim; proselitismo, não”.

Peçamos ao Senhor a graça de viver o nosso trabalho com testemunho e oração, para que Ele, o Pai, possa atrair as pessoas a Jesus.

"O trabalho é a vocação do homem"

[Sexta-feira, 1 de maio de 2020]

Introdução

Hoje é a festa de São José Operário e o Dia do Trabalhador. Rezemos por todos os trabalhadores. Por todos. Para que não falte trabalho a ninguém e que todos sejam pagos com justiça e beneficiem da dignidade do trabalho e da beleza do descanso.

Homilia

«E Deus criou» (*Gn* 1, 27). Um Criador. Criou o mundo, criou o homem, e deu ao homem uma missão: administrar, trabalhar, continuar a criação. A Bíblia usa *trabalho* para descrever esta atividade de Deus: «Tendo Deus acabado no sétimo dia a obra que fizera, descansou de todo o seu *trabalho*» (*Gn* 2, 2). E confia esta atividade ao homem: “Tendes de fazer isto, conservar aquilo, trabalhar para criar comigo - como se tivesse dito assim - este mundo, para que continue» (cf. *Gn* 2, 15.19-20). A tal ponto que o trabalho é apenas a continuação da obra de Deus: o trabalho humano é a vocação do homem recebida de Deus no fim da criação do universo.

É o trabalho que torna o homem semelhante a Deus, pois com o trabalho o homem é criador, é capaz de criar, de criar muitas coisas; até mesmo de criar uma família para seguir em frente. O homem é criador e cria com o trabalho. Esta é a vocação. E a Bíblia diz: «Viu Deus que tudo quanto tinha feito era muito bom» (*Gn* 1, 31). Ou seja, o trabalho tem em si uma bondade e cria a harmonia das coisas - beleza, bondade - e envolve o homem em tudo: no seu pensamento, na sua atuação, em tudo. O homem participa no trabalho. É a primeira vocação do homem: trabalhar. E isto dá dignidade ao homem. É a dignidade que o faz assemelhar-se a Deus. A dignidade do trabalho.

Certa vez, numa Cáritas, a um homem que não tinha trabalho e fora à procura de algo para a família, um empregado dessa entidade [deu-lhe algo para comer e] disse: “Pelo menos podes levar o pão para casa” - “Mas isto não me basta, não me é suficiente”, foi a resposta: “Quero *ganhar o pão* a fim de o levar para casa”. Faltava-lhe a dignidade, a dignidade de “fazer” o próprio pão, com o seu trabalho, e de o levar para casa. A dignidade do trabalho, que infelizmente é tão espezinhada.

Na história, lemos a brutalidade que fizeram com os escravos: foram levados da África para a América - penso nesta história, que diz respeito à minha terra - e nós dizemos: “Quanta barbárie!”. Mas ainda hoje há muitos escravos, muitos homens e mulheres que não são *livres* para trabalhar: são obrigados a trabalhar para sobreviver, nada mais. São escravos: o trabalho forçado... Existe o trabalho forçado, injusto, mal pago e que leva o homem a viver com a dignidade espezinhada. Há muitos, muitos no mundo. Muitos! Nos jornais, há alguns meses, lemos que num país da Ásia, um homem espancou até à morte um dos seus empregados que ganhava menos de meio dólar por dia, porque tinha feito algo de errado. A escravatura de hoje é a nossa “indignidade”, porque tira a dignidade dos homens, das mulheres, de todos nós. “Não, eu trabalho, tenho a minha dignidade”. Sim, mas os teus irmãos, não. “Sim, padre, é verdade, mas isto está tão longe, para mim é difícil compreendê-lo. Mas aqui onde estamos...”. Também aqui, no nosso lugar. Aqui, entre nós. Pensa nos trabalhadores, nos diaristas, que tu fazes trabalhar por um salário mínimo e não oito, mas 12, 14 horas por dia: isto acontece hoje, aqui. Em todo o mundo, mas também aqui. Pensa na empregada doméstica que não recebe um salário justo, não tem assistência da segurança social e nem sequer a possibilidade de se aposentar: isto não acontece apenas na Ásia. Também aqui.

Toda a injustiça que se faz a uma pessoa que trabalha, espezinha a dignidade humana; inclusive a dignidade daquele que comete a injustiça: abaixa-se o nível e acaba-se naquela tensão de ditador-escravo. Ao contrário, a vocação que Deus nos dá é tão bonita: criar, recriar, trabalhar. Mas isto pode ser feito quando as condições são adequadas e a dignidade da pessoa é respeitada.

Unamo-nos hoje a muitos homens e mulheres, crentes e não-crentes, que comemoram o Dia do Trabalhador, o Dia do Trabalho, por aqueles que lutam pela justiça no trabalho, por aqueles - bons empresários - que realizam o trabalho com justiça, mesmo que tenham prejuízo. Há dois meses ouvi ao telefone um empresário, aqui na Itália, que me pedia para rezar por ele porque não queria despedir ninguém e disse: “Pois despedir um deles é despedir-me”. A consciência de tantos bons empresários, que amparam os trabalhadores como se fossem filhos! Rezemos também por eles. E peçamos a São José - com este ícone [uma imagem colocada junto do altar] tão bonito, com as ferramentas do trabalho nas mãos - que nos ajude a lutar pela dignidade do trabalho, a fim de que haja trabalho para todos e que seja um trabalho digno. Não trabalho escravo. Que esta seja a oração de hoje!

"Aprender a viver os momentos de crise"

[Sábado, 2 de maio de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos governantes que têm a responsabilidade de cuidar dos seus povos nestes tempos de crise: chefes de Estado, presidentes de governo, legisladores, presidentes de câmaras municipais, presidentes de região... Para que o Senhor os ajude e lhes dê força, pois o seu trabalho não é fácil. E que, quando existirem diferenças entre eles, compreendam que nos momentos de crise devem estar muito unidos para o bem do povo, pois a unidade é superior ao conflito.

Hoje, sábado 2 de maio, 300 grupos de oração unem-se a nós em prece. Trata-se dos chamados “madrugadores”: aqueles que se levantam cedo para rezar, que se levantam de madrugada precisamente para a oração. Hoje, neste momento, eles unem-se a nós.

Homilia

A primeira Leitura começa assim: «Naqueles dias a Igreja estava em paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria. Fortalecia-se caminhando no temor do Senhor e, com a consolação do Espírito Santo, crescia em número» (At 9, 31). Tempo de paz. E a Igreja cresce. A Igreja está tranquila, tem o conforto do Espírito Santo, está em consolação. Bons tempos... Segue-se a cura de Eneias, depois Pedro ressuscita Gazela, Tabita... coisas que se fazem em paz.

Mas na Igreja primitiva nem sempre é tempo de paz: há tempos de perseguição, tempos difíceis, tempos que colocam os crentes em crise. Tempos de crise. E um tempo de crise é o que nos narra hoje o Evangelho de João (cf. 6, 60-69). Esta passagem do Evangelho é o fim de toda uma série, que começou com a multiplicação dos pães, quando queriam fazer

Jesus rei, Jesus retira-se para rezar, no dia seguinte não o encontram, vão à sua procura, e Jesus repreende-os porque o procuram para que lhes dê de comer, e não pelas palavras de vida eterna... E toda aquela história termina aqui. Dizem: “Dai-nos deste pão”, e Jesus explica que o pão que dará é o seu corpo e o seu sangue.

«Naquele tempo, muitos dos discípulos de Jesus, ouvindo-o, disseram: “Isto é muito difícil! Quem o pode seguir?”» (v. 60). Jesus disse que quem não tivesse comido o seu corpo e sangue, não teria a vida eterna. Jesus disse também: «Se comerdes o meu corpo e beberdes o meu sangue, ressuscitareis no último dia» (cf. v. 54), disse Jesus. «Isto é muito difícil!» (v. 60) [os discípulos pensam]. “É demasiado difícil. Algo aqui não funciona. Este homem foi longe demais”. E este é um momento de crise. Houve momentos de paz e momentos de crise. Jesus sabia que os discípulos murmuravam. Aqui há uma distinção entre os discípulos e os apóstolos: os discípulos eram aqueles setenta e dois ou mais, os apóstolos eram os Doze. «Porque desde o princípio Jesus sabia quais eram os que não acreditavam e quem o havia de trair» (v. 64). E perante esta crise, recorda-lhes: «Foi por isso que vos disse: “Ninguém pode vir a mim, se o meu Pai não lho conceder”» (v. 65). E recomeça a falar do que significa ser atraído pelo Pai: o Pai atrai-nos a Jesus. É assim que se resolve a crise.

E «a partir daquele momento, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com Ele» (v. 66). Distanciaram-se. “Este homem é um pouco perigoso, um pouco... Mas estas doutrinas... Sim, ele é um homem bom, prega e cura, mas quando começa com estas coisas estranhas... Por favor, vamos embora” (cf. v. 66). Assim fizeram os discípulos de Emaús, na manhã da Ressurreição: “Bem, sim, uma coisa estranha: as mulheres que dizem que o túmulo... Mas isto cheira mal, diziam, vamos embora depressa, porque os soldados virão e nos crucificarão” (cf. *Lc* 24, 22-24). Os soldados que guardavam o túmulo fizeram o mesmo: tinham visto a verdade, mas depois preferiram vender o seu segredo: “Tenhamos cuidado: não entremos nestas histórias, pois são perigosas” (cf. *Mt* 28, 11-15).

Um momento de crise é um momento de escolha, que nos coloca à frente das decisões que temos de tomar. Todos na vida tivemos e teremos momentos de crise: crise familiar, crise matrimonial, crise social, crise

laboral, muitas crises... Esta pandemia é também um momento de crise social.

Como reagir neste momento de crise? «A partir daquele momento, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com Ele» (v. 66). Jesus tomou a decisão de interrogar os apóstolos: «Então, Jesus perguntou aos Doze: “Quereis vós também retirar-vos?”» (v. 67). Tomai uma decisão. E Pedro faz a segunda confissão: «Simão Pedro respondeu-lhe: “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. E nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus!”» (vv. 68-69). Pedro confessa, em nome dos Doze, que Jesus é o Santo de Deus, o Filho de Deus. A primeira confissão - «Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo» - e logo depois, quando Jesus começou a explicar a paixão que viria, impediu-o: “Não, não, Senhor, isto não”, e Jesus repreendeu-o (cf. *Mt* 16, 16-23). Mas Pedro amadureceu um pouco e aqui não censura. Não entende o que Jesus diz, “comer a carne, beber o sangue” (cf. *J*, 6, 54-56), não entende, mas confia no Mestre. Confia. E faz esta segunda confissão: “Mas a quem iremos? Por favor, Tu tens palavras de vida eterna” (cf. v. 68).

Isto ajuda-nos todos a viver a crise. Na minha terra há um ditado que diz: “Quando vais a cavalo e deves atravessar um rio, por favor não troques o cavalo no meio do rio”. Em tempos de crise, sejamos deveras firmes na convicção da fé. Aqueles que foram embora, que “trocaram o cavalo”, procuraram outro mestre que não fosse tão “duro”, como lhe diziam. Nos momentos de crise deve haver perseverança, silêncio; fiquemos onde estamos, imóveis. Este não é o momento de fazer alterações. É o momento da fidelidade, da fidelidade a Deus, da fidelidade às coisas [decisões] que tomamos antes. É também o momento da conversão, pois esta fidelidade irá inspirar-nos a fazer algumas mudanças para o bem, não a distanciar-nos do bem.

Momentos de paz e momentos de crise. Nós, cristãos, temos de aprender a enfrentar ambos. Ambos. Alguns padres espirituais dizem que o momento de crise é como atravessar o fogo para se tornar forte. Que o Senhor nos envie o Espírito Santo para sabermos resistir às tentações nos momentos de crise, para sabermos ser fiéis às primeiras palavras, com a esperança de viver depois os momentos de paz. Pensemos nas nossas crises:

crises familiares, crises de vizinhança, crises de trabalho, crises sociais do mundo, do país... Muitas crises, tantas crises.

Que o Senhor nos dê a força - em tempos de crise - para não vendermos a fé.

"A mansidão e ternura do Bom Pastor"

[Domingo, 3 de maio de 2020]

Introdução

Três semanas após a Ressurreição do Senhor, a Igreja celebra hoje, no quarto domingo de Páscoa, o domingo do Bom Pastor, Jesus Bom Pastor. Isto faz-me pensar em tantos pastores no mundo que dão a vida pelos fiéis, também nesta pandemia, muitos, aqui em Itália já morreram mais de 100. E penso também noutros pastores que se preocupam com o bem do povo: os médicos. Falamos de médicos, daquilo que fazem, mas devemos saber que, só na Itália, faleceram 154 médicos durante o serviço. Que o exemplo destes pastores sacerdotes e “pastores médicos” nos ajude a cuidar do santo povo fiel de Deus.

Homilia

A Primeira Carta do Apóstolo Pedro, que ouvimos, é um excerto de serenidade (cf. 2, 20-25). Fala de Jesus. Ele diz: «Assumindo ele mesmo no seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora fostes reconduzidos ao pastor e guardião das vossas almas» (vv. 24-25).

Jesus é o pastor - assim o vê Pedro - que vem para salvar, para salvar as ovelhas errantes: éramos nós. E no salmo 22 que lemos depois desta leitura, repetimos: «O Senhor é meu pastor: nada me faltará» (v. 1). A presença do Senhor como pastor, como pastor do rebanho. E Jesus, no capítulo 10 de João, que lemos, apresenta-se como pastor. De facto, não só o pastor, mas a “porta” por onde se entra no rebanho (cf. v. 8). Todos aqueles que vieram e não entraram por aquela porta eram ladrões e assaltante ou queriam aproveitar-se do rebanho: os falsos pastores. E na história da Igreja tem havido muitos destes que exploraram o rebanho. Eles não estavam

interessados no rebanho, mas apenas em fazer carreira, ou política ou dinheiro. Mas o rebanho conhecia-os, sempre os conheceu e ia à procura de Deus pelo seu caminho.

Mas quando há um bom pastor que leva em frente, há o rebanho que vai em frente. O bom pastor ouve o rebanho, guia o rebanho, cura o rebanho. E o rebanho sabe distinguir os pastores, não erra: o rebanho confia no bom pastor, confia em Jesus. Só o pastor que se assemelha a Jesus dá confiança ao rebanho, porque Ele é *a porta*. O estilo de Jesus deve ser o estilo do pastor, não há outro. Mas até Jesus, o bom pastor, como diz Pedro na primeira leitura, «pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas: o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano; o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava» (1 Pd 2, 21-23). Ele era manso. Um dos sinais do bom Pastor é a *mansidão*. O bom pastor é manso. Um pastor que não é manso não é um bom pastor. Ele tem algo escondido, porque a mansidão se mostra como é, sem se defender. Pelo contrário, o pastor é terno, tem essa *ternura da proximidade*, conhece todas as ovelhas pelo nome e cuida de cada uma como se fosse a única, a ponto que, ao chegar a casa depois de um dia de trabalho, cansado, percebe que lhe falta uma, sai para trabalhar outra vez para a procurar e [encontrá-la] leva-a consigo, carrega-a sobre os ombros (cf. Lc 15, 4-5). Este é o bom pastor, este é Jesus, que nos acompanha a todos no caminho da vida. E esta ideia do pastor, esta ideia do rebanho e das ovelhas, é uma ideia pascal. A Igreja, na primeira semana da Páscoa, canta aquele lindo hino para os recém-batizados: “Estes são os novos cordeiros”, o hino que ouvimos no início da Missa. É uma ideia de comunidade, de ternura, de bondade, de mansidão. É a Igreja que Jesus quer, e Ele salvaguarda esta Igreja.

Este é um domingo bonito, é um domingo de paz, é um domingo de ternura, de mansidão, porque o nosso Pastor cuida de nós. «O Senhor é meu pastor, nada me faltará». (Sl 22, 1).

"Todos nós temos um único Pastor: Jesus"

[Segunda-feira, 4 de maio de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelas famílias. Neste tempo de quarentena, a família, fechada em casa, procura fazer muitas coisas novas, ter tanta criatividade com as crianças, com todos, para seguir em frente. E às vezes existe também outra situação: a violência doméstica. Rezemos pelas famílias, para que continuem em paz, com criatividade e paciência, nesta quarentena.

Homilia

Quando Pedro subiu a Jerusalém, os fiéis repreenderam-no (cf. *At 11, 1-8*). Eles reprovaram-no porque entrou na casa de homens não circuncidados e comeu com eles, com os gentios: isto não se podia fazer, era um pecado. A pureza da lei não o permitia. Mas Pedro fê-lo porque o Espírito o conduziu ali. Na Igreja há sempre - e muito na Igreja primitiva, porque isto ainda não era claro - o espírito do “nós somos justos, os outros são pecadores”. Este “nós e os outros”, “nós e os outros”, as divisões: “Assumimos a posição correta perante Deus”. Mas, há “os outros”; diz-se também: “Eles são os já condenados”. E esta é uma doença da Igreja, uma enfermidade que deriva de ideologias ou de partidos religiosos... Pensemos que na época de Jesus havia pelo menos quatro partidos religiosos: o partido dos fariseus, dos saduceus, dos zelotas e dos essênios, e cada um interpretava a lei de acordo com “a ideia” que tinha. E esta ideia é uma escola “fora da lei”, quando é uma forma de pensar, de sentir, mundana que se faz intérprete da lei. Também criticaram Jesus por entrar na casa dos publicanos - que, segundo eles, eram pecadores - e por comer com eles, com pecadores, porque a pureza da lei não o permitia (cf. *Mt 9, 10-11*); Ele não lavou as mãos antes do almoço (cf. *Mt 15, 2.20*). É esta repreensão que causa sempre a divisão: este é o aspeto importante que eu gostaria de enfatizar.

Há ideias, posições que provocam divisão, a ponto de a divisão ser mais importante do que a unidade. A minha ideia é mais importante do que o Espírito Santo que nos guia. Há um cardeal “emérito” que vive aqui no Vaticano, um pastor bom, que dizia aos seus fiéis: “Sabeis que a Igreja é como um rio? Alguns estão mais deste lado, outros do outro, mas o importante é que todos estejam dentro do rio”. Tal é a unidade da Igreja. Ninguém fora, todos dentro. Depois, com as peculiaridades: isto não divide, não é ideologia, é lícito. Mas por que a Igreja tem esta amplitude de rio? Porque o Senhor assim o quer.

No Evangelho, o Senhor diz-nos: «Ainda tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco; também as devo conduzir, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo 10, 16). O Senhor diz: “Tenho ovelhas por toda a parte e sou o pastor de todas”. Em Jesus, este todas é muito importante. Pensemos na parábola da festa de casamento (cf. Mt 22, 1-10), quando os convidados não queriam participar: um porque tinha comprado um campo, outro porque se casara... todos deram uma razão para não ir. E o senhor zangou-se e disse: «Ide, pois, às encruzilhadas e convidai para as bodas todos os que encontrardes» (v. 9). Todos. Grandes e pequenos, ricos e pobres, bons e maus. Todos. Este “todos” é um pouco a visão do Senhor que veio para todos e morreu por todos. “Mas será que Ele também morreu por aquele miserável que me tornou a vida impossível?”. Morreu também por ele. “E por aquele bandido?”. Morreu por ele. Por todos. E também pelas pessoas que não acreditam nele ou são de outra religião: morreu por todos. Isto não significa que devemos fazer proselitismo: não. Mas Ele morreu por todos, justificou todos.

Aqui em Roma havia uma senhora, uma mulher bondosa, a professora [Maria Grazia] Mara, que quando estava em dificuldade por muitos motivos, e quando havia divisões, dizia: “Cristo morreu por todos: vamos em frente!”. A capacidade construtiva. Temos apenas um Redentor, só uma unidade: Cristo morreu por todos. Ao contrário, a tentação... Paulo também a sofreu: “Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou deste, eu sou do outro...” (cf. 1 Cor 3, 1-9). E pensemos em nós, há cinquenta anos, no pós-Concílio: as divisões que a Igreja sofreu. “Eu sou deste lado, penso assim, tu pensas de outro modo...”. Sim, é legítimo pensar assim, mas *na unidade da Igreja*, sob o Pastor Jesus.

Duas considerações. A repreensão dos apóstolos a Pedro, porque entrou na casa de pagãos e Jesus que diz: “Eu sou pastor de todos”. Eu sou pastor de todos. E que diz: «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também as devo conduzir, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho» (cf. *Jo* 10, 16). É a oração pela unidade de todos os homens, porque *todos*, homens e mulheres, todos nós temos um só Pastor: Jesus.

Que o Senhor nos livre daquela psicologia da divisão, da separação, e nos ajude a ver isto em Jesus, este grande aspeto de Jesus, pois nele somos todos irmãos e Ele é o pastor de todos. Que hoje, esta palavra: *todos, todos*, nos acompanhe ao longo do dia.

"Atitudes que impedem de conhecer Cristo"

[Terça-feira, 5 de maio de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelas pessoas que morreram devido à pandemia. Faleceram sozinhas, sem a carícia dos seus entes queridos, e muitas nem sequer tiveram o funeral. Que o Senhor as receba na glória.

Homilia

Jesus estava no templo e aproximava-se a festa da Dedicção (cf. *Jo* 10, 22-30). Também os judeus o rodearam e disseram: «Até quando nos deixarás na incerteza? Se Tu és Cristo, di-lo abertamente» (v. 24). Faziam perder a paciência, mas Jesus respondeu-lhes com muita mansidão: «Já vo-lo disse, mas não credes» (v. 25). Acrescentaram: “És tu? És tu?” - “Sim, disse-o, mas não credes!”. «Mas não credes porque não sois das minhas ovelhas» (v. 26). E isto talvez levante uma dúvida: creio e faço parte das ovelhas de Jesus. Mas se Jesus nos dissesse: “Não podeis crer, pois não fazeis parte”: existe uma fé prévia no encontro com Jesus? No que consiste este *fazer parte* da fé de Jesus? O que me detém à frente da porta que é Jesus?

Há atitudes que precedem a confissão de Jesus. Também para nós, que fazemos parte do rebanho de Jesus. São como “antipatias prévias”, que não nos deixam ir em frente no conhecimento do Senhor. A primeira de todas são as *riquezas*. Muitos de nós, que entramos pela porta do Senhor, paramos e não continuamos porque vivemos presos nas riquezas. O Senhor era severo em relação às riquezas: foi muito duro, deveras severo. A ponto de dizer que era mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus (cf. *Mt* 19, 24). Isto é duro! A riqueza é um impedimento para ir em frente. Mas será necessário cair no pauperismo? Não! Mas não sejamos escravos da riqueza, não vivamos para

a riqueza, pois a riqueza é um senhor, é o senhor deste mundo e não podemos servir a dois senhores (cf. *Lc 16, 13*). As riquezas aprisionam-nos!

Outra atitude que nos impede de ir em frente no conhecimento de Jesus, na pertença de Jesus, é a *rigidez*: a rigidez do coração. Também a rigidez na interpretação da Lei. Jesus repreende os fariseus, os doutores da Lei, por causa desta rigidez (cf. *Mt 23, 1-36*). Isto não é fidelidade: a fidelidade é sempre um dom a Deus; a rigidez é uma segurança para mim. Lembro-me que, certa vez, entrei na paróquia e uma senhora - uma senhora bondosa - aproximou-se de mim e disse: “Padre, um conselho...” - “Diga-me...” - “Na semana passada, sábado, não ontem, no sábado passado, fomos a um casamento de família: celebrado com uma missa. Era sábado à tarde, e pensamos que com aquela missa tínhamos cumprido o preceito do domingo. Mas depois, a caminho de casa, pensei que as leituras para aquela missa não eram as de domingo. E assim percebi que estou em pecado mortal, porque no domingo não fui à missa, dado tinha ido no sábado, mas a uma missa *que não era verdadeira*, porque as leituras não eram *verdadeiras*”. Esta rigidez... E aquela senhora pertencia a um movimento eclesial... Rigidez. Isto afasta-nos da sabedoria de Jesus, da sabedoria de Jesus; tira a liberdade. Muitos pastores fazem crescer esta rigidez na alma dos fiéis, e esta rigidez não nos deixa entrar pela porta de Jesus (cf. *Jo 10, 7*). Será mais importante observar a lei tal como está escrita, ou como eu a interpreto, que é a liberdade de ir em frente seguindo Jesus?

Outra atitude que não nos deixa ir em frente no conhecimento de Jesus é a *preguiça*. Aquele cansaço... pensemos naquele homem na piscina: 38 anos ali (cf. *Jo 5, 1-9*). Preguiça. Tira-nos a vontade de continuar e tudo se resume em “sim, mas... não, agora não, mas...”, isto leva-nos à tibieza, torna-nos túbios. A preguiça... é outra atitude que nos impede de continuar.

Outra atitude que já é suficientemente negativa é a *clericalista*. O clericalismo coloca-se no lugar de Jesus, dizendo: “Não, isto deve ser assim e assado...” - “Mas, o Mestre...” - “Deixa o Mestre em paz. Isto é assim e assado, se não fizeres isto assim, não podes entrar”. Um clericalismo que tira a liberdade de fé dos crentes. É uma doença terrível na Igreja: a atitude clericalista.

Depois, outra atitude que nos impede de ir em frente, de entrar para conhecer Jesus e confessar Jesus, é o *espírito mundano*. Quando a observância da fé, a prática da fé acaba na mundanidade. E tudo é mundano. Pensemos na celebração de alguns sacramentos em certas paróquias: quanta mundanidade existe! E a graça da presença de Jesus não é bem compreendida.

Estas são as causas que nos impedem de fazer parte das ovelhas de Jesus. Somos “ovelhas” [no seguimento] de todas estas atitudes: das riquezas, da preguiça, da rigidez, da mundanidade, do clericalismo, das modalidades, das ideologias, das formas de vida. Não há liberdade. E não se pode seguir Jesus sem liberdade. “Mas às vezes a liberdade vai além e alguém escorrega”: sim, é verdade. É verdade! Podemos escorregar, caminhando com liberdade. Mas o pior é escorregar antes de partir, com estas atitudes que impedem de começar a caminhar.

Que o Senhor nos ilumine para ver dentro de nós se existe a liberdade de passar pela porta, que é Jesus, e de ir além de Jesus para ser rebanho, para ser ovelhas do seu rebanho.

"Ter a coragem de ver as nossas trevas, para que a luz do Senhor entre e nos salve"

[Quarta-feira, 6 de maio de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelos homens e mulheres que trabalham nos meios de comunicação social. Nesta época de pandemia, arriscam tanto e o trabalho é muito. Que o Senhor os ajude nesta obra de transmitir, sempre, a verdade.

Homilia

Este excerto do Evangelho de João (cf. *Jo* 12, 44-50) mostra-nos a intimidade de Jesus com o Pai. Jesus fazia o que o Pai lhe disse. E por isso afirma: «Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou» (v. 44). Depois especifica a sua missão: «Eu sou a luz que veio ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas» (v. 46). Apresenta-se como luz. A missão de Jesus é iluminar: a luz. Ele próprio disse: «Eu sou a luz do mundo» (*Jo* 8, 12). O profeta Isaías tinha profetizado esta luz: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz» (*Mt* 4, 16; cf. *Is* 9, 1). A promessa da luz que iluminará o povo. E a missão dos apóstolos também é levar a luz. Paulo disse isto ao rei Agripa: «Fui escolhido para iluminar, para levar a luz - que não é minha, é de outrem - mas para levar a luz» (cf. *At* 26, 18). É a missão de Jesus: levar a luz. E a missão dos apóstolos é levar a luz de Jesus. *Iluminar*. Porque o mundo estava nas trevas.

Mas o drama, é que a luz de Jesus foi rejeitada. Já no início do Evangelho, João o diz claramente: «Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Eles amavam mais as trevas do que a luz» (cf. *Jo* 1, 9-11). Habituaram-se às trevas, viver na escuridão: não sabem aceitar a luz, não podem; são escravos das trevas. E esta será a luta de Jesus, que continua:

iluminar, levar a luz que nos mostra tudo como é, como está; mostra-nos a liberdade, a verdade, o caminho por onde ir, com a luz de Jesus.

Paulo viveu esta experiência da passagem das trevas para a luz, quando o Senhor o encontrou no caminho de Damasco. Ficou cego. Cegou. A luz do Senhor cegou-o. E então, alguns dias depois, com o batismo, ele recuperou a luz (cf. *At 9, 1-19*). Ele teve esta experiência da passagem da escuridão em que estava, para a luz. É também a nossa passagem, que sacramentalmente recebemos no batismo: por isso o batismo foi chamado, nos primeiros séculos, *Iluminação* (cf. São Justino, *Apologia*, 1, 61, 12), porque oferecia a luz, “fazia entrar”. Por isso na cerimônia de batismo damos uma vela acesa, um círio aceso ao pai e à mãe, para que o menino, a menina, seja iluminado, iluminada.

Jesus traz a luz. Mas o povo, as pessoas, o seu povo não o recebeu. Está tão habituado às trevas que a luz o ofusca, não sabe como caminhar (cf. *Jo 1, 10-11*). E este é o drama do nosso pecado: o pecado cega-nos e nós não conseguimos tolerar a luz. Os nossos olhos estão doentes. E Jesus diz claramente, no Evangelho de Mateus: «Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!» (cf. *Mt 6, 22-23*). As trevas... E a conversão é passar das trevas para a luz.

Mas quais são as coisas que adoecem os olhos, os olhos da fé? Os nossos olhos estão doentes: quais são as coisas que “os fazem adoecer”, que os cegam? Os vícios, o espírito mundano, a soberba. Os vícios que “te derrubam” e também, estas três atitudes - os vícios, a soberba, o espírito mundano - levam-te a associar-te com os outros para permaneceres seguro nas trevas. Falamos frequentemente das máfias; é isto. Mas há “máfias espirituais”, há “máfias domésticas”, sempre à procura de outra pessoa para se proteger e permanecer na escuridão. Não é fácil viver na luz. A luz faz-nos ver tantas coisas negativas dentro de nós que não queremos ver: vícios, pecados... Pensemos nos nossos vícios, na nossa soberba, no nosso espírito mundano: estas coisas cegam-nos, afastam-nos da luz de Jesus.

Mas se começarmos a pensar nestas atitudes, não encontraremos uma parede, não: encontraremos uma saída, porque o próprio Jesus diz que Ele é a luz: «Vim, não para condenar o mundo, mas para o salvar» (cf. *Jo 12, 46-*

47). Jesus, a luz, diz: «Tende coragem: deixai-vos iluminar, deixai-vos ver pelo que tendes dentro, porque sou eu quem vos conduz para a frente, quem vos salva. Não condeno. Eu salvo-vos» (cf. v. 47). O Senhor salva-nos da escuridão que temos dentro, das trevas da vida quotidiana, da vida social, da vida política, da vida nacional e internacional... há muitas trevas dentro de nós. E o Senhor salva-nos. Mas pede-nos que *as vejamos primeiro*; que tenhamos a coragem de ver as nossas trevas, para que a luz do Senhor entre e nos salve.

Não tenhamos medo do Senhor: é muito bom, é manso, está próximo de nós. Ele veio para nos salvar. Não tenhamos medo da luz de Jesus.

"Ser cristão significa pertencer ao povo de Deus"

[Quinta-feira, 7 de maio de 2020]

Introdução

Ontem recebi uma carta de um grupo de artistas: agradeciam a oração que fizemos por eles. Gostaria de pedir ao Senhor que os abençoe porque os artistas nos fazem compreender o que é a beleza e sem a beleza o Evangelho não pode ser compreendido. Rezemos mais uma vez pelos artistas.

Homilia

Quando Paulo foi convidado para falar na sinagoga em Antioquia [na Pisídia] para explicar esta nova doutrina, ou seja, explicar Jesus, proclamar Jesus, ele começa da história da salvação (cf. *At* 13, 13-21). Paulo levantou-se e falou: «O Deus deste povo de Israel escolheu a nossos pais, e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito; e com braço poderoso os tirou dela» (*At* 13, 17)... e [relatou] toda a salvação, a história da salvação. Estêvão fez o mesmo antes do martírio (cf. *At* 7, 1-54), e também Paulo, noutra momento. O autor da Carta aos Hebreus faz o mesmo quando conta a história de Abraão e de «todos os nossos pais» (cf. *Hb* 11, 1-39). Nós hoje cantamos o mesmo: «Hei de cantar para sempre o amor do Senhor, e hei de anunciar a Sua lealdade pelas gerações» (*Sl* 88, 2). Cantamos a história de David: «Encontrei David, meu servo» (v. 21). Mateus (cf. 1, 1-14) e Lucas (cf. 3, 23-38) fazem o mesmo: quando começam a falar de Jesus, citam a sua genealogia.

O que está por detrás de Jesus? Há uma história. Uma história de graça, uma história de eleição, uma história de promessa. O Senhor escolheu Abraão e caminhou com o seu povo. No início da Missa, no canto inicial, dissemos: «Quando avançastes, Senhor, diante do vosso povo e abristes o caminho e caminhastes ao lado do vosso povo, perto do vosso povo». Há

uma história de Deus com o seu povo. E é por isso que quando pediram a Paulo que explicasse o porquê da fé em Jesus Cristo não começa a partir de Jesus Cristo: começa com a história. O cristianismo é uma doutrina, sim, mas não só. Não são apenas as coisas em que acreditamos: é uma história que carrega esta doutrina que é a promessa de Deus, a aliança de Deus, ser eleito por Deus. O cristianismo não é apenas uma ética. Sim, de facto, tem princípios morais, mas não se é cristão apenas com uma visão de ética. É mais do que isso. O cristianismo não é uma “elite” de pessoas escolhidas pela verdade. Este sentido elitista que depois vai em frente na Igreja, não é? Por exemplo, eu pertenço a esta instituição, pertenço a este movimento que é melhor do que o vosso. Este, aquele. É um sentido elitista. Não, o Cristianismo não é isto: o Cristianismo é *pertença* a um povo, a um povo escolhido livremente por Deus. Se não tivermos esta consciência de pertença a um povo seremos cristãos ideológicos, com uma pequena doutrina de afirmação da verdade, uma ética, uma moral - está bem - ou uma elite. Sentimo-nos parte de um grupo escolhido por Deus - os cristãos - os outros irão para o inferno ou se forem salvos é pela misericórdia de Deus, mas eles são os descartados... E assim por diante. Se não tivermos a consciência de pertença a um povo, não somos verdadeiros cristãos.

É por isso que Paulo explica Jesus desde o início, começando pela pertença a um povo. E muitas vezes, muitas, caímos nestas parcialidades, sejam elas dogmáticas, morais ou elitistas, não é verdade? O sentido da elite é o que nos faz muito mal e perdemos o sentido de pertencer ao santo povo fiel de Deus, que Deus elegeu em Abraão e prometeu, a grande promessa, Jesus, e o fez prosseguir com esperança, fazendo aliança com ele. Consciência de povo.

Impressiona-me sempre o trecho do Deuteronomio, acho que é o capítulo 26, quando diz: «Uma vez por ano, quando fores apresentar as tuas oferendas ao Senhor, as primícias, e quando o teu filho te perguntar: “Pai, por que fazes isto?”, não lhe deves dizer: “Porque Deus mandou”, não: “Éramos um povo, éramos assim, e o Senhor nos libertou...”» (cf. Dt 26, 1-11). Contar a história, como fez Paulo. Transmitir a história da nossa salvação. O próprio Senhor no Deuteronomio aconselha: «Quando chegares à terra que não conquistaste, que eu conquistei, e comeres os frutos que não plantaste, e habitares as casas que não construístes, quando deres a oferta»

(cf. *Dt* 26, 1), recita - o famoso credo deuteronômico -: «Arameu, prestes a perecer, foi meu pai, e desceu ao Egito» (*Dt* 26, 5). Permaneceu ali durante 400 anos, depois o Senhor libertou-o, levou-o adiante. Canta a história, a memória de povo, de ser um povo.

E nesta história do povo de Deus, até Jesus Cristo, havia santos, pecadores e muitas pessoas comuns e boas, com virtudes e pecados, todos. A famosa “multidão” que seguia Jesus, que tinha a *intuição* de pertencer a um povo. Um cristão auto-intitulado que não tem esta intuição não é um verdadeiro cristão; é um pouco particular e sente-se justificado sem o povo. Pertencer a um povo, ter memória do povo de Deus. E isto foi ensinado por Paulo, Estêvão, outra vez Paulo, os Apóstolos... E o conselho do autor da Carta aos Hebreus: «Lembra-vos dos vossos antepassados» (cf. *Hb* 11, 2), isto é, daqueles que nos precederam neste caminho de salvação.

Se alguém me perguntasse: “Na sua opinião qual é o desvio dos cristãos hoje e sempre? Qual é o desvio mais perigoso dos cristãos”, diria sem dúvida: a falta de memória de pertença a um povo. Quando falta isto, surgem os dogmatismos, os moralismos, os eticismos, os movimentos elitistas. Falta o povo. Um povo pecador sempre, todos somos, mas que em geral não errado, que tem a intuição de ser povo eleito, que caminha atrás de uma promessa e que estabeleceu uma aliança que talvez não cumpra, mas tem consciência dela.

Pedir ao Senhor esta consciência de povo, que Nossa Senhora cantou tão lindamente no seu Magnificat (cf. *Lc* 1, 46-56), que Zacarias cantou tão bem no seu *Benedictus* (cf. vv. 67-79), cânticos que rezamos todos os dias, de manhã e à noite. Consciência de povo: nós somos o povo santo e fiel de Deus que, na sua maioria, como diz o Concílio Vaticano I, e depois o II, tem a intuição da fé e é infalível nesta forma de acreditar.

"A sua consolação está próxima, é verdadeira e abre as portas da esperança"

[Sexta-feira, 8 de maio de 2020]

Introdução

Hoje é o Dia Mundial da Cruz Vermelha e da Meia-Lua Vermelha. Rezemos pelas pessoas que trabalham nestas instituições beneméritas: que o Senhor abençoe o seu trabalho, feito de modo tão bom.

Homilia

Este diálogo de Jesus com os discípulos tem lugar à mesa, na hora da ceia (cf. *Jo* 14, 1-6). Jesus está triste, todos estão tristes: Jesus disse que seria traído por um deles (cf. *Jo* 13, 21) e todos sentem que algo de mau aconteceria. Jesus começa a consolar os seus, pois uma das funções, das “atividades” do Senhor, é *consolar*. O Senhor consola os seus discípulos e aqui vemos qual é a sua maneira de consolar. Há muitas formas de consolar, desde as mais autênticas, das mais próximas, até às mais formais, como aqueles telegramas de condolências: “Profundamente triste por...”. Não consola ninguém, é uma farsa, é a consolação da formalidade. Mas como consola o Senhor? É importante saber isto, porque também nós, quando na nossa vida temos de passar por momentos de tristeza, aprendemos a sentir qual é a verdadeira consolação do Senhor.

E neste trecho do Evangelho vemos que o Senhor consola sempre na *proximidade*, com a *verdade* e na *esperança*. São as três características da consolação do Senhor. Na *proximidade*, nunca distante: estou aqui. Que bonita expressão: “Estou aqui”. “Estou aqui convosco”. E muitas vezes em *silêncio*. Mas sabemos que Ele está presente. Ele está sempre presente. A proximidade, que é o estilo de Deus, também na Encarnação, significa que está próximo de nós. O Senhor consola na proximidade. E não usa palavras

vazias, aliás, prefere o silêncio. A força da proximidade, da presença. Ele fala pouco. Mas está próximo.

Uma segunda característica da proximidade de Jesus, da sua maneira de consolar, é a *verdade*: Jesus é verdadeiro. Não profere palavras formais, que são mentiras: “Não, não te preocupes, tudo passará, nada acontecerá, passará, as coisas passam...”. Não! Ele diz a verdade. Não esconde a verdade. Porque neste trecho Ele mesmo diz: «Eu sou a verdade!» (cf. *Jo* 14, 6). E a verdade é: “Vou-me embora”, ou seja: “Morrerei” (cf. *Jo* 2-3). Estamos perante a morte. É a verdade. E Ele diz isto de forma simples e também com mansidão, sem ferir: estamos diante da morte. Ele não esconde a verdade.

E eis a terceira característica: Jesus consola na *esperança*. Sim, é um momento difícil. Mas «não se perturbe o vosso coração; (...) crede também em mim» (v. 1). Assim diz Jesus: «Na casa de meu Pai há muitas moradas; (...) Vou preparar-vos um lugar (v. 2). Ele será o primeiro a abrir as portas; as portas daquele lugar por onde todos nós passaremos, assim espero: «Voltarei e levar-vos-ei comigo, para que onde Eu estiver estejais também vós» (v. 3). O Senhor volta sempre que um de nós está a caminho para partir deste mundo. «Virei e levar-vos-ei»: a esperança. Ele virá, pegar-nos-á pela mão e levar-nos-á. Ele não diz: “Não, não sofrerás, não é nada...”. Não! Diz a verdade: “Estou próximo de vós, esta é a verdade: é um mau momento, de perigo, de morte. Não se perturbe o vosso coração, permaneçei na paz, naquela paz que é a base de toda a consolação, pois virei e vos levarei pela mão para onde Eu estiver”.

Não é fácil deixar-se *consolar* pelo Senhor. Muitas vezes, nos maus momentos, ficamos zangados com o Senhor e não permitimos que Ele nos fale assim, com esta doçura, com esta proximidade, com esta mansidão, com esta verdade, com esta esperança.

Peçamos a graça de aprender a deixar-nos consolar pelo Senhor. A consolação do Senhor é verdadeira, não engana. Não se trata de anestesia, não. Mas ela está próxima, é verdadeira e abre-nos as portas da esperança.

"O Espírito Santo faz a harmonia da Igreja, o espírito maligno destrói"

[Sábado, 9 de maio de 2020]

Introdução

Hoje comemora-se Santa Luísa de Marillac [a memória litúrgica é celebrada no dia 15 de março mas, tendo aquele dia coincidido com o tempo de Quaresma, foi transferida para hoje]. Rezemos pelas irmãs vicentinas que dirigem este ambulatório, este “hospital”, há quase 100 anos [trata-se do *Dispensário Pediátrico Santa Marta*, gerido pelas religiosas da Congregação das Filhas da Caridade], e trabalham aqui, em Santa Marta, para este “hospital”. Que o Senhor abençoe as irmãs!

Homilia

No Salmo recitamos: «Cantai ao Senhor um cântico novo, porque fez maravilhas; a sua mão e o seu santo braço alcançaram-lhe a vitória. O Senhor deu a conhecer a sua salvação, manifestou a sua justiça perante os povos» (Sl 97, 1-2). Isto é verdade. O Senhor fez maravilhas. Mas quanto esforço! Quantos esforços, para as comunidades cristãs, levar adiante estas maravilhas do Senhor!

Na passagem dos Atos dos Apóstolos (cf. 13, 44-52) sentimos alegria: toda a cidade de Antioquia está reunida para ouvir a palavra do Senhor porque Paulo e os apóstolos pregavam com vigor, e o Espírito ajudava-os. «Então os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo pregava» (v. 45). Por um lado, há o Senhor, há o Espírito Santo que faz a Igreja crescer, e cresce cada vez mais, isto é verdade. Mas, por outro, há o espírito maligno que procura destruir a Igreja. Foi sempre assim, é sempre assim. Continua-se, mas depois vem o inimigo que tenta destruir. A longo prazo o balanço é sempre positivo, mas quanto esforço, quanta dor, quanto martírio!

Isto aconteceu em Antioquia, e acontece em toda a parte no Livro dos Atos dos Apóstolos. Pensemos, por exemplo, em Listra, quando chegaram e curaram [um paralítico] e todos acreditavam que eram deuses e queriam fazer sacrifícios, e todo o povo estava com eles (cf. At 14, 8-18). Depois vieram os outros e convenceram-nos de que não era assim. E como acabaram Paulo e o seu companheiro? Apedrejados (cf. At 14, 19). Sempre uma luta. Pensemos no mago Élimas, e no modo como agiu para impedir que o Evangelho chegasse ao procônsul (cf. At 13, 6-12). Pensemos nos senhores daquela jovem vidente: exploravam-na, porque ela “lia as mãos” e recebia o dinheiro que depois ia parar nos bolsos dos senhores. E quando Paulo e os apóstolos demonstraram que aquilo era mentira, que não era bom, revoltaram-se imediatamente contra eles (cf. At 16, 16-24). Pensemos nos artesãos da deusa Artemis [em Éfeso], que perderam o comércio porque não podiam vender as estatuetas, pois as pessoas já não as compravam, porque se tinham convertido. E assim, um após o outro. Por um lado, a Palavra de Deus que convoca, que faz crescer; por outro, a perseguição, a grande perseguição que acaba por os afastar, pois espancavam-nos...

E qual é o instrumento do diabo para destruir a proclamação do Evangelho? A *inveja*. O Livro da Sabedoria diz claramente: «Pela inveja do diabo o pecado entrou no mundo» (cf. 2, 24) - inveja, ciúme. Sempre este sentimento amargo, amargo. Estas pessoas viram como o Evangelho foi pregado e ficaram zangadas, isto roía-lhes o fígado de raiva. E esta raiva impeliu-os: é a raiva do diabo, a raiva que destrói, a raiva daquele “*crucifica, crucifica!*”, daquela tortura de Jesus. Ele quer destruir. Sempre, sempre!

Vendo esta luta, aplica-se também a nós o belo ditado: «A Igreja prossegue entre as consolações de Deus e as perseguições do mundo» (cf. Santo Agostinho, *De Civitate Dei*, XVIII, 51, 2). A uma Igreja que não enfrenta qualquer dificuldade falta algo. O diabo está demasiado calmo. E se o diabo está calmo, as coisas não correm bem. Sempre a dificuldade, a tentação, a luta... O ciúme que destrói. O Espírito Santo faz a harmonia da Igreja, e o espírito maligno destrói. Até hoje, até hoje. Sempre esta luta. Um instrumento deste ciúme, desta inveja, são os poderes temporais. Aqui diz-se que «os judeus instigaram algumas mulheres religiosas e honestas» (At 13, 50). Foram ter com aquelas mulheres e disseram: “Eles são

revolucionários, expulsai-os!”. As mulheres falaram com as outras e expulsaram-nos: eram as “mulheres piedosas” da nobreza e também as notáveis da cidade (cf. v. 50). Recorreram ao poder temporal, pois o poder temporal pode ser bom: as pessoas podem ser boas, mas o poder enquanto tal é sempre perigoso. O poder do mundo contra o poder de Deus move tudo isto; e por trás, por detrás do poder está sempre o dinheiro.

O que acontece na Igreja primitiva: o trabalho do Espírito para construir a Igreja, para harmonizar a Igreja, e o trabalho do espírito maligno para a destruir, e o uso de poderes temporais para impedir a Igreja, para destruir a Igreja, é apenas uma continuação do que aconteceu na manhã da Ressurreição. Vendo aquele triunfo, os soldados foram ter com os sacerdotes, e os sacerdotes “compraram” a verdade que assim foi “silenciada” (cf. *Mt* 28, 11-15). Desde a primeira manhã da Ressurreição, triunfo de Cristo, está presente esta traição, este “silenciar” a palavra de Cristo, “silenciar” o triunfo da Ressurreição com o poder temporal: os chefes dos sacerdotes e o dinheiro.

Tenhamos cuidado, tenhamos cuidado com a pregação do Evangelho: nunca caiamos na confiança dos poderes temporais e do dinheiro. A confiança dos cristãos é Jesus Cristo e o Espírito Santo por Ele enviado! E o Espírito Santo é o fermento, a força que faz crescer a Igreja! Sim, a Igreja vai em frente, em paz, com resignação, jubilosa: entre as consolações de Deus e as perseguições do mundo.

"Orar é caminhar com Jesus para o Pai que nos dará tudo"

[Domingo, 10 de maio de 2020]

Introdução

Nestes últimos dois dias, houve duas comemorações: o 70º aniversário da Declaração de Robert Schuman, que deu início à União Europeia, e também a comemoração do fim da guerra. Hoje peçamos ao Senhor pela Europa, para que cresça unida, na unidade da fraternidade que faz com que todos os povos cresçam em unidade na diversidade.

Homilia

Neste trecho do Evangelho (cf. *Jo* 14, 1-14), discurso de despedida de Jesus, Ele diz que vai para o Pai. Diz que estará com o Pai e que também quem acredita nele «fará também as obras que Eu faço, e ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai. E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Qualquer coisa que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei» (vv. 12-14). Podemos dizer que este excerto do Evangelho de João é a declaração de ascensão ao Pai.

O Pai esteve sempre presente na vida de Jesus, e Jesus falava sobre isto. Jesus anunciava o Pai. Falou muitas vezes do Pai que cuida de nós, como cuida dos passarinhos, dos lírios do campo... o Pai. E quando os discípulos queriam aprender a orar, Jesus ensinou-os a rezar ao Pai: «*Pai nosso*» (*Mt* 6, 9). Ele vai [dirige-se] sempre ao Pai. Mas neste trecho é muito forte; é como se abrisse as portas da *omnipotência da oração*. «Porque estou no Pai, e o Pai em mim: pedi e Eu farei tudo, mas porque o Pai o fará comigo» (cf. *Jo* 14, 11). Confiança no Pai: confiança no Pai, que é capaz de fazer tudo. Esta coragem de rezar, porque rezar exige coragem! É preciso a mesma coragem, a mesma franqueza para pregar: a mesma. Pensemos no nosso pai Abraão, quando ele - creio que se diz - “negociava” com Deus

para salvar Sodoma (cf. *Gn* 18, 20-33): “E se houvesse menos e menos e menos?...”. Realmente, ele sabia “negociar”. Mas sempre com coragem: “Perdoa-me, Senhor, mas dá-me um desconto: um pouco menos, um pouco menos...”. Sempre a coragem de lutar na oração, porque rezar é *lutar*: lutar com Deus. E então, Moisés: as duas vezes que o Senhor quis destruir o povo (cf. *Êx* 32, 1-35; cf. *Nm* 11, 1-3) e fazê-lo líder de outro povo, Moisés disse: “Não!”. Disse não ao Pai! Com *coragem*! Mas se fores e rezares assim - [sussurra uma oração tímida] - isto é falta de respeito! Orar é caminhar com Jesus para o Pai que te dará tudo. Coragem na oração, franqueza na oração. A mesma que é necessária para a pregação.

E na primeira leitura ouvimos este conflito nos primeiros tempos da Igreja (cf. *At* 6, 1-7), porque os cristãos de origem grega murmuravam - murmuravam, fazia-se isto já naquela altura: pode-se ver que é um hábito da Igreja... - murmuravam porque as suas viúvas, os seus órfãos não eram bem tratados; os apóstolos não tinham tempo para fazer muitas coisas. E Pedro [com os apóstolos], iluminado pelo Espírito Santo, “inventou”, por assim dizer, os diáconos. «Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais confiaremos este importante ofício» (cf. *At* 6, 2-4). O diácono é o guardião do serviço na Igreja. «De modo que estas pessoas, que têm motivos para reclamar, sejam bem atendidas nas suas necessidades, e nós - diz Pedro, nós ouvimos - perseveraremos na oração e no ministério da palavra» (cf. v. 5). Esta é a tarefa do bispo: *rezar e pregar*. Com esta força que ouvimos no Evangelho: o bispo é o primeiro que vai ao Pai, com a confiança que Jesus deu, com a coragem, com a parrésia, para lutar pelo seu povo. A primeira tarefa de um bispo é rezar. Pedro disse: “Perseveraremos na oração e no ministério da palavra”.

Conheci um sacerdote, um santo pároco, um homem bondoso, que quando encontrava um bispo cumprimentava-o bem, de modo muito amável, e fazia sempre esta pergunta: “Excelência, quantas horas por dia reza o senhor?”, e acrescentava sempre: “Pois a primeira tarefa é rezar”. Porque é a oração do chefe da comunidade pela comunidade, a intercessão ao Pai, para que ampare o povo.

A oração do bispo, a primeira tarefa: *rezar*. E o povo, vendo que o bispo reza, aprende a orar. Porque o Espírito Santo nos ensina que é Deus quem “age”. Nós fazemos um pouco, mas é Ele que “age” na Igreja, e é a oração que leva a Igreja em frente. E por isso os líderes da Igreja, digamos assim, os bispos, devem ir em frente com a oração.

As palavras de Pedro são proféticas: “Que os diáconos façam tudo isto, para que as pessoas sejam bem cuidadas e resolvam os seus problemas e também as suas necessidades. Mas a nós, bispos, a oração e a proclamação da Palavra”.

É triste ver bons bispos, pessoas bondosas, ocupados com muitas coisas, a economia, isto, isso e aquilo... A oração em primeiro lugar. Depois, as outras coisas. Mas quando as outras coisas tiram espaço à oração, algo não funciona. E a oração é forte pelo que ouvimos no Evangelho de Jesus: «Vou para junto do Pai. E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado» (Jo 14, 12-13) É assim que a Igreja vai em frente, com a oração, a coragem da oração, porque a Igreja sabe que não pode sobreviver sem esta ascensão ao Pai.

"O Espírito ensina-nos tudo, introduz-nos no mistério, faz-nos recordar e discernir"

[Segunda-feira, 11 de maio de 2020]

Introdução

Unamo-nos hoje aos fiéis de Termoli, na festa da Descoberta do corpo de São Timóteo. Nestes dias, muitas pessoas perderam o trabalho; não foram readmitidas, trabalhavam sem contrato... Rezemos por estes nossos irmãos e irmãs que sofrem por causa desta falta de trabalho.

Homilia

O trecho do Evangelho de hoje é [tirado da] despedida de Jesus durante a Ceia (cf. *Jo* 14, 21-26). O Senhor conclui com estes versículos: «Eu disse-vos estas coisas, enquanto estou convosco. Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e recordar-vos-á tudo o que vos tenho dito» (vv. 25-26). É a promessa do Espírito Santo; o Espírito Santo que habita connosco e que o Pai e o Filho enviam. «O Pai enviará em meu nome», disse Jesus, para nos acompanhar na vida. E chamam-lhe *Paráclito*. Esta é a tarefa do Espírito Santo. Em grego, é o Paráclito que nos sustenta, que nos ampara para não cairmos, que nos mantém firmes, que está perto de nós para nos apoiar. E o Senhor prometeu-nos esta ajuda, que é Deus, como Ele: é o Espírito Santo. O que o Espírito Santo faz em nós? O Senhor diz: «Ele ensinar-vos-á todas as coisas e recordar-vos-á tudo o que vos tenho dito» (cf. v. 26). *Ensinar e lembrar*. Esta é a tarefa do Espírito Santo. Ele *ensina-nos*: ensina-nos o mistério da fé, ensina-nos a entrar no mistério, a compreender um pouco mais o mistério. Ensina-nos a doutrina de Jesus e a desenvolver a nossa fé sem cometer erros, porque a doutrina cresce, mas sempre na mesma direção: cresce em compreensão. E o Espírito ajuda-nos a crescer na compreensão da fé, a entendê-la mais, a compreender o que a fé diz. A fé não é algo estático; a doutrina não é estática: cresce. Cresce como as árvores, sempre

as mesmas, mas maiores, com frutos, mas sempre as mesmas, na mesma direção. E o Espírito Santo impede que a doutrina erre, impede que permaneça sem crescer em nós. Ele ensinar-nos-á tudo o que Jesus nos ensinou, desenvolverá em nós a compreensão do que Jesus nos ensinou, fará com que a doutrina do Senhor cresça em nós, até à maturidade.

Outra coisa que Jesus diz, e que o Espírito Santo faz, é *recordar*: «Recordará tudo o que vos tenho dito» (cf. v. 26). O Espírito Santo é como a memória, Ele desperta-nos: “Lembra-te disto, lembra-te daquilo”; mantém-nos acordados, sempre atentos sobre as coisas do Senhor e faz-nos recordar também a nossa vida: “Pensa neste momento, pensa em quando encontraste o Senhor, pensa em quando deixaste o Senhor”.

Certa vez ouvi uma pessoa rezar assim diante do Senhor: “Senhor, sou o mesmo que era na infância, na meninice, quando tinha estes sonhos. Depois, enveredei pelo caminho errado. Agora chamaste-me”. Sou o mesmo: esta é a memória do Espírito Santo na vida da pessoa. Leva-te à memória da salvação, à memória do que Jesus te ensinou, mas também à memória da tua vida. E fez-me pensar - foi isto que o Senhor disse - numa bonita forma de rezar, de olhar para o Senhor: “Sou o mesmo”. Andei muito, cometi tantos erros, mas sou o mesmo e Tu amas-me”. A memória do caminho da vida.

E, nesta memória, o Espírito Santo guia-nos; guia-nos para *discernir*, para discernir o que devemos fazer agora, qual é o caminho certo e o errado, mesmo nas pequenas decisões. Se pedirmos luz ao Espírito Santo, Ele ajudar-nos-á a discernir para tomarmos as verdadeiras decisões, as pequenas decisões de cada dia e as decisões mais importantes. É Ele que nos acompanha, que nos apoia no discernimento. Ou seja, é o Espírito que nos ensina tudo, em suma, é Ele que faz crescer a fé, que nos introduz no mistério, é o Espírito que nos recorda. Lembra-nos a fé, recorda-nos a nossa vida e, neste ensinamento, nesta memória, é o Espírito que nos ensina a discernir as decisões que devemos tomar. E aqui os Evangelhos dão um nome ao Espírito Santo: sim, Paráclito, porque vos sustenta, mas também outro nome mais bonito: *é Dom de Deus*. O Espírito é Dom de Deus. O Espírito é precisamente o Dom. Não vos deixarei sozinhos, enviar-vos-ei um Paráclito que vos apoiará e vos ajudará a continuar, a recordar, a

discernir e a crescer. O Dom de Deus é o Espírito Santo.
Que o Senhor nos ajude a preservar este Dom que Ele nos concedeu no
Batismo e que todos nós temos dentro!

"Como dá a paz o mundo e como dá a paz o Senhor?"

[Terça-feira, 12 de maio de 2020]

Introdução

Hoje é o dia dos enfermeiros. Enviei ontem uma mensagem. Rezemos hoje pelos enfermeiros e enfermeiras, homens, mulheres, rapazes e moças que exercem esta profissão, que mais do que uma profissão, é uma vocação, uma dedicação. Que o Senhor os abençoe. Nesta época da pandemia, deram um exemplo de heroísmo e alguns perderam a vida. Rezemos pelos enfermeiros e enfermeiras.

Homilia

Antes de partir, o Senhor saúda os seus e concede o dom da paz (cf. *Jo* 14, 27-31), a paz do Senhor: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá» (v. 27). Não é uma questão de paz universal, essa paz sem guerra que todos queremos que haja sempre, mas paz de coração, paz de alma, paz que cada um de nós tem dentro de si. E o Senhor concede-a, mas sublinha: «não como o mundo a dá» (v. 27). Como dá a paz o mundo e como a dá o Senhor? Serão pazes diferentes? Sim, são.

O mundo dá-te “paz interior”, estamos a falar disto, da paz da tua vida, deste viver com “o coração em paz”. Dá-te paz interior como uma tua posse, como algo que é teu e te isola dos outros, mantém-te em ti mesmo, é uma aquisição tua: eu tenho paz. E sem perceber, fechaste-te nesta paz, é uma paz para ti, para um, para cada um; é uma paz sozinha, é uma paz que te deixa calmo, até feliz. E nesta tranquilidade, nesta felicidade, põe-te a dormir um pouco, anestesia-te e faz-te ficar contigo mesmo numa certa tranquilidade. É um pouco egoísta: paz para mim, fechado dentro de mim. É assim que o mundo a dá (cf. v. 27). É uma paz dispendiosa porque temos de mudar constantemente os “instrumentos da paz”: quando uma coisa te

entusiasmo dá-te paz, depois acaba e tens de encontrar outra... É dispendiosa porque é *provisória e estéril*.

Ao contrário, a paz que Jesus dá é algo mais. É uma paz que vos põe em *movimento*: não vos isola, põe-vos em movimento, faz-vos ir ter com os outros, cria comunidade, cria comunicação. A paz do mundo é dispendiosa, a paz de Jesus é gratuita, é grátis; é um *dom* do Senhor: a paz do Senhor. É fecunda, leva-nos sempre em frente.

Um exemplo do Evangelho que me faz pensar em que consiste a paz do mundo, é o daquele senhor que tinha celeiros cheios e a colheita daquele ano parecia ser muito abundante, então pensou: “Mas terei de construir outros armazéns, outros celeiros para a conter e depois ficarei tranquilo... é a minha tranquilidade, com isto posso viver em paz”. “Insensato, diz Deus, esta noite morrerás” (cf. *Lc 12, 13-21*). É uma paz imanente, que não te abre a porta à vida após a morte. Ao contrário, a paz do Senhor é aberta, para onde Ele foi, aberta para o Céu, aberta para o Paraíso. É uma paz fecunda que se abre e também leva outros contigo para o Paraíso.

Penso que nos ajudará refletir um pouco: qual é a minha paz, onde encontro a paz? Nas coisas, no bem-estar, nas viagens - mas agora, hoje, não se pode viajar - nos bens, em muitas coisas, ou será que encontro a paz como um dom do Senhor? É preciso *pagar* pela paz, ou recebo-a gratuitamente do Senhor? Como é a minha paz? Quando me falta alguma coisa, fico zangado? Esta não é a paz do Senhor. Esta é uma das provas. Estou tranquilo na minha paz, “adormeço”? Não é do Senhor. Estou em paz e quero comunicá-la aos outros e levar algo em frente? Esta é a paz do Senhor! Mesmo em tempos negativos e difíceis, esta paz permanece em mim? É do Senhor. E a paz do Senhor é *fecunda* também para mim, porque é cheia de esperança, isto é, olha para o Céu.

Ontem - perdoai-me se digo estas coisas mas fazem parte da vida, e fazem-me bem - ontem recebi uma carta de um sacerdote, um bom padre, e ele disse-me que eu falava pouco do Céu, que deveria falar mais. Ele tem razão, tem razão. É por isso que hoje quis salientar que a paz, esta paz que Jesus nos dá, é uma paz para agora e para o futuro. É começar a viver o Céu, com a fecundidade do Céu. Não se trata de anestesia. A outra, sim: anestesia-te com as coisas do mundo e quando a dose desta anestesia acaba,

procuras outra paz, outra, e outra... Esta é uma paz *definitiva*, fecunda e até contagiosa. Não é narcisista, porque olha sempre para o Senhor. A outra faz com que olhes para ti, é um pouco narcisista.

Que o Senhor nos conceda esta paz cheia de esperança, que nos torna fecundos, que nos torna comunicativos com os outros, que cria comunidade e que olha sempre para a paz definitiva do Paraíso.

"O permanecer recíproco entre a videira e os ramos"

[Quarta-feira, 13 de maio de 2020]

Introdução

Oremos hoje pelos estudantes, pelos jovens que estudam e pelos professores que devem encontrar novas modalidades para dar continuidade ao ensino: que o Senhor os ajude neste caminho, que lhes dê coragem e também bom sucesso.

Homilia

O Senhor volta para “permanecer nele”, e diz-nos: “A vida cristã é permanecer em mim”. *Permanecer*. E aqui usa a imagem da videira, como os ramos permanecem na videira (cf. *Jo* 15, 1-8). E este permanecer não é passivo, um adormecer no Senhor: seria talvez um “sono beatífico”; mas não é assim. Este *permanecer* é ativo e também recíproco. Porquê? Porque Ele diz: «Permanecei em mim e Eu em vós» (v. 4). Ele também permanece em nós, não só nós nele. Trata-se de um permanecer *recíproco*. E noutro trecho diz: «Eu e o Pai viremos a ele e habitaremos nele» (*Jo* 14, 23). É um mistério, mas um mistério de vida, um mistério muito bonito. Este *permanecer recíproco*. E também com o exemplo dos ramos: é verdade, sem a videira os ramos nada podem fazer, pois não recebem a seiva, e precisam da seiva para crescer e dar fruto. Mas também a árvore, a videira, precisa dos ramos, porque os frutos não estão ligados à árvore, à videira. É uma necessidade recíproca, é um permanecer mútuo para dar fruto.

E esta é a vida cristã: é verdade, a vida cristã consiste em cumprir os mandamentos (cf. *Êx* 20, 1-11), é isto que se deve fazer. A vida cristã consiste em percorrer o caminho das bem-aventuranças (cf. *Mt* 5, 1-13): é assim que se deve fazer. A vida cristã consiste em fazer obras de misericórdia, como o Senhor nos ensina no Evangelho (cf. *Mt* 25, 35-36): é assim que se deve fazer. Mas ainda mais: é este *permanecer recíproco*. Sem

Jesus nada podemos fazer, como os ramos sem a videira. E Ele - que o Senhor me permita dizê-lo - sem nós parece que nada pode fazer, pois o fruto é dado pelo ramo, não pela árvore, pela videira. Nesta comunidade, nesta intimidade de “permanecer” que é fecunda, o Pai e Jesus permanecem em mim e eu neles.

E qual é – vem-me à mente - a “necessidade” que a videira tem dos ramos? É dar frutos. Qual é a “necessidade” - digamos assim, com um pouco de audácia - qual é a “necessidade” que Jesus tem de nós? O *testemunho*. Quando no Evangelho diz que somos luz, afirma: «Sede luz, para que os homens “vejam as vossas boas obras e deem glória ao vosso Pai” (Mt 5, 16)», ou seja, o testemunho é a necessidade que Jesus tem de nós. Dar testemunho do seu nome, pois a fé, o Evangelho, cresce pelo testemunho.

Este é um modo misterioso: Jesus glorificado no céu, depois de ter passado pela Paixão, precisa do nosso testemunho para fazer crescer, para anunciar, para que a Igreja cresça. E este é o mistério recíproco do “permanecer”. Ele, o Pai e o Espírito permanecem em nós, e nós permanecemos em Jesus.

Far-nos-á bem pensar e refletir sobre isto: permanecer em Jesus; e Jesus permanece em nós. Permanecer em Jesus para ter a seiva, a força, a justificação, a gratuidade, a fecundidade. E Ele permanece em nós para nos dar a força de [dar] fruto (cf. *Jo* 5, 15), para nos dar a força do testemunho com o qual a Igreja cresce.

E interrogo-me: qual é a relação entre Jesus que permanece em mim e eu que permaneço nele? É uma relação de intimidade, uma relação mística, uma relação sem palavras. “Mas padre, isto é para os místicos!”. Não, isto é para todos nós. Com pequenos pensamentos: “Senhor, sei que Tu estás aqui [em mim]: dá-me força e farei o que Tu me disseres!”. Este diálogo de intimidade com o Senhor. O Senhor está *presente*, o Senhor está presente em nós, o Pai está presente em nós, o Espírito está presente em nós; permanecem em nós. Mas devo permanecer neles...

Que o Senhor nos ajude a compreender, a sentir esta mística do *permanecer*, sobre a qual Jesus insiste tanto, tanto, tanto! Muitas vezes nós,

quando falamos da videira e dos ramos, detemo-nos na figura, na profissão do agricultor, do Pai: que aquele [o ramo] que dá fruto é cortado, isto é, podado, e aquele que não o dá é cortado e lançado fora (cf. *Jo* 15, 1-2). É verdade, faz isto, mas não é tudo, não. Há algo mais. Esta é a ajuda: as provações, as dificuldades da vida, até as correções que o Senhor nos faz. Mas não paremos aqui. Entre a videira e os ramos existe este *permanecer* íntimo. Os ramos, nós, precisamos da seiva, a videira tem necessidade dos frutos, do testemunho.

"Dia de fraternidade, penitência e oração"

[Quinta-feira, 14 de maio de 2020]

Introdução

O *Alto Comité para a Fraternidade Humana* convocou hoje um Dia de oração e jejum para pedir a Deus misericórdia e piedade neste trágico momento da pandemia. Somos todos irmãos! São Francisco de Assis dizia: “Todos irmãos”. E por esta razão, homens e mulheres de todas as confissões religiosas, unamo-nos hoje em oração e penitência, para pedir a graça da cura desta pandemia.

Homilia

Na primeira leitura, ouvimos a história de Jonas, no estilo da época (cf. *Jn* 3, 1-10). Dado que houve “alguma pandemia”, não sabemos, na cidade de Nínive, uma “pandemia moral”, talvez [a cidade] estivesse prestes a ser destruída (cf. v. 4). E Deus envia Jonas para pregar: oração e penitência, oração e jejum (cf. vv. 7-8). Face a essa pandemia [primeiro], Jonas assustou-se e fugiu (cf. 1, 3). Depois, o Senhor chamou-o pela segunda vez e ele aceitou partir para pregar (cf. 3, 1-3). E hoje todos nós, irmãos e irmãs de todas as tradições religiosas, rezemos: um dia de oração, jejum e penitência, convocado pelo Alto Comité para a Fraternidade Humana. Cada um de nós reza, as comunidades oram, as confissões religiosas rezam, oram a Deus: todos irmãos, unidos na fraternidade que nos irmana neste momento de dor e tragédia.

Não esperávamos esta pandemia, ela veio sem que nós a esperássemos, mas agora está aqui. E muitas pessoas morrem. Tantas pessoas morrem sozinhas e muitas morrem sem poder fazer nada. Muitas vezes pode vir o pensamento: “Não me atingiu, graças a Deus estou salvo”. Mas pensa nos outros! Pensa na tragédia e também nas consequências económicas, nas consequências para a educação, nas consequências... o que acontecerá a

seguir. E por isso todos, irmãos e irmãs de todas as denominações religiosas, oremos hoje a Deus. Talvez haja alguém que diga: “Isto é relativismo religioso e não se pode fazer assim”. Mas como não se pode fazer assim, rezar ao Pai de todos? Cada um reza como sabe, como pode, como recebeu da sua própria cultura. Não rezamos uns contra os outros, esta tradição religiosa contra aquela, não! Estamos todos unidos como seres humanos, como irmãos, orando a Deus, segundo a própria cultura, a própria tradição, as próprias crenças, mas irmãos e orando a Deus, isto é importante! Irmãos, jejuando, pedindo perdão a Deus pelos nossos pecados, para que o Senhor tenha misericórdia de nós, a fim de que o Senhor nos perdoe, para que o Senhor ponha fim a esta pandemia. Hoje é um dia de fraternidade, olhando para o único Pai: irmãos e paternidade. Dia de oração!

No ano passado, em novembro do ano passado, não sabíamos o que era uma pandemia: veio como um dilúvio, chegou de repente. Agora acordamos um pouco. Mas há muitas outras pandemias que fazem as pessoas morrer e não nos apercebemos, olhamos para o outro lado. Estamos um pouco inconscientes perante as tragédias que acontecem no mundo neste momento. Só gostaria de vos citar uma estatística oficial dos primeiros quatro meses deste ano, que não fala da pandemia do coronavírus, mas de outra. Nos primeiros quatro meses deste ano 3,7 milhões de pessoas morreram de fome. A *pandemia da fome*. Em quatro meses, quase 4 milhões de pessoas! A oração de hoje, para pedir ao Senhor que ponha fim a esta pandemia, deve fazer-nos refletir sobre as outras pandemias no mundo. São muitas! A pandemia das guerras, da fome e muitas outras. Mas o importante é que hoje - juntos e graças à *coragem* que este Alto Comité para a Fraternidade Humana teve - fomos convidados a rezar juntos de acordo com a nossa tradição e a fazer um dia *de penitência, de jejum e também de caridade*, de ajuda aos outros. Isto é importante! No livro de Jonas, ouvimos que quando o Senhor viu a reação do povo - que se tinha convertido - o Senhor arrependeu-se, e não fez o que queria fazer.

Deus ponha termo a esta tragédia, que Ele acabe com esta pandemia. Deus tenha piedade de nós e ponha fim também às outras terríveis pandemias: da fome, da guerra, das crianças sem escola. É isto que pedimos como *irmãos*, todos juntos. Deus nos abençoe a todos e tenha piedade de nós!

"O relacionamento com Deus é gratuito, é uma relação de amizade"

[Sexta-feira, 15 de maio de 2020]

Introdução

Hoje é o Dia mundial da família. Oremos pelas famílias, para que o Espírito do Senhor, o espírito de amor, respeito e liberdade, possa crescer nas famílias.

Homilia

No Livro dos Atos dos Apóstolos vemos que na Igreja, no início, houve tempos de paz, como o diz tantas vezes: a Igreja crescia em paz e o Espírito do Senhor difundia-se (cf. At 9, 31); tempos de paz! Houve também tempos de perseguição, começando com a perseguição de Estêvão (cf. capp. 6-7); depois Paulo, perseguidor, convertido e em seguida também perseguido... Tempos de paz, tempos de perseguição, e houve também tempos de *perturbação*. Este é o tema da primeira Leitura de hoje: um período de perturbação (cf. At 15, 22-31). «Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós - os apóstolos escrevem aos cristãos que vieram do paganismo - ouvimos que alguns de nós, a quem não tínhamos dado incumbência alguma, viemos para vos perturbar - *para vos perturbar* - com discursos que transtornaram as vossas almas» (v. 24).

O que tinha acontecido? Aqueles cristãos que vieram dos pagãos acreditaram em Jesus Cristo, receberam o batismo e estavam felizes: receberam o Espírito Santo. Do paganismo para o cristianismo, sem qualquer etapa intermédia. Ao contrário, aqueles que eram chamados “judaizantes” alegavam que não se podia fazer assim. Se alguém era pagão, primeiro tinha que se tornar judeu, um bom judeu, e depois tornar-se cristão, para estar na linha da eleição do povo de Deus. E aqueles cristãos não compreendiam isto: “Mas como, nós somos cristãos de segunda classe?

Não se pode passar diretamente do paganismo para o cristianismo? A ressurreição de Cristo não dissolveu a lei antiga, levando-a a uma plenitude ainda maior?”. Estavam perturbados e havia muitas discussões entre eles. E aqueles que o queriam eram pessoas que, com argumentos pastorais, teológicos e alguns até morais, afirmavam que não: que deviam dar aquele passo! E isto questionava a liberdade do Espírito Santo, até a gratuidade da ressurreição e da graça de Cristo. Eram metódicos. E também rígidos.

Deles, dos seus mestres, dos doutores da Lei, Jesus dizia: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, pois percorreis mares e terras para fazer um só prosélito; e, quando o conseguis, fazeis dele um filho do inferno duas vezes pior do que vós mesmos». Jesus diz mais ou menos isto no capítulo 23 de Mateus (cf. v. 15). Essas pessoas, que eram “ideológicas” mais do que “dogmáticas”, “ideológicas”, reduziam a Lei, o dogma, a uma ideologia: “Deve-se fazer isto, isso e aquilo”... Uma religião de prescrições, e com isto tiravam a liberdade do Espírito. E as pessoas que os seguiam eram rígidas, pessoas que não se sentiam à-vontade, que não conheciam a alegria do Evangelho. A perfeição do caminho para seguir Jesus era a *rigidez*: “Há que fazer isto, isso, aquilo...”. Essas pessoas, esses doutores “manipulavam” as consciências dos fiéis, e ou tornavam-se rígidos... ou iam embora.

Por esta razão, repito muitas vezes, a rigidez não é do Espírito bom, porque questiona a *gratuidade* da redenção, a gratuidade da ressurreição de Cristo. E isto é algo antigo: isto repete-se durante a história da Igreja. Pensemos nos pelagianos, nestes... nesses rígidos famosos. E também no nosso tempo vimos algumas organizações apostólicas que pareciam realmente bem constituídas, que funcionavam bem... mas todas rígidas, todas iguais umas às outras, e depois ficamos a saber da corrupção que havia dentro, até nos fundadores.

Onde há rigidez, não há Espírito de Deus, porque o Espírito de Deus é *liberdade*. E essas pessoas queriam dar passos, tirando a liberdade do Espírito de Deus e a *gratuidade* da redenção: “Para seres justificado, debes fazer isto, isso e aquilo...”. A justificação é gratuita. A morte e a ressurreição de Cristo são gratuitas. Não se pagam, não se compram: são um dom! E eles não queriam fazer isto.

O caminho [o modo de proceder] é bom: os apóstolos reúnem-se em concílio e no final escrevem uma carta que começa assim: «Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais incumbência alguma» (At 15, 28), e conferem estas obrigações mais morais, de bom senso: não confundir o cristianismo com o paganismo, com a abstenção da carne oferecida aos ídolos, etc. E no final, os cristãos que estavam perturbados, reunidos em assembleia, receberam a carta e «quando a leram, alegraram-se pela exortação que ela infundia» (v. 31) . Da *perturbação à alegria*. O espírito de rigidez leva-nos sempre à perturbação: “Mas será que fiz bem isto? Não o fiz bem?”. O escrúpulo. O espírito de liberdade evangélica leva-vos à alegria, porque foi precisamente isto que Jesus fez com a sua ressurreição: Ele trouxe alegria! O relacionamento com Deus, a relação com Jesus não é assim, de “fazer coisas”: “Eu faço isto e tu dás-me aquilo”. Uma relação, digo eu - perdoai-me Senhor - *comercial*: não! É gratuito, tal como é gratuita a relação de Jesus com os discípulos. «Sois meus amigos» (Jo 15, 14). «Não vos chamo servos, chamo-vos amigos» (cf. v. 15). «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi» (v. 16). Tal é a gratuidade!

Peçamos ao Senhor que nos ajude a discernir entre os frutos da *gratuidade* evangélica e os frutos da *rigidez* não evangélica, e que nos liberte de toda a perturbação daqueles que colocam a fé, a vida de fé sob as prescrições da casuística, as prescrições que não têm sentido. Refiro-me às prescrições que não têm sentido, não aos Mandamentos. Que nos liberte deste espírito de rigidez, o qual nos tira a liberdade.

"Cristo morto e ressuscitado por nós: o único remédio contra o espírito da mundanidade"

[Sábado, 16 de maio de 2020]

Introdução

Rezemos hoje pelas pessoas que se ocupam do sepultamento dos mortos nesta pandemia. Enterrar os mortos é uma das obras de misericórdia e naturalmente não é algo agradável. Rezemos por elas, que arriscam a vida e correm o perigo de ser contagiadas.

Homilia

Jesus fala várias vezes do mundo, e especialmente na sua despedida com os apóstolos (cf. *Jo* 15, 18-21). E aqui diz: «Se o mundo vos odeia, sabeis que odiou a mim antes que a vós» (v. 18). Fala claramente do ódio que o mundo teve e terá por Jesus e por nós. E, na oração que faz à mesa com os discípulos durante a Ceia, pede ao Pai que não os tire do mundo, mas que os defenda do espírito do mundo (cf. *Jo* 17, 15).

Acho que nos podemos interrogar: *qual é o espírito do mundo?* O que é esta mundanidade, capaz de odiar, de destruir Jesus e os seus discípulos, de os desnaturar, de corromper a Igreja? O que é o espírito do mundo, no que consiste? Far-nos-á bem pensar nisto. A mundanidade é uma *proposta de vida*. Mas algumas pessoas pensam que a mundanidade é festejar, viver em festas... Não, não! A mundanidade pode ser também isto, mas não é basicamente isto.

A mundanidade é uma cultura; uma cultura do efémero, uma cultura da aparência, da *maquilhagem*, uma cultura do “hoje sim, amanhã não; amanhã sim, hoje não”. Tem valores superficiais. Uma cultura que não conhece a fidelidade, porque muda de acordo com as circunstâncias, negocea tudo. Esta é a cultura do mundo, a cultura da mundanidade. E Jesus insiste em

defender-nos disto e reza para que o Pai nos defenda desta cultura da mundanidade. É uma cultura *do descartável*, de acordo com o que for conveniente. É uma cultura sem fidelidade, não tem raízes. Mas é um modo de vida, um estilo de vida também de muitos que se autodenominam cristãos. Eles são cristãos, mas são mundanos.

Na parábola da semente que cai na terra, Jesus diz que as preocupações do mundo - ou seja, da mundanidade - sufocam a Palavra de Deus, não a deixam crescer (cf. *Lc 8, 7*). E Paulo diz aos Gálatas: «Estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo» (cf. *Gl 4, 3*). Impressiona-me sempre quando leio as últimas páginas do livro do padre de Lubac: “Meditações sobre a Igreja” (cf. Henri de Lubac, *Meditazioni sulla Chiesa*, Milão 1955), as três últimas páginas, onde fala precisamente da mundanidade espiritual. Ele diz que é o pior dos males que pode acontecer à Igreja; e não exagera, enumerando depois alguns males terríveis, dos quais este é o pior: a mundanidade espiritual, porque é uma *hermenêutica de vida*, uma forma de viver; também um modo de viver o cristianismo. E para sobreviver face à pregação do Evangelho, odeia, mata.

Quando se fala dos mártires que morreram por ódio à fé, sim, na verdade para alguns o ódio era devido a um problema teológico; mas não na maioria. Na maioria [dos casos] é a mundanidade que odeia a fé e que os mata, como aconteceu com Jesus.

É curioso: a mundanidade, alguém pode dizer-me: “Mas padre, isto é uma superficialidade de vida...”. Não nos iludamos! A mundanidade não é absolutamente superficial! Tem raízes profundas, raízes profundas. É *camaleônica*, muda, vai e vem de acordo com as circunstâncias, mas a substância é a mesma: uma proposta de vida que entra em todo o lado, até na Igreja. Mundanidade, hermenêutica mundana, *maquilhagem*, tudo se pinta para ser assim.

O apóstolo Paulo foi a Atenas e ficou impressionado quando, no areópago, viu muitos monumentos aos deuses. E pensou em falar disto: “Pois bem, passando e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: Ao Deus Desconhecido. Esse, pois, que vós honrais, sem o conhecer, é o que vos anuncio”. E começou a pregar o Evangelho. Mas quando chegou à cruz e à ressurreição, [os atenienses] foram embora

escandalizados (cf. *At* 17, 22-33). Há algo que a mundanidade não tolera: o *escândalo da Cruz*. Não o tolera! Mas o único remédio contra o espírito da mundanidade é Cristo, morto e ressuscitado por nós, escândalo e loucura (cf. *1 Cor* 1, 23).

É por isso que quando o apóstolo João, na sua primeira Carta, aborda o tema do mundo, diz: «Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (*1 Jo* 5, 4). A única: a fé em Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou. E isto não significa ser fanático. Isto não significa omitir o diálogo com todas as pessoas, não, mas com a convicção da fé, a começar pelo escândalo da Cruz, pela loucura de Cristo e também pela vitória de Cristo. “Esta é a nossa vitória”, diz João, “a nossa fé”.

Peçamos ao Espírito Santo nestes últimos dias, também na novena do Espírito Santo, nos últimos dias do tempo pascal, a graça de discernir o que é *mundanidade* e o que é *Evangelho*, e não nos enganemos, porque o mundo nos odeia, o mundo odeia Jesus e Jesus orou para que o Pai nos defendesse do espírito do mundo (cf. *Jo* 17, 15).

“O Espírito Santo recorda-nos o acesso ao Pai”

[Domingo, 17 de maio de 2020]

Introdução

Hoje a nossa oração é pelas numerosas pessoas que limpam os hospitais, as ruas, que esvaziam os caixotes de lixo, que vão às casas para tirar o lixo: um trabalho que ninguém vê, mas necessário para sobreviver. Que o Senhor os abençoe e os ajude!

Homilia

Na despedida dos discípulos (cf. *Jo* 14, 15-21), Jesus dá-lhes tranquilidade e paz, com uma promessa: «Não vos deixarei órfãos» (v. 18). Defende-os daquela dor, daquele sentimento doloroso, da orfandade. Hoje, no mundo, há um grande *sentimento de orfandade*: tantos têm muitas coisas, mas falta o Pai. E isto repete-se na história da humanidade: quando falta o Pai, falta algo e há sempre o desejo de encontrar, de voltar a encontrar o Pai, até nos mitos antigos. Pensemos nos mitos de Édipo, de Telémaco e em muitos outros: procurar sempre o Pai que falta. Hoje podemos dizer que vivemos numa sociedade onde falta o Pai, um sentido de orfandade que diz respeito à pertença e à fraternidade.

É por isso que Jesus promete: «Rogarei ao Pai e Ele dar-vos-á outro Paráclito» (v. 16). “Vou-me embora” - diz Jesus - “mas virá outro que vos ensinará o *acesso ao Pai*. Recordar-vos-á o acesso ao Pai”. O Espírito Santo não vem para “ter os seus clientes”; vem para indicar o acesso ao Pai, para recordar o acesso ao Pai, aquele que Jesus abriu, aquele que Jesus mostrou. Não existe uma espiritualidade só do Filho, só do Espírito Santo: o centro é o Pai. O Filho é o enviado do Pai e volta para o Pai. O Espírito Santo é enviado pelo Pai para recordar e ensinar o acesso ao Pai.

Somente com esta consciência de filhos que *não são órfãos* podemos viver em paz entre nós. As guerras, tanto as pequenas como as grandes, têm sempre uma dimensão de orfandade: falta o Pai para fazer a paz. Por isso, quando à primeira comunidade Pedro diz que respondam ao povo por que

são cristãos (cf. *1 Pd* 3, 15-18), diz: «Fazei-o com docilidade e respeito. Tende uma consciência reta» (v. 16), ou seja, a mansidão que o Espírito Santo dá. O Espírito Santo ensina-nos esta mansidão, esta docilidade dos filhos do Pai. O Espírito Santo não nos ensina a *insultar*. E uma das consequências do sentido de orfandade é o insulto, as guerras, pois se não há o Pai, não há os irmãos, perde-se a fraternidade. São - esta docilidade, respeito e mansidão - atitudes de pertença, de pertença a uma família que está certa de ter um Pai.

«Rogarei ao Pai e Ele dar-vos-á outro Paráclito» (*Jo* 14, 16), que vos recordará o acesso ao Pai, lembrando-vos que temos um Pai que é o centro de tudo, a origem de tudo, a unidade de todos, a salvação de todos, porque enviou o seu Filho para salvar todos nós. E agora envia o Espírito Santo para nos recordar o acesso a Ele, ao Pai e, a partir desta paternidade, a atitude fraterna de mansidão, de docilidade e de paz.

Peçamos ao Espírito Santo que nos recorde sempre, sempre, este acesso ao Pai, que nos recorde que *temos um Pai*. E a esta civilização, que tem um grande sentido de orfandade, conceda a graça de voltar a encontrar o Pai, o Pai que dá sentido a toda a vida e faz com que os homens sejam uma família.